PEDRO PIMENTA

Superar é viver



ENXERGAR OS SEUS LIMITES
É DIFERENTE DE ACEITÁ-LOS

LeYa

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

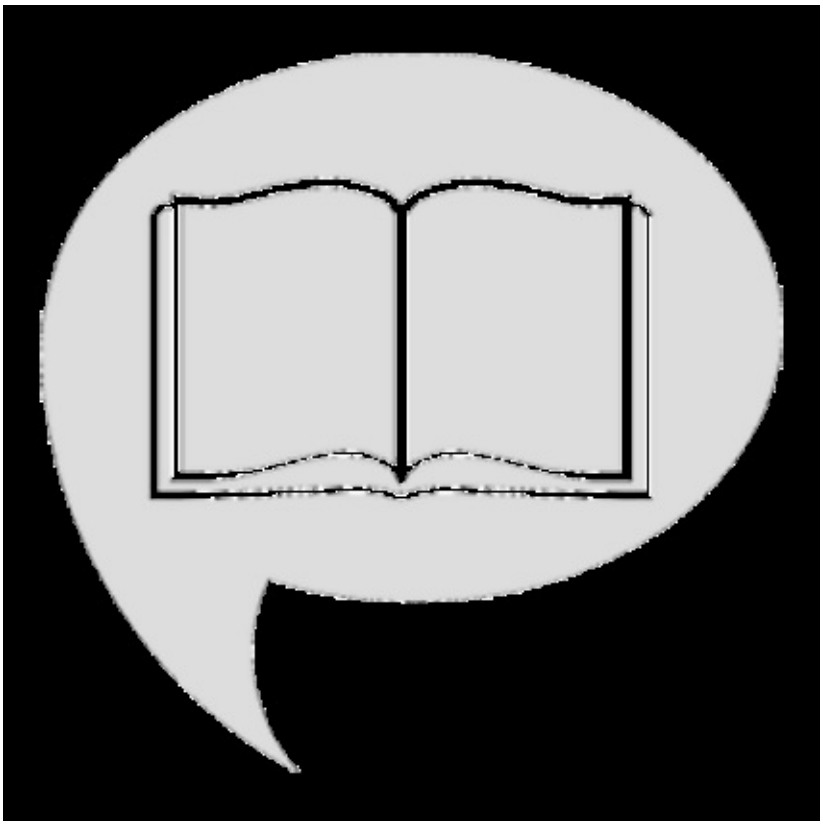
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."


PEDRO PIMENTA
Superar é viver
ENXERGAR OS SEUS LIMITES
É DIFERENTE DE ACEITÁ-LOS
LeYa



A vida é feita para ser vivida, problemas para serem vencidos. A história de superação de um tetra--amputado.

Uma grande lição que sempre passo, nem sempre intencionalmente, é de colocar seus problemas em perspectiva. Enquanto realizo tarefas simples da minha rotina, como ir à faculdade ou fazer compras no supermercado, pessoas vêm falar comigo. Dizem que ao ver como eu lido com minhas limitações, elas passam a enxergar seus problemas de outra forma. Ouço isso diversas vezes por semana. De modo algum quero passar uma ideia de seus problemas são menores, diGícil é minha vida. Acredito que cada um sabe o tamanho dos seus problemas e as diGiculdades pessoais para enfrentá--los. A mensagem que gosto de passar é a de que se pode fazer mais com mais. Se eu posso fazer tanto com tão pouco, você também pode fazer mais com o que tem. É uma questão de entender seus limites. O que é diferente de aceitá--los com resignação, ou desistir de tentar por achar que

n ão vai dar conta. Quando você não tenta, o impossível vai continuar sendo inatingível.

Q uem vê este aquariano batalhador e decidido não imagina o quanto sua v ida mudou nos últimos quatro anos. Em 11 de setembro de 2009, Pedro foi i nternado com menos de 1% de chance de sobrevivência e o diagnóstico de u ma doença fatal que se espalhou rápido por sua corrente sanguínea. Seis m eses e dois comas mais tarde, ele sai vivo dessa experiência, mas com os quatro membros amputados acima dos cotovelos e dos joelhos.

P edro estava destinado à cadeira de rodas. Mas ele desaGiou o destino e venceu!

E m Superar é viver, Pedro conta como num curto espaço de tempo, e ainda t ão jovem, teve percepção e maturidade para enfrentar um problema de s aúde tão grave sem desanimar. Em 6 de dezembro de 2010, ele doou sua c adeira de rodas e nunca mais sentou em uma. Era o início de sua independência e realização.

Um jovem tetra--amputado que:

• Completou uma prova de triatlo de 5km com próteses;
• Caminha sem cadeira de rodas, totalmente adaptado;
• Dirige sem adaptações no veículo.

O Vôo

“Goza a euforia do vôo do anjo perdido em ti Não indagues se nossas estradas, tempo e vento desabam no abismo que sabes tu do fim?

Se temes que o teu mistério seja uma noite, enche-a de estrelas.

Conserva a ilusão de que o teu vôo te leva sempre para o mais alto.

No deslumbramento da ascensão, se pressentires que amanhã estarás mudo, esgota, como um pássaro, as canções que tens na garganta.

Canta, canta para conservar uma ilusão de festa e vitória.

Talvez as canções adormeçam as feras que esperam devorar o pássaro.

Desde que nasceste, não és mais que um vôo no tempo.

Rumo aos céus? O que importa a rota?

Voa e canta, enquanto resistirem as tuas asas.”

Menochi del Picchia

Introdução

Se, quando completei dezoito anos, alguém me dissesse que em poucos meses eu perderia os braços e as pernas, eu teria respondido que era melhor morrer. Não dava para imaginar como seria possível viver e ser feliz sendo tetra-amputado. Assim como não poderia acreditar que, menos de cinco anos mais tarde, eu estaria em um palco, dando palestras, trabalhando como mentor, orientando e servindo de inspiração para outras pessoas.

Quando você está em uma zona de conforto e sabe que terá grandes dificuldades pela frente, sua primeira reação é dizer para si mesmo: “Não tenho como aguentar”. Porém, quando de uma hora para outra você se encontra em uma situação adversa, da qual não há escapatória, você tem duas opções: ou você se entrega ao desânimo e à tristeza, ou enfrenta os obstáculos. Sempre escolho a segunda, pois aprendi que as soluções para os problemas só aparecem quando você os encara.

É impossível, para mim, dissociar as lições que aprendi do trajeto que percorri e das pessoas que conheci. Por isso, neste livro vou contar a minha história de vida: como um garoto paulistano de classe média, que como tantos outros ainda não tinha definido a carreira seguir, sofreu uma terrível fatalidade, aprendeu a encarar as consequências e se tornou um homem que supera suas dificuldades com determinação e trabalho duro. Mas não se engane: apesar do curto espaço de tempo — pouco mais de quatro anos —, esse foi um processo árduo, repleto de momentos de medo, insegurança e muita dor.

Olhando para trás, a maior lição que aprendi foi o quão é importante a cabeça estar bem. Dei entrada no hospital com uma infecção generalizada, com chances ínfimas de sobrevivência. Depois de quase um mês internado, os médicos perceberam que já não havia mais chance de recuperação dos braços e pernas. Pior: dado o avançado estágio de gangrena, eles apresentavam um risco à minha saúde, e a amputação dos quatro membros se tornou não apenas necessária como urgente.

Durante o período que vai até pouco depois das amputações, eu chorava o dia inteiro. Sentia um medo que me impedia de pensar em qualquer outra coisa. Foi o momento mais sombrio da minha vida.

Mas, aos poucos, ainda internado no hospital, a ficha da minha nova situação foi caindo. Com o apoio da família, dos amigos e da equipe do hospital, concluí que para voltar a levar uma vida normal, dependeria principalmente da minha força de vontade.

Encaro os meus braços e pernas como ferramentas que perdi. Elas foram

substituídas por outras que não funcionam tão bem, mas que me possibilitam fazer quase tudo o que fazia antes. De modo diferente, mas que de forma alguma condicionam a minha felicidade. Quando eu estava no leito do hospital, eu pensava: “Não tenho como ser feliz nessa situação”.

Conversando com outros amputados e deficientes físicos, pude perceber o quanto estava errado.

A felicidade não deve estar relacionada a uma condição física. Quem constrói a felicidade, é você, do jeito que você é. Percebi como estamos em uma sociedade que cultua o corpo em detrimento da mente. Tenho certeza de que personalidade e conquistas pessoais falam muito mais alto que aparências. A aparência física se tornou uma obsessão entre homens e mulheres, em vez do desenvolvimento psicológico, social e intelectual.

Eis uma história que ilustra bem o que quero dizer. Brad é um dos muitos amputados que conheci nos Estados Unidos. Ele se tornou um dos meus maiores exemplos de como levar uma vida plena. No fim de 2013, Brad e Paul, seu melhor amigo desde a faculdade, viajaram para o Leste Europeu. Os dois eram profissionais de sucesso até perderem o controle sobre suas vidas. Brad divorciou-se e, por causa de complicações de uma infecção causada pelo vírus H1N1 (da gripe suína), perdeu ambas as pernas e um braço. Contudo, após um longo período internado, havia se reaproximado da família. Paul, por sua vez, perdeu todas as suas economias com a crise de 2008, também se divorciou e, em 2011, seu filho mais velho cometeu suicídio. A viagem seria uma oportunidade para os dois amigos passarem um tempo juntos depois de enfrentarem tantas tragédias.

A acessibilidade a deficientes parece não ser uma questão prioritária nos países da antiga cortina de ferro. Portanto, diversas vezes Brad foi obrigado a contar com a ajuda do amigo para entrar em prédios ou desviar de obstáculos. Paul é um homem alto, forte, atraente e sem um fio de cabelo branco, apesar da meia-idade. Mas quem chamava a atenção era Brad, por causa da sua deficiência. As pessoas o viam andando para cima e para baixo na companhia do amigo e vinham cumprimentá-lo, demonstrando admiração por ele não se deixar abater nem intimidar por suas limitações.

Toda a compaixão era direcionada ao Brad e sua superação. As pessoas mal podiam imaginar o quanto Paul estava partido por dentro.

Brad pensava: “Será que devo contar a história dele para essas pessoas? Quem precisa de um ombro amigo é ele!”

Hoje, percebo que todas as adversidades por que passei me fizeram crescer

como pessoa. Tornaram-me alguém muito maior do que jamais imaginei poder ser. As amputações tiveram um papel determinante no meu amadurecimento.

Quando eu era adolescente, tinha uma mentalidade muito mediana, sem grandes ambições: queria cursar uma boa faculdade, arrumar um emprego, ter sucesso financeiro e profissional. Sei que dificilmente teria alcançado o meu atual grau de desenvolvimento psicológico, social e intelectual sem ter passado por tantas adversidades. Acho que o Pedro de antes precisava ter planos mais grandiosos para o futuro dele, e não apenas seguir a boiada.

"Seja mais ousado e pense maior", seria o meu conselho para o Pedro Pimenta de dezoito anos.

Aquele Pedro com certeza teria uma enorme admiração pelo Pedro de hoje. Nunca fui uma pessoa que gostasse de aparecer, sempre preferi um trabalho mais de bastidores, longe dos holofotes: ter competência sem chamar a atenção para si. Nunca me imaginei como uma pessoa ocupando um palco, dando uma palestra. Se aquele Pedro me visse, ficaria um pouco assustado. Mas, acima de tudo, ficaria muito orgulhoso do que me tornei.

Você não conhece o seu verdadeiro potencial até ser testado.

O processo de transformação de um rapaz fraco, que começava a ganhar peso e dependia dos outros para empurrar sua cadeira de rodas, no cara que sou hoje, independente e que mora sozinho, foi marcado pela ajuda de algumas pessoas que me levaram a ultrapassar limites muito além do imaginável.

No topo da lista está Allison, que foi minha namorada. Eu tinha medo de não ser independente o bastante para ela, e não queria sobrecarregá-la precisando do seu auxílio para qualquer coisa. Isso me fez buscar um nível de autonomia que muitos — inclusive eu mesmo — julgavam impossível.

Ela enxergou em mim um potencial que eu desconhecia, e esteve do meu lado em muitos momentos difíceis, estendendo a mão e dizendo: "Vamos conseguir, juntos".

A equipe da Hanger, companhia americana que produz próteses e possui clínicas de reabilitação de amputados, também teve papel crucial, em particular Kevin Carroll, vice-presidente da empresa. Ele foi o primeiro a me abrir os olhos para o que era possível fazer. E Randy e Chad, instrutores de reabilitação da Hanger, as primeiras pessoas a não me tratarem de forma especial. Já estava acostumado a ter um tratamento diferenciado, e eles lidavam comigo como apenas mais um paciente, impondo as mesmas tarefas e exercícios dos outros, sem nenhuma distinção quanto ao tipo de amputação e sem passar a mão na minha cabeça. Isso até gerou atrito e frustração no começo, mas com o tempo

percebi o quanto foi fundamental.

Eles me obrigaram a estabelecer patamares mais altos para os meus desafios. E assim aprendi a não me contentar com pouco, sempre tentar me equiparar a pessoas que estavam em situação mais vantajosa que a minha.

Metaforicamente, eles recolocaram os meus pés no chão; fui obrigado a sair de um estado de autocomiseração. A filosofia da Hanger me foi passada por eles, e hoje eu a aplico em todas as áreas.

Cada um enxerga a própria situação de um jeito, cada pessoa lida com suas dificuldades de maneira particular. O contato com outros amputados tem papel essencial no processo de autoaceitação. Eles são um parâmetro, ajudam a evitar erros recorrentes e você se sente menos só sabendo que outras pessoas passaram por traumas semelhantes ao seu. Destaco em especial Cameron e Giuseppe, que foram meus mentores na Hanger.

Cameron é um atleta que me mostrou que era possível ser descolado e ativo mesmo não tendo um dos membros. E o italiano Giuseppe me ensinou a priorizar a funcionalidade no lugar da estética, filosofia que transmito aos amputados que visito. Muitas vezes, a pessoa tem em mãos todas as ferramentas para reverter sua condição e ser feliz apesar da amputação, faltando apenas uma mudança de perspectiva. Cada pessoa acumula um universo inteiro de experiências que só ela viveu. A troca de ideias com outros amputados ajuda a encontrar esse novo ângulo de visão.

Não posso deixar de mencionar minha família e meus amigos, que estiveram e continuam por perto — presencialmente ou em pensamento — durante todo esse tempo. Eles são a base de tudo, formam o alicerce da minha personalidade e balizam quem sou. Quando finalmente sai do hospital, minha cunhada Juliana escreveu no quadro branco do meu quarto: “Seja grato pela segunda chance que está tendo, e nunca amargo pelo que aconteceu”. Tenho tantos projetos e planos, e tantas portas se abriram nos últimos anos, que hoje sei que a vida é fantástica. A compreensão disso depende da forma como você a encara.

A incrível experiência que tive com Allison, me apaixonar de verdade por alguém pela primeira vez, valeu muito a pena, e tenho certeza de que os nossos destinos não teriam se cruzado se tudo isso não tivesse acontecido.

A vida é um grande mistério, não sabemos o que vem pela frente. Portanto, precisamos estar atentos às oportunidades que se abrem diante de nós.

Nada me enriquece e deixa mais feliz do que transmitir a minha experiência para outras pessoas. Para mim, é a melhor das terapias. Em meu trabalho como palestrante, e agora como mentor da Hanger, tenho contato com amputados que

estão no mesmo ponto em que eu estava anos atrás: desacreditados e ainda tendo que aceitar suas amputações. Não há nada mais compensador do que testemunhar a transformação das personalidades ao fim do trabalho, saber como fui importante para mudar suas mentalidades e ter os seus feedbacks ao longo das semanas e meses subsequentes.

Essa experiência inspiradora não se resume apenas ao campo das palestras e orientações. Durante meu dia a dia, sem querer acabo colocando os desafios das outras pessoas em perspectiva e muitas vezes por semana sou abordado por estranhos que se dizem admirados ao me ver realizar tarefas rotineiras.

Uma vez, eu estava no estacionamento do supermercado, colocando as compras dentro do carro, quando uma senhora de setenta anos veio conversar comigo. Ela me contou que nunca havia dirigido, apesar de sempre ter tido vontade. Achava-se velha demais para aprender algo novo.

Ao me ver, decidiu que sairia dali para se matricular na autoescola. Queria surpreender seu neto de dezesseis anos, que já dirigia e caçoava dela por sempre depender de caronas. Essa admiração de estranhos é extremamente motivadora, é um combustível que me inspira a seguir adiante.

A minha vida é uma luta diária, acompanhada sempre pela dor. Não mato um leão, mas um zoológico por dia. Enquanto escrevo essa introdução, estou com uma ferida no braço causada pelo atrito da prótese contra o osso. Todos os dias, preciso acordar mais cedo para colocar as minhas próteses. É uma provação cotidiana; não é um trabalho de reabilitação que, depois de finalizado, traz a sua vida de volta ao normal. Esse é meu estado normal.

Não posso me dar ao luxo de deixar minhas amputações se colocarem no caminho da minha realização pessoal. Por isso, quando estou para baixo, coloco o pé no acelerador. Em vez de me encolher, eu me jogo no mundo.

Em vez de me entregar à tristeza, penso em como posso dedicar ainda mais tempo e esforço para avançar com os meus projetos e planos.

Eu não tenho medo do fracasso. Primeiro, porque ele é subjetivo. E, segundo, porque entendi que o fracasso é apenas um passo do aprendizado rumo ao sucesso. Meu único temor é não conseguir progredir e me desenvolver no relacionamento com outras pessoas.

Penso no longo prazo: focalizo um objetivo, divido-o em pequenas metas e começo a trabalhá-las, uma por uma. Mantenho o foco no futuro enquanto trabalho no presente. Isso vale para a minha produção musical, a minha faculdade, o meu trabalho, os meus exercícios de fortalecimento da academia. Para não se deixar abalar pelas adversidades, é preciso ter foco.

Quando retomei a consciência pela primeira vez depois das amputações, olhei para baixo e percebi que não havia mais volta: nunca mais teria meus braços e pernas. Senti um medo do futuro e do que ele me reservava.

"Como vou viver mais sessenta, setenta anos assim?", perguntei-me. Muitos entram em depressão por conta da falta de esperança que a situação traz.

Eu passei por isso.

Mas, agora, me sinto diferente. Depois de mais de quatro anos como tetra-amputado, essa "nova" condição deixou de ser novidade. Nos primeiros dois anos, eu sonhava que tinha braços e pernas. No terceiro ano, as limitações começaram a permear meus sonhos — ainda que o meu corpo fosse normal, meus membros não realizavam coisas simples como segurar um copo ou subir uma escada. Hoje, nos sonhos sou como sou: amputado. Sonho até com as próteses. O novo virou corriqueiro e o problema incontornável se tornou rotina. Quando vejo fotos da minha adolescência, mal me reconheço. Normal para mim, agora, é ser tetra-amputado. O tempo cura todas as feridas, as do corpo e as da mente.

1. A vida por um triz

Doze de setembro de 2009. Por volta das quatro da manhã, acordo com uma náusea intolerável, ponho a cabeça para fora da cama e vomito no chão. O mau cheiro logo toma conta do ar. Sinto como se minhas forças tivessem se esvaído junto com o que tinha no meu estômago. Afundo a cabeça no travesseiro, procurando algum sentido no que vejo à minha volta: o cabideiro cheio de roupas dos meus pais, o banheiro da suíte, a luz artificial amarela entrando pela janela do quarto.

Assim que me dou conta de ter dormido no quarto dos meus pais, surge um pensamento alarmante: “Vou morrer se eu não sair daqui imediatamente”. Meu corpo estava duro e dolorido, e enquanto lanço um olhar para o teto, reúno toda a força que ainda me resta e grito pelo meu irmão.

“Lucas!”

Para a minha surpresa, tudo o que sai da minha boca é um sussurro, e me pergunto se consegui produzir algum som. À medida que luto para permanecer consciente, torna-se mais difícil manter os olhos abertos.

Meu telefone estava sobre o criado-mudo ao lado da cama; arrasto o braço até ele e ligo para o Lucas. O telefone toca diversas vezes pelo que parece ser uma eternidade. “Vamos, Lucas. Atenda o telefone!”, imploro em silêncio. Quando ouço a mensagem de caixa postal, meu coração gela. Sei que provavelmente não conseguirei acordá-lo a essa hora, quando todos ainda estão adormecidos, mas ligo novamente e espero, a chama da esperança se apagando a cada toque sem resposta.

Caixa postal.

Suspiro, quase esgotado. Antes de apagar, me ocorre uma lembrança: recentemente, tinha salvo o número da Juliana, namorada do meu irmão, na memória do celular! Nunca imaginei que algo tão banal quanto um número de telefone pudesse salvar a minha vida.

Luto para me manter consciente; pela terceira vez tento ligar, com as últimas esperanças.

“Oi?”, responde Ju, com uma voz cheia de sono.

“Vem aqui! Vem logo!”, consigo dizer com as minhas derradeiras energias.

Poucos instantes depois, o casal já estava junto da cabeceira. Lucas acende a luz e Ju solta um grito que me deu calafrios.

“É grave! É grave! Precisamos levá-lo para o hospital agora!” Ouço-a divagar sobre o que fazer, e enquanto eles se apressam para me salvar, apago e deixo de ouvir as palavras que lhes saíam da boca.

***

Meses depois, em momentos mais calmos, conversaria com a Ju sobre aquela noite. Ela me explicou o que a havia alertado para o grave risco que eu corria: assim que o quarto se iluminou, viu uma série de pontos roxos nos meus braços e percebeu que as manchas se tornavam maiores à medida que se aproximavam das mãos, estas inteiramente cobertas por uma coloração azulada. Formada em medicina, ela sabia que isso queria dizer que o meu corpo estava em estado de choque e que meus braços estavam gangrenando. Quando Lucas afastou os lençóis, ela percebeu que as minhas pernas estavam no mesmo estado. Mesmo as chocantes fotos de livros didáticos, estudos de caso e plantões não haviam preparado minha delicada cunhada para ver diante de si alguém tão querido naquela condição. Ela sabia que as minhas chances de sobrevivência eram pequenas naquele estágio da infecção, ainda mais levando em conta que estávamos longe do hospital.

Minhas lembranças são pouco nítidas. Recordo-me de ver Lucas me ajudando a chegar até o carro. Eu nem sequer tinha forças para permanecer em pé; estava em um estado que só posso descrever como sendo de uma profunda letargia — a cabeça confusa, a visão embaçada. Só mais tarde soube que o Daniel, meu irmão mais velho, havia chegado no meio da noite e estava dormindo na sala de estar, que fica ao lado do quarto dos meus pais e o quarto onde o Lucas estava. Lucas, com a ajuda da Ju e do Daniel, me colocou no banco de trás do carro e me levou para o hospital mais próximo.

Assim que chegamos, fomos recebidos por uma enfermeira cansada, que, tal como a Ju, percebeu que eu precisava ser encaminhado para uma Unidade de Terapia Intensiva imediatamente e, portanto, tinha de ser deslocado para o Hospital Albert Einstein do Morumbi. Eles não podiam perder tempo com ponderações: a cada segundo, minhas chances de sobreviver diminuíam.

Meu coração não conseguia fazer muito mais do que mandar sangue para os pulmões e o cérebro. O processo de gangrena dos membros queria dizer que eles haviam parado de receber sangue. Para piorar, meus órgãos estavam em colapso. Eu lutava para me manter consciente, mas todo o esforço do meu cérebro estava direcionado para sustentar o fio de vida ao qual me agarrava, de modo que eu não consegui guardar muitas lembranças do trajeto até a sala de emergência.

Minhas últimas recordações são de estar dentro da ambulância, ainda com as

portas abertas: estou deitado na maca, com a cabeça imobilizada, olhando para cima. Vejo as primeiras luzes da manhã irrompendo no céu e hoje me sinto grato por aquelas breves princeladas de cor acima de mim, pois esta seria a última vez que veria o céu em meses. Vejo meus irmãos e minha cunhada aos prantos, sem poder prever o que aconteceria. Vejo os paramédicos resmungarem qualquer coisa enquanto me empurram para dentro da ambulância, ouço meus dois irmãos iniciarem uma discussão acalorada. Tento dar algum sentido às suas palavras para entender a discussão, mas perco a consciência. Tudo fica escuro.

***

Eu era o homem da casa! Meus pais finalmente haviam viajado para a Itália, como há anos minha mãe vinha implorando. Com um irmão morando no centro de São Paulo e outro no Chile, eu tinha a casa só pra mim.

Eu havia completado dezoito anos alguns meses antes e rapidamente me ajustara à tão sonhada vida de maior de idade. Ter a carteira de motorista me dava a independência de ir aonde quisesse, a qualquer hora. Nos fins de semana, podia frequentar bares e boates sem a preocupação de ser barrado. Durante os vinte dias que meus pais estariam fora, a sensação da liberdade recém-conquistada era ainda maior.

Temporariamente, passei a dormir no quarto deles, onde passava noite após noite esparramado na cama de casal. Tive um vislumbre da vida adulta que desejava, fantasiando que eu era um homem de negócios bem-sucedido, embora àquela altura não soubesse ao certo qual carreira seguiria.

Como a maioria dos jovens, sonhava com o sucesso profissional e financeiro, mas também percebia a dura realidade batendo à porta.

Entendia que meus atos e escolhas trariam consequências a longo prazo e que, portanto, eu precisava me esforçar para passar em uma boa faculdade.

Admito que no ano anterior, o último do Ensino Médio, dividido entre colégio e cursinho, eu não havia sido dos alunos mais aplicados.

Mas, após a minha formatura, uma mudança ocorreu: tendo fracassado na primeira tentativa, a pressão havia aumentado e eu teria um ano inteiro pela frente para me preparar para o vestibular. Precisava priorizar esse objetivo; por isso, me comprometi a gastar dez horas por dia, durante seis dias por semana, entre aulas e estudos.

Naquele momento, ao menos já tinha tomado a difícil decisão sobre o que cursar na faculdade. Sempre me senti pressionado para fazer Engenharia, como meu pai e meus dois irmãos, mas em certo ponto estava determinado a cursar Direito. Entendia que eu tinha um talento especial para a arte da argumentação,

depois de ter vencido muitas discussões com os meus irmãos Lucas e Daniel, respectivamente dez e treze anos mais velhos. Por outro lado, a matemática nunca havia sido um pesadelo para mim, ao contrário do que ocorre com muitos adolescentes. Foi então que mudei de escolha novamente e me decidi pelo curso de Administração.

Acreditava que gostaria mais da área. Obviamente, tive de ouvir o meu pai e os meus irmãos tentando me convencer do contrário por um bom tempo.

Em especial meu pai. Para ele, “só havia futuro em três carreiras: Medicina, Direito e Engenharia”. Mas, no fim das contas, era a minha felicidade que estava em jogo, e eles entendiam que eu tinha de ter a última palavra nessa escolha. Com a decisão tomada, concentrei-me em ralar bastante nos estudos para entrar em uma faculdade de ponta e deixar meus pais orgulhosos.

Com os meus pais fora do país, passei a interromper os estudos um pouco mais cedo, a cada dia, para sair com os amigos. Eu me convenci de que merecia algum tempo livre, ainda mais sem ninguém por perto para me cobrar. Como meus pais estariam de volta em poucos dias, logo retomaria o ritmo de antes.

Infelizmente, a viagem deles foi abruptamente interrompida quando deixavam a cidade de San Gimignano a caminho de Roma. Lucas conseguiu falar com eles a caminho do hospital e lhes contou que o caçula da família estava em uma ambulância e tinha poucas chances de sobreviver. Mais tarde, minha mãe contou que sentiu um calafrio ao ouvir o primeiro toque do telefone, por causa do horário da ligação. Coisas de mãe. Meu pai atendeu o celular. Do outro lado, Lucas falava entre soluços: “Pai, é o Pedro.

Ele está muito mal. Não sei o que ele tem. Seu corpo está todo manchado.

Estamos indo para o hospital. Volta, volta...”. Começavam ali as piores 24 horas da vida deles.

Eles deram meia-volta e retornaram para o aeroporto de Milão. Minha mãe dirigia, chorando durante todo o caminho, enquanto meu pai tentava fazer contato com a companhia aérea para antecipar a data de retorno das passagens. De alguma forma, ela conseguiu encontrar o caminho em meio ao tráfego milanês, orientada por um único pensamento: “Preciso ver o meu filho vivo”. Meu pai, sempre uma pessoa racional, entre uma ligação e outra, permanecia silencioso. Apesar do desespero, sabia que precisava transmitir segurança à minha mãe.

Uma vez no aeroporto, muito abatidos, arrumaram dois lugares no primeiro voo para o Brasil. Embora conseguir embarcar tenha sido um alívio, eles ainda teriam de enfrentar dez horas de voo, sem nenhuma comunicação. Foram dez

horas sentados um ao lado do outro, sem trocar uma única palavra. Cada um com seus pensamentos e as lágrimas que não paravam de derramar. Ainda durante a viagem para o aeroporto, uma das ligações tinha sido atendida pela Ju que, ao ser perguntada sobre meu estado, respondeu: “Fale com o Lucas”. Para meu pai, aquilo soou como uma resposta que ele não queria ouvir. Durante todo o voo aquelas palavras martelavam seu cérebro e a conclusão era uma só: ele não está vivo. Como encontrá-lo assim? Ele não suportaria tal situação.

Quando desembarcaram, meu tio e padrinho Antônio Olinto os aguardava no aeroporto de Guarulhos. Meu pai perguntou: “Para onde vamos?”

“Para o hospital, claro”, respondeu ele de pronto. Aquela resposta lhes trouxe um alívio indescritível.

“Ele está vivo”, continuou meu tio, “está em coma, na Unidade de Terapia Intensiva. Ele não escapou da morte ainda, mas não percamos a esperança.”

Sendo médico, meu tio lhes explicou detalhadamente minha situação.

***

Meu diagnóstico foi feito rapidamente: eu tinha contraído uma infecção chamada meningococcemia, causada pela bactéria meningococo, muito conhecida por dar origem à meningite. Na maioria dos casos em que a bactéria é contraída o quadro de fato evolui para uma meningite, uma infecção na região cervical chamada meninge, e que normalmente é tratada com sucesso. O problema ocorre quando essa mesma bactéria atinge a corrente sanguínea em vez da meninge, causando uma infecção que evolui rapidamente, atacando todos os órgãos e vasos sanguíneos. À medida que a infecção avança, os órgãos ficam mais fragilizados até chegarem à falência.

Esse processo de infecção generalizada é chamado de sepse. As chances de sobreviver são baixíssimas — no meu caso, chegaram a menos de um por cento, por ter se passado muito tempo entre a infecção e o diagnóstico.

O aspecto mais assustador dessa infecção é que os primeiros sintomas são similares aos de uma gripe comum: dor de cabeça, dor no corpo, febre e náuseas. Na véspera do dia em que fui internado, embora não estivesse me sentindo bem, não podia imaginar que a minha vida estivesse em perigo.

Ainda mais depois de me consultar em um pronto-socorro, onde fui instruído a voltar para casa e repousar. “Não se esqueça de beber muitos líquidos”, disse o médico plantonista. Como tinha acabado de sair do meu restaurante japonês preferido, imaginava que a razão do meu mal-estar era uma gripe e o estômago cheio. Assim, segui as orientações que me foram passadas pelo plantonista, sem me preocupar muito com o fato.

Cheguei em casa por volta das dez horas da noite e fui diretamente para o quarto dos meus pais para dormir. Lucas e Juliana me disseram para chamá-los se eu piorasse. Eles então desceram para o quintal, onde seus amigos estavam reunidos para comemorar o aniversário do meu irmão.

Lucas tinha chegado do Chile na noite anterior para celebrar seu aniversário de 28 anos com a Ju, seus amigos e eu, e, já no dia seguinte, partiria com a noiva para uma praia do Nordeste. Seu plano original era comemorar em uma danceteria de São Paulo, mas como eu não estava me sentindo bem, por volta das cinco da tarde ele resolveu cancelar a festa.

Insisti para que não fizesse isso – eu estaria bem descansando em casa, disse –, mas não adiantou. “Quero passar o aniversário contigo, oras”, respondeu ele. “Vou chamar o pessoal para cá e comemos uma pizza todos juntos”, completou. Não tínhamos como saber, mas horas mais tarde essa decisão salvaria minha vida.

Olhando em perspectiva, consigo enxergar todos os eventos em conjunto e perceber o quanto fui abençoado. Eu estava sozinho em casa havia duas semanas e ficaria sozinho por mais uma. Se eu tivesse adoecido em qualquer outro dia ao longo dessas três semanas, em vez da noite em que meu irmão estava lá para o seu aniversário, provavelmente teria morrido.

Sou grato por Lucas ter sacrificado uma noite divertida com os amigos para passá-la mais calmamente em companhia do seu irmão doente. E por ter salvo o número da Ju no meu telefone. Foi a perícia médica dela que permitiu identificar imediatamente a gravidade da situação. Além disso, meu irmão tinha passado a noite anterior na casa da Ju e planejava fazer o mesmo na noite do seu aniversário. É uma série de pequenas coincidências durante toda aquela única noite que, colocadas lado a lado e em perspectiva, resulta no milagre que me manteve vivo.

***

Eu me sentia como um relógio mais lento, com a bateria perto do fim.

Minha cabeça estava confusa, não compreendia o sentido dos meus pensamentos. “Por que eu não consigo me mover ou abrir os olhos?” Eu não conseguia distinguir nada além de uma luz brilhante do meu lado esquerdo e silhuetas movendo-se ao meu redor. Sonolento, comecei a delirar com os estímulos ao meu redor. Estava na África, o sol quente brilhando através das fendas da frágil cabana onde eu estava deitado. Podia ouvir as crianças ao meu redor. Estavam brincando, passando de um lado para o outro da cabana, sussurrando segredos umas para as outras. Uma sensação de calor percorria

minhas veias e chegava até o meu cérebro. Eu me sentia em paz.

E então tudo tornava a ficar quieto.

Quando acordei, já não havia paz. Senti como se uma agulha atravessasse minha mão direita, prendendo-a à cama. Queria desesperadamente remover a agulha, mas quando tentei levantar a mão esquerda, percebi que uma chama escaldante a imobilizava. Não conseguia entender o que estava acontecendo comigo e, quando olhei para baixo, vi meu corpo completamente enfaixado, apenas com as pontas dos dedos dos pés e das mãos expostas, pretas e atrofiadas. Antes que eu pudesse refletir sobre a situação, uma mulher de uniforme branco viu que eu estava agitado, correu até mim, e tudo ficou em silêncio novamente.

Minha mente pregava peças constantemente. Os medicamentos me faziam cair em um sono profundo, que parecia durar dias. Mesmo quando estava acordado, era difícil distinguir o que era sonho do que era realidade.

Conforme o tempo passava, eu me tornava mais consciente do que estava acontecendo à minha volta. Lembro de ter visto todas as minhas pessoas queridas reunidas em volta da minha cama e me perguntava o que teria feito todos eles se reunirem em um lugar tão estranho. Eles me faziam perguntas continuamente, e eu lhes garantia que estava bem. Pela luz que entrava pela janela, percebia que era dia, e estava preocupado em não perder aula. Não queria ficar para trás após meses de esforço.

“Pedro, está tudo bem. Procure descansar”, explicou meu pai após minha preocupação.

Nos primeiros dias, eu estava confuso. Por que meus pais pareciam não se preocupar por eu estar perdendo aulas? Mesmo com a minha família me explicando a gravidade da situação, não conseguia entender — para mim, eu tinha contraído uma infecção alimentar no restaurante japonês. Porém, quando notei que os olhos de todos estavam inchados e vermelhos, percebi que algo de muito grave havia acontecido. Por causa de todos os medicamentos que estava tomando, demorei alguns dias para entender o que havia causado minha internação. Meu tio Antônio foi o primeiro a falar abertamente comigo, para me explicar o que tinha acontecido comigo depois de eu ter apagado.

Eu tinha chegado ao hospital à beira da morte, com menos de cinco por cento de chances de sobreviver, e, nos três dias seguintes, essas chances se reduziram virtualmente a zero. Assim que cheguei à UTI, fui colocado em coma induzido. O primeiro médico com quem tive contato e que me tratou por todo o período de internação, Dr. Bacha, tinha sido professor do meu primo Marcelo na faculdade de Medicina. Nos três primeiros dias, Marcelo era sempre um dos primeiros a

receber do médico as más notícias. O

prognóstico era cada vez pior, a ponto de minha família ter sido alertada para se preparar para o pior.

Minha pressão sanguínea estava tão baixa nesses primeiros dias que tiveram de injetar no meu corpo mais adrenalina e noradrenalina do que uma pessoa normal deveria suportar. Embora isso tenha feito com que a gangrena avançasse ainda mais pelos meus braços e pernas, possibilitou que o resto do corpo recuperasse alguma saúde. A situação ainda era muito delicada, mas depois de todas as más notícias anteriores, era um lampejo de esperança ao qual minha família podia se agarrar, rezando para que eu conseguisse sair do coma, o que de fato ocorreu depois de uma semana.

Eu tentava compreender todas as informações com as quais meu tio me bombardeava, mas com o meu cérebro ainda letárgico e tantos remédios agindo no meu corpo, de repente me senti exausto, e voltei a fechar os olhos.

***

Os medicamentos deveriam me fazer dormir, mas por vezes isso significava alucinações, que davam um toque assustador à realidade. Meu cérebro tentava desesperadamente encontrar um sentido em meio à sobrecarga sensorial, e essas visões aterrorizantes eram o que parecia ser mais real naquele momento. Em uma delas, lembro de estar em um ringue no porão escuro do hospital. Não sei como cheguei lá, mas reconheci os enfermeiros ao meu lado — eram os mesmos que trocavam meus curativos diariamente.

Eles me diziam para lutar e me incentivavam. Meu corpo não se movia, e eles não paravam de gritar. Prestei atenção no lutador à minha frente: sua expressão era de ódio, ele era muito mais alto e forte do que eu e estava pronto para me nocautear. Eu não tinha forças para me mover, então não tinha escolha senão encará-lo. Ele me golpeou e me jogou de um lado para o outro, e eu permanecia inerte, sem reação.

Acordei sem notar que havia saído do delírio para mergulhar na realidade: para mim, era tudo igual. Reconheci um dos enfermeiros que me havia empurrado para dentro do ringue e tive certeza que ele estava com raiva de mim por ter perdido a luta. Um pouco envergonhado, fechei os olhos com força e logo fui acolhido pela escuridão tranquilizadora que acompanhava cada dose de morfina. Era impossível ter qualquer noção do tempo, já que eu não sabia por quantos minutos ou horas meus olhos permaneciam fechados.

Uma das piores sensações foi a sede causada por uma semana em coma com um tubo enfiado na garganta. Tudo o que eu desejava, quando acordei naquele

dia 17 de setembro, era um Gatorade de maracujá gelado, mas o máximo que podia ingerir naquele momento eram gotas d'água de um algodão molhado espremido, que nem sequer alcançavam minha garganta.

A sensação de ter a língua úmida por um momento gerava um grande alívio, que me fazia implorar por mais água. Para o meu desespero, minhas cordas vocais não produziam nenhum som devido às irritações provocadas pela intubação. Vários dias depois que o tubo foi retirado, eu não conseguia falar de modo compreensível; era capaz de emitir apenas sons desprovidos de sentido.

Eu passava a maior parte do tempo sozinho. O horário de visitação na Unidade de Terapia Intensiva era de duas horas por dia apenas, rigorosamente respeitadas. Passava o que parecia ser a maior parte do tempo acordado, incluindo as longas noites com enfermeiros vindo checar meu estado a cada poucas horas. À medida que recuperava a consciência, os dias se tornavam mais longos e a solidão aumentava.

O único momento em que desfrutava de alguma companhia dos enfermeiros era durante a diálise, extremamente necessária, pois meus rins estavam completamente paralisados. Meu sangue era retirado lentamente por meio de um tubo conectado à jugular, a máquina o filtrava, e então ele retornava às minhas veias. O processo durava cerca de quatro horas e, uma vez que boa parte do meu sangue passava para dentro da máquina, eu sentia a cabeça muito leve. A melhor parte da diálise, se assim posso dizer, era que um membro da família tinha autorização para ficar do meu lado durante essas quatro horas. Apesar da incontrolável sonolência, a sensação de ter meu pai ou minha mãe ao lado me trazia paz.

Duas vezes por dia se fazia a limpeza das feridas. Perto delas, as sessões de diálise eram um passeio à Disney. Uma das minhas lembranças mais chocantes foi a primeira limpeza feita quando eu já estava acordado. Foi somente naquele momento que tive a exata noção do quanto os meus membros haviam sido afetados pela gangrena. Além de escurecidos e atrofiados, em algumas áreas era possível ver ossos e tendões, devido à profundidade das lesões. Eram essas feridas que me fariam urrar de dor duas vezes por dia, durante mais de um mês. Não é possível explicá-la com palavras — nenhuma quantidade de morfina era capaz de atenuar a ardência causada pelo antisséptico sobre músculos e tendões expostos. A visão chocante dos meus braços e pernas intensificava ainda mais a sensação agonizante.

Durante todo o período em que permaneci internado, a presença constante dos meus familiares e as visitas diárias dos meus amigos eram o que alimentava

a minha determinação de melhorar. Sempre fui sociável, mas nunca imaginei a quantidade de amigos que estaria do meu lado no hospital, dia após dia. Minha família me contou que cerca de sessenta deles vieram ao hospital, logo no primeiro dia, e que eu só comecei a dar sinais de melhora depois do terceiro dia em coma, porque os médicos liberaram a visitação dos colegas mais próximos. Acredito muito na importância da presença deles para me ajudar a sair do estado crítico.

Uma semana depois de ter despertado, o meu quadro clínico deu sinais mais consistentes de melhora, o que era suficiente para sair da UTI e ser transferido para a Unidade de Terapia Semi-Intensiva, ou Semi — o “sétimo andar”.

2. Horizonte distante

Sempre que estou para baixo, penso no meu pai, Bernardo. Sua trajetória de vida é uma das minhas maiores inspirações. Nascido em Capelinha, perto do Vale do Jequitinhonha, norte de Minas Gerais, ele é o caçula de onze filhos — catorze cresceram, mas os três antes dele morreram logo no parto. Apesar de não ter grandes posses, sua família era tradicional na cidade e tinha os estudos como valor maior na educação dos filhos.

Desde pequeno, ele nunca demonstrou habilidade para o esporte, mas sempre se destacou como o mais inteligente da família. Ele lembra da minha avó dizendo: “Filho, você vai se formar para ganhar a vida com a caneta”. Provavelmente fazia um paralelo com o trabalho difícil do meu avô que, na primeira metade do século passado, saía com sua tropa de capelinha em direção ao Rio de Janeiro, onde adquiria mercadorias para distribuir no Vale do Jequitinhonha. Cada jornada dessa levava 3 meses, tempo em que se ausentava de casa, deixando a filharada com minha avó.

Aos dezessete anos, perdeu o pai, de câncer. Aos dezoito, a mãe, do coração.

Com os pais falecidos, mudou-se para Belo Horizonte para cursar Engenharia Elétrica na Universidade Federal de Minas Gerais. Dependendo apenas dos próprios esforços, dava aulas de cursinho e de reforço escolar para se sustentar. Uma vez formado, foi trabalhar no interior do estado.

Enquanto ganhava a vida em uma obra pública de uma pequena cidade do interior, conheceu a minha mãe, que estava passando um tempo no sítio de uma tia, na mesma região.

Um tempo depois, ele foi convidado por seus ex-chefes para trabalhar com eles na Enesa, empresa que haviam fundado recentemente, na qual permanece até hoje. Longe de tê-lo enriquecido, a empresa possibilitou que ele desse uma vida confortável à família. Nos bons e nos maus momentos, ele continua o mesmo sujeito humilde de princípios éticos invioláveis: economiza seu dinheiro, prefere comprar carro usado, não usa roupa de marca. Seu maior luxo foi poder dar a melhor educação possível aos filhos e transmitir a todos nós a sua mentalidade. Se não fosse graças às suas economias, eu não teria tido a oportunidade de adquirir as proteses que tenho. Dedico a ele o meu esforço para me recuperar.

Tenho grande admiração pela minha mãe, uma mulher com um coração

enorme, sempre devotada aos filhos e à família. Ela coloca a família acima de tudo e é capaz de abrir mão de tudo pela felicidade dos filhos. Mulher inteligente, teve boa educação. Começou o curso de história na Universidade Federal de Minas Gerais, mas foi obrigada a largá-lo para trabalhar e ajudar os seus pais, quatro irmãs e três irmãos (oito filhos).

Meu avô materno faleceu antes que eu nascesse e a minha avó materna, a única que conheci, quando eu tinha doze.

Meus pais sempre foram muito rígidos quando o assunto é educação.

Eles nos policiavam, para ver se estávamos aprendendo direito e cumprindo os deveres de casa. Sendo dona de casa, minha mãe em particular fez um trabalho muito intenso como educadora. Sempre colocou a moral e a ética acima de tudo. Muito do meu caráter devo aos meus irmãos, e eles por sua vez devem isso aos meus pais. Não apenas em casa, meus irmãos sempre foram referência na minha vida, pessoas nas quais eu tenho orgulho de me espelhar.

Se tive forças para me recuperar, devo isso a eles.

***

Na adolescência, eu era um grande fã do The Who, Lynyrd Skynyrd, Deep Purple, Led Zeppelin e Pink Floyd. Mas se tivesse de escolher apenas uma banda para escutar pelo resto da vida, seria o AC/DC. Quando não estava dedilhando, na guitarra, um dos numerosos solos que havia memorizado, era provável que os estivesse escutando.

Essa influência musical veio do Lucas, que sempre foi fã de rock clássico.

Quando eu era menor, roubava alguns CDs da coleção do meu irmão, o que o enlouquecia. Com um gosto musical “esquisito” para uma criança, eu era alvo de zombaria da molecada — meus amigos me chamavam de “velho” e coisas do gênero. Eu não ligava: ser diferente era motivo de orgulho.

Portanto, desde o primeiro dia em que abri os olhos ao voltar do coma, um pensamento tomou conta da minha mente: o show do AC/DC, que aconteceria em São Paulo no dia 27 de novembro de 2009. Eu tinha apenas cinco anos na última vez em que eles haviam estado no Brasil. Por isso, eu estava aguardando ansiosamente a apresentação da primeira turnê mundial da banda em sete anos.

Quando fui transferido para a semi, obriguei meu irmão a afixar um cartaz do show bem acima da minha cabeça, de modo que ninguém podia entrar na sala sem lembrar do concerto.

Fiz dele um objetivo para me distrair da situação; é importante sempre ter algo pelo que lutar, algo em vista no horizonte, mesmo em circunstâncias de completa impotência, como a minha. Se um médico entrava no quarto para

compartilhar um novo prognóstico ou realizar um procedimento doloroso, eu me distraía sustentando que iria ao show, e pedia ajuda com a logística. Em pouco tempo, todos no sétimo andar sabiam dos meus planos, mesmo sem levá-los muito a sério. Afinal, a prioridade deles naquele momento era não me deixar morrer.

"é importante sempre ter algo pelo que lutar, algo em vista no horizonte, mesmo em circunstâncias de completa impotência, como a minha."

A essa altura, embora a dosagem dos medicamentos não tivesse diminuído, meu corpo já havia se acostumado a eles, e eu já tinha mais consciência da situação. Passei um tempo estudando os meus braços e aquilo que eu podia ver das pernas. Quando tive certeza de que não estava perdido em outra alucinação e que meus membros não estavam melhorando, comecei a fazer perguntas que já eram aguardadas, mas que eles não queriam responder.

Perguntava se os meus rins voltariam a funcionar e se eu perderia os membros. As respostas eram tão realistas quanto possível, sempre dadas pelos enfermeiros e meus familiares com uma entonação positiva. Mas suas expressões deixavam escapar algo sombrio. Eles tiveram o cuidado de não me dar falsas esperanças, mas foram delicados o suficiente para não me empurrar para a depressão.

Meu humor oscilava com frequência. Durante o dia, podendo receber mais visitantes por não estar mais na UTI, as distrações ajudavam a afastar a tristeza por algum tempo. Porém, à noite, sozinho e acordado, sentia o efeito devastador da depressão e me percebia impotente.

Meus amigos tentavam me manter entretido com notícias de nossos conhecidos, mas logo já não havia muito o que contar e então apenas assistíamos mais uma vez à *Família Soprano*. Quando já tinha visto todos os episódios de cada temporada pelo menos uma vez, isso também se tornou cansativo e combater a depressão ficou mais difícil. O sorriso no rosto dos meus amigos, que costumavam ser tão bem-vindos, agora parecia zombar de mim. Eu me ressentia por eles serem capazes de ir e vir como bem entendessem, enquanto eu estava preso à cama, aflito e incapaz de me mover. Já sabia o que todo o mundo evitava me dizer: eu ia perder os membros. E estava com raiva por eles terem me salvado, e que isso significasse ser privado da vida que eu levava.

Lucas largou o emprego e voltou para São Paulo para ficar comigo; meu pai não conseguia ir ao escritório, tinha praticamente se mudado para o hospital. O

resto da minha família estava esgotado; eu percebia isso, não importava o quanto tentassem esconder. Eu me sentia um fardo para eles.

Os visitantes que antes eu aguardava ansiosamente, agora me deixavam triste. Perdi a vontade de lutar, não queria viver daquele jeito.

Um dia, enquanto meu pai e eu estávamos sozinhos na sala, eu lhe pedi ajuda. Tinha pensado muito e resolvi que fazia mais sentido morrer.

Implorei pela eutanásia. Ele ficou atormentado, como se eu tivesse aberto o peito dele e esmagado o coração.

"É a minha vida! Posso acabar com ela, se quiser. Não há nenhuma razão para eu viver assim", gritei.

Ele se recusou a discutir, e eu senti pena de mim mesmo. Vislumbrava um futuro triste ao perceber que não podia nem mesmo me matar. Em vez disso, era forçado a ver meus braços e pernas inertes serem limpos duas vezes por dia. Não havia escapatória àquela situação miserável.

A equipe do hospital era muito sensível à minha situação e estabelemos um vínculo muito forte. Quando você está no hospital 24 horas por dia, aquelas pessoas se tornam sua família. Eu ficava impressionado como, apesar de o trabalho deles exigir frieza para lidar com pacientes, eles conseguiam ter envolvimento emocional. É impossível lembrar ou citar todos, mas lembro em especial do Fernando, que cuidava de mim em noites alternadas. Desenvolvemos um laço de afeto muito forte, ele e minha família. Volta e meia, ele chorava comigo. Depois de cinco meses e meio sem sair da cama, aquelas pessoas acabam virando parte da família e referência. São pessoas fantásticas, maravilhosas. Por duas vezes acabei urinando na cama por não conseguir me segurar à noite. Eu me desculpava com o enfermeiro de plantão que vinha e me limpava com a maior compreensão do mundo, dizendo: "Relaxa, isso acontece". Sinto eterna gratidão por eles.

Um dos novos companheiros favoritos era o Dr. Leo. Ele era um cara jovem que eu conheci durante meus dias na Unidade de Terapia Intensiva, e ele compartilhava comigo a paixão pelo violão. Ele vinha para o meu quarto da Semi durante o seu tempo livre e tocava bossa-nova para mim.

Gostávamos de cantar músicas melancólicas. Observava os seus dedos deslizarem com mestria sobre as cordas e pensava em meus dedos enrugados e pretos, que nunca mais tocariam um acorde. A música era tão bonita, e minhas lembranças de pode tocar um instrumento ardiam. Eu sempre terminava em lágrimas e, quando encontrava o olhar do Dr. Leo, via que ele também estava chorando.

Minhas esperanças cresceram certo dia, por volta dessa época. Eu estava deitado na cama quando subitamente consegui sentir o punho. Fechando a mão com força, pude sentir cada dedo da mão cravado na minha palma. Era a mais real das sensações. Tentava abrir a mão, sem sucesso, mas eu não me importava, ao menos podia senti-la! Dei a boa notícia com entusiasmo ao primeiro médico que veio me examinar.

"Eles estão voltando!", exclamei. "Meus braços não estão morrendo!"

Ele pôde ver a minha alegria e me permitiu esse momento de felicidade.

Embarcou no jogo e disse que era um bom sinal, embora soubesse que não era verdade. Naquela noite, consegui dormir um pouco mais facilmente, na esperança de que talvez não perdesse os membros.

***

Quando acordei no meio da noite, vi o Lucas dormindo em uma cadeira ao meu lado. Senti uma pontinha de nostalgia ao recordar os anos em que dividíamos o mesmo quarto. Ele já era um adolescente naquela época; no entanto, não se importava em compartilhar o espaço comigo.

É claro que nós brigávamos por coisas pequenas, como, por exemplo, quem ia tomar banho primeiro ou que programa de televisão íamos assistir. A única coisa com a qual sempre concordávamos era o futebol.

Quando havia jogo do Cruzeiro, lá estávamos nós dois na frente da tevê.

Nervosos, acompanhávamos nossos guerreiros de azul driblando adversários, ele e eu compartilhando felicidades e frustrações conforme o resultado do jogo.

Além do Cruzeiro, também dividíamos uma paixão pelos jogos de futebol no PlayStation. O vídeogame se tornou um marco no nosso relacionamento; naquele campo, a diferença de idade e porte físico não importava, éramos iguais e passávamos horas em disputas um contra o outro.

Eu sempre jogava futebol com os meus amigos depois de sair do colégio.

Apesar de ainda ter de voltar de bicicleta, dava o máximo de mim dentro de campo. Chegava em casa invariavelmente esgotado. Ainda assim, corria pelas escadas até o meu quarto, onde encontrava o Lucas mergulhado nos estudos. Eu desabava na cama, e essa era a deixa para ele largar os livros e apanhar o controle.

E assim começava a partida!

Apertávamos os botões freneticamente, sentados na beirada das nossas camas, os olhos grudados na tela. Os resultados eram registrados diariamente em um quadro branco pendurado na parede. Frequentemente, culpávamos o árbitro pela derrota na noite anterior, ainda que ele fosse apenas uma animação e

algoritmos de computador.

Deitado na cama do hospital, vendo Lucas dormir, ansiei pela minha cama, pelo meu quarto. Queria desesperadamente voltar àqueles dias de normalidade, quando minhas maiores preocupações giravam em torno do futebol. Pensei que fosse chorar, mas, em vez disso, senti apenas uma dormência vazia.

Naquele momento, senti que se eu retornasse para casa, talvez tudo pudesse voltar a ser como antes. Não queria aqueles tubos em mim ou a tristeza no olhar da minha família. Queria como nunca deixar aquele quarto de hospital, mas não podia me mover. De repente, estava preso. “Nunca vou deixar este lugar. Eles me amarraram a esta cama e nunca vão me libertar”, pensei.

Mas eu não estava amarrado. A verdade é que meu corpo estava fraco demais e meus braços estavam tão danificados que não podiam se mover, pouco que fosse. Diante da constatação de que não poderia ir a lugar nenhum e de que aquela era a minha nova realidade, permaneci acordado na escuridão, enquanto meu irmão dormia serenamente ao meu lado.

Suspirei quando o sol despontou e gradualmente iluminou o quarto.

Tentei me lembrar de quantas vezes aquele ciclo tinha se repetido. Não fazia ideia de quanto tempo estava lá. Lembrava dos prisioneiros de filmes, daqueles que marcam na parede traços que registram a passagem dos dias.

Sentia-me igualmente encarcerado. Minha prisão era a Semi, e a cela da qual não tinha meios de escapar era o meu corpo.

Minha única chance de sair dali, por pouco tempo que fosse, era o show do AC/DC. A data se aproximava lentamente e, mesmo abatido pela depressão, não parava de importunar o pessoal do hospital. Sabia que o pedido soava ridículo e que qualquer um na equipe seria considerado louco se o levasse a sério, mas ainda tinha esperanças de conseguir ir ao show.

Eles notavam a minha alegria ao falar sobre isso e percebiam que era o único plano futuro que eu tinha em mente.

Que motivação há em acordar todos os dias no mesmo ambiente estéril, os mesmos tubos entrando e saindo do corpo, a mesma rotina dolorosa?

Ficava grato pelas visitas que recebia, mas mesmo estas presenças haviam caído na monotonia. Eu devia aguardar o dia em que perderia os membros?

Ou ansiar pelo momento de deixar o hospital, o que achava que nunca aconteceria? Eu escolhi me agarrar ao show. Esse era um futuro que eu não precisava temer, mesmo que fosse durar apenas uma noite.

Estava tão acostumado à rotina que, quando uma pessoa estranha entrou no quarto, certa feita, soube que não poderia ser um bom sinal. Percebi que era um

médico por causa do jaleco branco. Ao se aproximar, notei que mancava um pouco. Minha família estava comigo naquele momento, e ficamos todos em silêncio para ouvir o que ele tinha a dizer.

Era o Dr. Marco Guedes, especialista em cirurgia ortopédica. Ele me explicou que tinha vindo até o meu quarto para me testar os membros.

Primeiro, ele tirou um par de pinças. Era um exame bastante simples — ele beliscaria os meus pés e mãos de leve, e, de olhos fechados, eu devia lhe dizer se podia sentir algo. Ele demonstrou o procedimento na minha barriga. Começou pelas pernas e minha mãe se encolheu um pouco quando ele retirou o lençol que as cobria. Ela havia passado todos os dias e muitas noites comigo no hospital, mas, como mãe, nunca se acostumaria a ver o filho naquela condição.

Todos no quarto olharam atentamente quando ele beliscou minha coxa.

Fiquei aliviado por conseguir sentir os movimentos que estava fazendo, mas, ao descer pela perna, o estímulo se tornou indetectável. Cheguei a mentir dizendo que sentia, na esperança de que, de alguma forma, isso alterasse o estado das minhas pernas. Ele realizou o mesmo teste nos membros superiores e eu tive o mesmo padrão de sensibilidade: conseguia sentir alguns beliscões na parte de cima dos membros, onde eles se ligavam ao tronco, mas logo abaixo já não havia mais nada.

Ele colheu alguns pedaços do tecido das minhas feridas e os colocou em diferentes tubos. Depois, realizou alguns testes rápidos em relação à gangrena e pude ver que ele estava receoso.

“Doutor”, interrompi. “Eu vou perder os membros?”

Ele hesitou, mas sabia que era o momento de dizer a verdade.

“Sim”, respondeu com relutância.

“Quais?”, continuei.

“Todos os quatro.”

A minha família inteira estava em prantos. Durante semanas, tinham visto meus braços e pernas sem vida, mas ouvir essa notícia mudava tudo.

Já não era mais um medo especulativo: um especialista dando o prognóstico com todas as letras significava que era irreversível. Meu pai se recusou a acreditar. Ele não duvidava da perícia do médico, mas depois de tanta gente ter dito que eu não tinha quase nenhuma chance de sobreviver, ele pensou que talvez o médico pudesse estar errado. Ele lembrou o Dr.

Guedes que eu tinha sentido o punho havia poucos dias e que esse deveria ser um bom sinal. Infelizmente, o médico discordou. Ele disse que a sensação se devia apenas ao fato de minhas terminações nervosas tentarem dar sentido às

coisas. É a chamada dor fantasma e eu estava sentindo apenas o “fantasma” da mão que estava morta.

Todos eles continuaram chorando, mas meus olhos permaneceram secos. Não senti nada e não tive nenhuma resposta emocional às palavras do médico. Em vez disso, continuei a interrogá-lo sobre as inevitáveis amputações. Queria saber onde os cortes seriam feitos e pedi para que ele deixasse o máximo possível, de modo que tornasse o uso de próteses mais fácil no futuro. É claro que ele já sabia disso, mas ainda assim fez questão de concordar. Antes de sair, levantou uma perna das calças que usava para me mostrar que não tinha um dos membros, e senti algum alívio ao saber que, de alguma forma, ele já havia passado pela mesma situação.

Nos dias seguintes à sua visita, houve uma grande mudança no clima.

Não que estivéssemos contentes com a situação anterior, mas eu havia sobrevivido a uma internação de máxima urgência. Agora era diferente: a minha família não ia me perder, mas eles sabiam que eu ia passar por um procedimento extremamente traumático, que traria consequências para o resto da minha vida. Ainda tentávamos processar essa ideia quando contraí uma febre muito alta. Mais uma vez, minha vida estava em perigo.

Os médicos tiveram de agir rápido e ficou decidido que eles não podiam mais esperar para realizar as amputações. Estavam aguardando que o meu quadro clínico melhorasse para enfrentar a cirurgia com menos riscos. No entanto, aquela febre era sinal de que os membros mortos estavam afetando o meu corpo, e a amputação, ainda que pudesse me matar, era a única chance de remediar a situação.

Meus pais hesitaram, mas ao perceber que eram grandes as chances de eu morrer se a cirurgia não fosse realizada muito em breve, aceitaram a ideia de que era um risco que teriam de assumir. Os médicos me prepararam para a operação e minha família passou cada instante ao meu lado até que eu fosse levado para a sala de cirurgia. Eles choraram e se despediram de mim. Aquele seria o último momento comigo.

Depois de me despedir da família, fui levado pelos corredores, os olhos percorrendo o

teto.

As

lágrimas

rolavam

pelo

meu
rosto
incontrolavelmente. Eu não estava triste diante da ideia de perder os membros. Chorava por antecipar minha morte. Quanto mais perto eu chegava da sala de cirurgia, mais próximo parecia ser o meu fim. Eu me sentia solitário na maca. A presença dos enfermeiros, demasiadamente ocupados com os seus afazeres, não era nada reconfortante.

A maioria das pessoas torce para que a morte seja rápida e indolor. Mais que isso, espera-se que seja repentina, não anunciada. Ter consciência da morte iminente é algo desconcertante. Eu desejava nunca ter saído do coma, para não ter de estar acordado naquele momento. Não queria que esse temor avassalador fizesse parte das minhas lembranças, armazenado na mesma parte do meu cérebro onde ficavam as gargalhadas partilhadas com pessoas queridas ao longo dos anos.

A enfermeira finalmente me dirigiu para a sala de preparação. Um processo que parecia interminável, até ela me explicar que estava prestes a administrar a anestesia. Ela me pediu que contasse regressivamente de dez até um, para saber o momento em que a anestesia teria feito efeito. À
medida que os números diminuíam, sentia como se contasse meus últimos momentos no planeta.

Escuridão.

3. Futebol, bullying e amizades

Desço correndo pela rua, um enorme sorriso estampado no rosto. Meus colegas da vizinhança e eu tentamos ultrapassar uns aos outros, enquanto um guarda corre atrás de nós. Conseguimos despistá-lo, tendo ao nosso favor a escuridão e a agilidade infantil. Subimos em árvores e pulamos cercas, sem conseguir prender as gargalhadas a cada obstáculo superado.

Quando já não ouvimos a respiração ofegante do guarda, percebemos que escapamos com sucesso. Diminuímos o ritmo para retomar o fôlego, a adrenalina ainda percorrendo nossas veias.

Caio se apoia em algumas árvores, segurando firme o revólver de Lego com as duas mãos na frente do peito. Cantarolamos a música-tema de James Bond em uníssono, enquanto ele estica os braços e se prepara para disparar contra um vilão invisível. Rolo pela grama e me escondo atrás de um arbusto, aguardando o momento certo para agir. Estamos todos de preto, mas o barulho das nossas risadas é impossível de disfarçar.

***

Aos oito anos, os demais garotos do condomínio e eu tínhamos James Bond como modelo de vida. Como Daniel era um ávido fã do espião, tínhamos toda a coleção de filmes em VHS. Nós assistíamos aos filmes e jogávamos o GoldenEye 007, um vídeogame no qual podíamos agir como se estivéssemos na pele do agente secreto. Mas mesmo os vídeogames eram apenas inspiração para a verdadeira diversão.

Quando chegava a noite, pegávamos nossas armas de plástico e partíamos para a nossa “arriscada aventura”. Nosso condomínio era nosso *front*. Disfarçávamos nossos passos à medida que nos aproximávamos da sede da segurança. Logo antes de entrar, fazíamos uma pausa para reunir o grupo. Então, na contagem de três, nos espalhávamos e invadíamos o prédio com nossas armas de brinquedo em punho.

“Pou! Pou!” – começava o tiroteiro de faz de conta.

Visivelmente irritado com nossa pequena ousadia, um dos seguranças era incumbido de vir atrás de nós. Ele só não sabia que ninguém captura James Bond e, mais uma vez, saíamos correndo sem sermos pegos.

São inúmeros os episódios como esse. Todo dia, inventávamos uma nova travessura. Os guardas nos chamavam de “bagunceiros” e os nossos pais

chamavam nossa atenção. Mas uma coisa é certa: vivemos nossa infância ao máximo!

***

À medida que crescíamos, as brincadeiras da turma do condomínio iam mudando — assim como suas implicações morais. Passei por uma fase bastante complicada quando tinha uns doze ou treze anos. Como é natural nessa idade, todo o mundo pegava no pé de todo o mundo, mas nunca me dei bem com esse tipo de zombaria. Assim, tornei-me o melhor alvo, já que, apesar de ser brincalhão, também era o mais sério dos meninos. Sempre tive uma mentalidade mais madura, resultado da minha educação em casa e do contato com irmãos muito mais velhos.

Como ficava na minha e não gostava de entrar na onda geral de cair na dos outros, virei alvo de bullying. O pessoal pegava minha bicicleta sem pedir permissão, descascava o banco de gel. Eu não conseguia me impor.

Pior: quando reagia, parecia que as coisas só se agravavam.

Um dos garotos que mais pegavam no meu pé era o Bolinha. Um dia, estávamos jogando bola na quadra, que ficava em uma parte mais baixa do terreno. Deixávamos nossas bikes na parte mais alta e descíamos muitos lances de escada por uma encosta íngreme. Naquele dia, depois da partida, minha bicicleta tinha sumido. Antes de voltar a pé para casa, passei na sede da segurança e perguntei se alguém a tinha visto. Ninguém sabia de nada.

Quando passei pela casa do Bolinha, eu a avistei. Se você não compra uma briga, acaba sendo tachado de covarde. Hoje sei que, quando abusam de você, a melhor solução é peitar o valentão. Mas eu não tinha essa manha.

Bati na porta e chamei o Bolinha. Pensei em bater nele, mas disse que tinha avisado os seguranças.

Logicamente, após a “denúncia” não aconteceu nada. Bolinha espalhou a notícia para as outras crianças. E fiquei com a fama de “tiozão”. Não brigava não era por medo do confronto, mas porque eu tinha medo de apanhar.

Como se os tapas de um garoto de doze anos pudessem causar grande estrago…

Apesar de ser alvo constante da zoação dos outros meninos, não deixava de andar com eles porque meu amor pelo futebol falava mais alto — então, engolia em seco as ofensas para não deixar de jogar. Até que a situação ficou insustentável e precisei abrir mão da minha diversão predileta. De certa forma, isso me trouxe dificuldades para me relacionar socialmente.

Sentia-me retraído e, nas festas, não conseguia conversar com as meninas.

O término do Ensino Fundamental foi comemorado com uma viagem para Cabo Frio, no litoral do Rio. Sentia-me extremamente desconfortável em grandes grupos, a situação parecia só piorar até que comecei o Ensino Médio. Acabei sendo separado dos meus amigos de turma, porque diziam que eu era muito arruaceiro. Fui colocado em uma turma cheia de repetentes, indisciplinados e alunos novos.

O ser humano tem dificuldades em lidar com mudanças. Quando entrei pela primeira vez naquela nova sala, pensei: “Ferrou de vez”. Normalmente, consideramos que mudanças drásticas são negativas, mas elas são necessárias: representam a chance de recomeçar.

À exceção de alguns repetentes, com quem já tinha trocado algumas palavras, não conhecia ninguém. Achei que minha vida social tivesse acabado. Mas pouco tempo depois, me dei conta da chance que tinha nas mãos. Em meio às crises de autocomiseração, comecei a andar com os alunos novos. Quando dei por mim, tinha formado um novo grupo de amigos. Comecei a frequentar as festas de quinze anos e com aquele grupo já não sentia mais o peso dos anos de bullying. As amizades que formei nessa época perduram até hoje — a maior parte dos amigos que vieram me visitar enquanto estive internado vinha desse grupo. Por um tempo, deixei de andar com os “amigos” do condomínio.

“O ser humano tem dificuldades em lidar com mudanças. Quando entrei pela primeira vez naquela nova sala, pensei: “Ferrou de vez”. Normalmente, consideramos que mudanças drásticas são negativas, mas elas são necessárias: representam a chance de recomeçar.”

A lição que aprendi com o bullying que sofri foi de não aceitá-lo e nunca se deixar diminuir. A grande crueldade do bullying é minar a autoconfiança.

Sem querer, você absorve o que as pessoas dizem a seu respeito. Acaba acreditando nas coisas ruins que essas pessoas — em quem você não confia — dizem de você.

A gente nunca deve se diminuir. Nossa autoestima é a maior arma de reação. Quando ela está em baixa, é impossível fazer qualquer coisa direito.

Uma maneira de contornar isso é focar nos seus próprios valores, nas suas qualidades e turbiná-las. Confiar nos seus potenciais de modo que eles se tornem maiores que seus defeitos — ou naquilo que os outros apontam como sendo seus defeitos.

Nem sempre quem pratica bullying, sabe o mal que está fazendo.

Ironicamente, hoje em dia eu sou o cara de referência daquele grupo do condomínio. Eu tenho uma vida cheia de desafios, e eles têm orgulho de ter me conhecido quando criança.

***

Além da música, outra constante na minha vida é a paixão pelo futebol — e pelo Cruzeiro, em particular. Mary, mãe da minha mãe e a única avó que conheci, me ensinou a ser cruzeirense desde bebê. O time era minha religião e a camisa azul-celeste, com o Cruzeiro do Sul, era o meu manto sagrado.

O amor pelo time atingiu o seu patamar mais alto quando completei dezoito anos. Era o ano de 2009 e o Cruzeiro tinha chegado à final da Copa Libertadores mais uma vez. O jogo de volta seria disputado no Mineirão. Eu tinha de ir! Como estava completamente focado no curso pré-vestibular, precisei insistir bastante junto aos meus pais para convencê-los a me deixarem ir.

Combinamos que eu iria pouco tempo antes do jogo e retornaria logo depois da comemoração — ou perda — do título.

Chegando a Belo Horizonte, fui direto ao estádio. O clima da cidade era de festa e um mar de torcedores vestidos de azul seguia em direção ao Mineirão, cantando e pulando de alegria, na empolgação de ver o Cruzeiro ser tricampeão da Libertadores. Encontrei-me com os meus primos Ângelo e Táti, com os quais tinha testemunhado várias vitórias do Cruzeiro, e fomos direto para um dos bares dentro do estádio, para comer um tradicional feijão tropeiro antes do jogo.

Uma noite linda. Como o céu estava limpo e estrelado, a constelação que adorna o escudo da nossa camisa podia ser avistada ao longe. O estádio estava completamente tomado por gente vestida de azul. Tensão, ansiedade e otimismo. Tudo pronto para o apito inicial. O silêncio ansioso deu lugar aos cantos em uníssono, a festa estava incrível. O primeiro tempo terminou sem gols, resultado que levaria o jogo aos pênaltis — e alguns torcedores para o hospital. No segundo tempo, aconteceu o que todos aguardavam: Cruzeiro 1, Estudiantes 0. O Mineirão foi à loucura! O sonho estava se realizando! Logo em seguida, porém, o time argentino empatou e, antes que a multidão pudesse se recompor, a partida virou. Resultado final: Cruzeiro 1, Estudiantes 2. Derrota de virada, em casa.

“A lição que aprendi com o bullying que sofri foi de não aceitá-lo e nunca se deixar diminuir. A grande crueldade do bullying é minar a autoconfiança. Sem querer, você absorve o que as pessoas dizem a seu respeito. Acaba acreditando nas coisas ruins que essas pessoas — em quem você não confia — dizem de você.

A gente nunca deve se diminuir. Nossa autoestima é a maior arma de reação. Quando ela está em baixa, é impossível fazer qualquer coisa direito.

Uma maneira de contornar isso é focar nos seus próprios valores, nas suas qualidades e turbiná-las.

Confiar nos seus potenciais de modo que eles se tornem maiores que seus defeitos — ou naquilo que os outros apontam como sendo seus defeitos.”

De madrugada, voltando para casa, não conseguia entender como aquilo tinha acontecido.

Quando cheguei em casa, lembrei-me de ter dito à minha mãe que o meu ano estava acabado, e não podia piorar.

Mal sabia eu o quanto estava errado.

4. Uma nova realidade

Permaneci em coma por treze dias. Quando fui internado, tinha dois braços e duas pernas. Um corpo inteiro. Quando acordei, não tinha mais os membros. Cada cirurgia foi realizada separadamente, para que meu corpo tivesse tempo de descansar. Primeiro, foi o antebraço direito; depois, o esquerdo. Em seguida, as pernas: a esquerda até a coxa; o mesmo com a direita. Como se as quatro amputações já não fossem suficientemente limitantes, os braços infeccionaram. Era um dos numerosos receios do pós-operatório que poderia resultar em morte. Meu corpo estava fraco demais para combater a infecção e precisei voltar para a sala de cirurgia, para ter os braços amputados novamente, um pouco acima. Infelizmente, isso significava perder os cotovelos, e essa é uma das coisas mais difíceis com as quais tenho de lidar como amputado.

Essas cirurgias foram realizadas em cinco dias e os últimos dias de coma se passaram sob condições críticas. A temperatura do meu corpo tinha subido para fatais quarenta graus. As bactérias tomaram conta do meu organismo e os médicos não conseguiam controlar a infecção. Minha família temia que, depois de tudo o que passamos, acabaria me perdendo.

Foram momentos muito delicados. Após vários dias de aflição, por fim conseguiram debelar a febre.

Quando por fim saí do coma, entrei no já familiar estado de confusão mental causado pelos medicamentos. Tentava dar sentido ao que via ao meu redor, mas tudo era muito confuso. Minha cabeça pesava tanto que eu agradeci por estar deitado. A parte de cima da cama estava inclinada o suficiente para eu conseguir enxergar um pouco além do meu abdomen , olhando para a frente. Debaixo do fino lençol que me cobria, eu podia traçar as linhas do meu corpo, mas fiquei espantado ao ver o lençol estendido sobre a cama abaixo das minhas coxas. Procurei pelos meus braços e notei que eles também haviam desaparecido. É verdade que eu não fiquei surpreso, pois essa era uma realidade para a qual eu já vinha tentando me preparar, mas ver o seu corpo daquela maneira pela primeira vez é uma sensação que não pode ser explicada.

A ficha ia caindo e eu percebi que meu destino estava selado. Não havia nenhum jeito de reaver meus braços e pernas, e isso era muito assustador.

No fundo, até o último segundo, eu tinha alimentado esperanças de que eles pudessem voltar à vida, o sangue miraculosamente voltar a circular pelos

membros até os dedos, substituindo as gangrenas por tecido saudável. Mas ao olhar para o meu novo corpo, pensei no que seria a minha vida a partir de agora e senti que não havia mais como recuperar o que tinha perdido.

Foi triste perceber que eu não poderia mais fazer as duas atividades que mais gostava; lembrei do tempo que passava tocando violão no quarto e jogando bola com os amigos. Essas foram apenas as duas primeiras atividades que me vieram à mente, porém, quanto mais eu pensava, maior se tornava a lista. Uma pergunta não me saía da cabeça — e das de todos ao meu redor: “Por que comigo?” Há pessoas que causam tanto mal e sofrimento... Por que eu? Não havia sido consequência de atos impensados, de riscos mal calculados ou de uma atitude errada. Foi porque a vida quis assim. Uma condição imposta. Não houve espaço para negociações ou apresentação de defesa. Ditatorialmente, a vida me havia sentenciado a uma pena perpétua e sem direito de recorrer. Ponto final.

Apesar de o meu quadro estar mais estabilizado depois das amputações, a maratona de cirurgias estava longe de acabar. A infecção tinha destruído boa parte dos tecidos e músculos daquilo que havia sobrado das minhas pernas e, para cobrir essas áreas, foi preciso enxertar pele da barriga e do tórax. O processo é grotesco de se ver: usa-se um removedor de pele, similar a um descascador de batatas, com o qual o médico retira tecido da “área doadora” e tranfere para a “área enxertada”. A área doadora permanece em carne viva. Durante dias amarguei uma ardência capaz de fazer qualquer um desmaiar na falta de analgésicos. A troca de curativos era dolorosa, mas necessária. O médico — ou artista — responsável foi o cirurgião plástico Dr. Carlos Fontana, que, graças ao seu talento e seriedade, lutou para não fechar mais portas na minha vida. Como a infecção já havia atingido porções muito altas dos membros, esse procedimento foi essencial para que minhas pernas e braços tivessem a altura necessária para o uso de próteses. Dr. Fontana, com suas mãos hábeis, possibilitou que eu tivesse a qualidade de vida que tenho hoje. Ele é um verdadeiro herói para mim.

***

Estava internado havia mais de um mês no hospital e ainda não tinha coragem de me olhar no espelho. Não fazia a mínima ideia de como estava a minha aparência. Minha família dizia que eu estava mais magro e a pele mais escura em função dos antibióticos. Certo dia, ainda me recuperando das cirurgias, decidi que era hora. Pedi à minha família, e eles tentaram me convencer a não fazê-lo. Insisti que precisava dar esse passo. Depois de alguma hesitação, chamaram um assistente de enfermagem para me colocar em uma

cadeira de rodas. Ele me levou pelo corredor até o banheiro e me colocou na frente do espelho.

As lágrimas rolaram assim que vi meu reflexo. Com a visão borrada, eu me examinava. Estava enfraquecido: minha pele parecia colada sobre os ossos. Eu tinha uma cor marrom e meus olhos castanho-esverdeados agora estavam avermelhados por causa da medicação. Meus braços e pernas estavam costurados e enfaixados como uma múmia. Fiquei muito triste ao ver aquela estranha figura na minha frente. Meu pai entrou logo em seguida e chorou ao meu lado. Depois do choro compartilhado e de ter gravado minha própria imagem no cérebro, voltamos para o quarto.

Permaneci deitado dia e noite, tentando me acostumar com o meu pequeno corpo que agora cicatrizava. Não havia jeito de aquelas coxas curtas poderem um dia me sustentar – o que dirá voltar a andar sozinho.

Miserável, estava internado havia dois meses e temia ficar preso a uma cama pelo resto da vida. Um vislumbre sombrio do que viria pela frente passou pela minha mente. Vi meus irmãos dormindo de novo na casa dos meus pais para me fazer companhia, abrindo mão de suas vidas particulares. Meus amigos com pena de mim, me visitando para me fazer sentir melhor. Uma namorada? Nem pensar! O futuro era assustador e eu me sentia num buraco cada vez mais fundo.

Minha cabeça não parava: tudo o que conseguia pensar, era o quanto a vida seria patética quando deixasse o hospital. Eu trocaria uma prisão por outra. A depressão tomou conta de mim sem deixar espaço para mais nada.

Tal como na UTI, a limpeza das feridas era feita duas vezes por dia. Mas eu nunca poderia imaginar que seria ainda pior agora. Era necessário esterilizar os pontos e as feridas da cirurgia. A dor física era inacreditável, mas acho que o pior é como eu me sentia emocionalmente. Os medicamentos pesados me deixavam ainda mais atormentado. Eu estava destroçado, sob todos os aspectos.

A sequência de infortúnios foi interrompida quando os meus rins recuperaram suas funções. Os médicos sempre estiveram confiantes de que eles voltariam, mas estávamos preocupados por causa da demora. A ideia de precisar me submeter a sessões de diálise toda semana, pelo resto da vida, me causava pânico. Quando urinei pela primeira vez, foi como uma grande vitória. Era algo banal, mas parecia ser a única coisa que estava dando certo. Ainda assim, não foi o suficiente para me erguer do fundo do poço.

Percebendo como o meu humor havia piorado, minha família procurou por pessoas que passaram por situações similares à minha. A primeira a me visitar foi Thaise Guedes, então vereadora de Maceió, uma tetra-amputada como eu.

Ela entrou de cadeira de rodas pelo meu quarto, com uma ajudante ao lado, e conversamos sobre a vida nessas circunstâncias. Thaise também havia perdido os membros em decorrência de uma meningite, contraída aos treze anos, com a diferença de que ela tinha os cotovelos. Em 2008, ela havia sido eleita a mais jovem vereadora do Brasil, com apenas 21

anos, e em 2010 se tornara a mais jovem parlamentar da Assembleia Legislativa de Alagoas. Na maior parte do tempo foi ela quem falou, respondendo às perguntas que eu fazia enquanto entrava e saía de cochilos sucessivos causados pela morfina. Por conta disso, os detalhes da nossa conversa são um pouco nebulosos para mim, mas lembro de me sentir menos solitário sabendo que eu não era o único que havia tido os membros e o estilo de vida roubados pela doença.

Minha família e ela foram almoçar no restaurante do hospital enquanto permaneci no quarto. Quando retornaram, contaram-me entusiasmados que ela conseguia mexer na bolsa, usar o celular e mandar mensagens de texto. Ela conseguia realizar essas tarefas cotidianas com facilidade. Mesmo com todos os detalhes que me contaram, não partilhei do otimismo deles.

Eu me imaginava em pé, não em uma cadeira de rodas. Eu queria ter um corpo completo, com próteses substituindo os membros. O encontro me deixou apreensivo, pois percebi que essa poderia ser a única opção viável para mim, e isso me empurrava de volta à minha autopiedade e depressão.

O visitante seguinte foi Rodrigo Mendes. Ele também entrou no meu quarto em uma cadeira de rodas, com um homem ao lado, e me contou sua história. Mais uma vez precisei lutar para me manter acordado, mas lembro de Rodrigo me falando sobre a tentativa de assalto que sofreu quando ele tinha dezoito anos. O assaltante atirou e atingiu sua coluna cervical, deixando-o tetraplégico, capaz apenas dos movimentos de cabeça. Sua história se assemelhava à minha, pois tínhamos a mesma idade emblemática quando tivemos a vida virada do avesso. Ambos havíamos acabado de tirar carteira de motorista, planejávamos nosso futuro e desfrutávamos nossa juventude, vitalidade e perspectivas. E tivemos nossa liberdade e nossa independência roubadas de forma abrupta e trágica.

Fiquei ainda mais tocado ao descobrir que ele não só havia sido aprovado na faculdade de Administração de Empresas — mesma carreira que eu pretendia seguir — como também se formou como melhor aluno da classe. De forma alguma ele havia deixado que suas dificuldades pessoais o impedissem de atingir o seu potencial acadêmico. Rodrigo ressaltou a importância dos estudos e de buscar meios para se sustentar por conta própria. Isso ressoou não apenas em

mim mas também em meu pai, que acompanhava atentamente tudo o que Rodrigo dizia. Ainda não havia considerado minha vida no longo prazo do ponto de vista financeiro. Não queria depender dos meus pais e irmãos, especialmente porque já estava demandando grande apoio emocional. A conversa com Rodrigo me abriu os olhos para perceber que ainda poderia achar uma maneira de ter sucesso na vida, apesar de naquele momento ainda estar aprendendo a lidar com a minha deficiência. Se a imobilidade do pescoço para baixo não havia impedido o Rodrigo de ser o melhor entre as pessoas “normais”, imaginei que deveria haver algum lugar para mim também.

As visitas quebravam a rotina monótona. Eu tinha dificuldades para diferenciar os dias e atividades, já que tudo parecia igual. O fisioterapeuta vinha avaliar meus pulmões. Observava enquanto eu lutava para realizar os simples exercícios respiratórios que alguém saudável faria sem dificuldades. Além das lições e exemplos de superação que meus visitantes vinham me passar, eles eram uma bem-vinda distração.

Mara Gabrili, assim como Rodrigo e Thaise, entrou de cadeira de rodas em meu quarto. Ela sofreu um acidente de carro em 1994 que a deixou paralisada do pescoço para baixo. Eleita vereadora por São Paulo em 2007

e deputada federal em 2011, Mara dedica ainda hoje sua vida à luta pelos direitos dos deficientes, tendo a questão da acessibilidade e de melhores condições na busca por empregos entre suas principais bandeiras. Ela deixou a impressão de que era uma mulher poderosa e bem-sucedida, que, assim como Rodrigo e Thaise, não havia permitido que a deficiência a isolasse do mundo. Usou suas dificuldades como combustível para a missão de tornar o Brasil um lugar melhor para tantas pessoas que acabam sem voz perante o governo.

Suas palavras foram encorajadoras, e foi dela o conselho que pode ter sido a chave para o meu sucesso como tetra-amputado. Ela insistiu que eu fosse para os Estados Unidos em busca de reabilitação. Não, não era um insulto às clínicas brasileiras que ela própria havia visitado e até mesmo me recomendava, muito boas na sua opinião. Mas, sim, uma tentativa de semear, em mim, as sementes de uma mentalidade diferente. Ela me contou dos avanços e oportunidades que ainda estavam longe de chegar ao Brasil e, como paciente quadrilateral, minhas chances de sucesso em voltar a andar seriam maiores se buscasse o que havia de mais avançado no tratamento de amputados. Ela ressaltou que muitos militares retornavam do Iraque e Afeganistão com os membros amputados, o que tinha estimulado os Estados Unidos a desenvolver novas técnicas para tratar os diferentes tipos de lesões sofridas pelos seus soldados, um esforço não apenas no

aspecto físico mas também no tratamento psicológico e social, de forma que aqueles homens pudessem se sentir acolhidos e, dentro do possível, à vontade em relação à sua nova condição, na vida civil. Fazia sentido que a sociedade norte-americana tivesse uma visão diferente da nossa sobre o tema e a ideia de ir para lá ficou gravada na minha mente.

Meu último visitante foi Pauê, a quem tenho o orgulho de poder chamar de amigo. Tinha ouvido falar que o "surfista de Santos" viria me ver. Ele foi o único dos visitantes que entrou andando no meu quarto. Ficou de pé ao meu lado o tempo inteiro. Ele havia perdido as duas pernas ao ser atropelado por um trem quando tinha dezoito anos, e dividiu comigo suas experiências traumáticas. Narrou seu processo até voltar a se apoiar nas duas pernas. Olhei suas próteses e seus joelhos, que não haviam sido danificados. Não me segurei e apontei para o óbvio: diferentemente de mim, ele ainda tinha os braços e os joelhos. Como poderia se comparar a mim, sem membros, nem cotovelos, nem joelhos? Sua resposta me marcou e é algo que sempre carrego comigo: "Tem uma coisa que qualquer amputado, não importa o número de membros perdidos, precisa manter em mente. As pessoas vão te ver e te tratar da maneira como você se trata. Se você tem pena de si mesmo, todos vão ter pena de você. Mas se você se vê como um sobrevivente e um vencedor, você vai se surpreender ao perceber que todos vão te tratar desse mesmo jeito".

***

Nunca esqueci as palavras dessas quatro pessoas; elas foram o combustível que me fortaleceu e me fez investir ainda mais na minha reabilitação.

Thaise me mostrou que era possível ser funcional enquanto paciente quadrilateral. Rodrigo me inspirou a buscar uma educação que achei que não seria mais possível. Mara me incentivou a buscar a reabilitação nos Estados Unidos, o que significava sair da zona de conforto e viver em um país diferente. E Pauê me mostrou que a autoestima independe da condição física. Os quatro foram fundamentais na minha reassimilação ao mundo real. Um mundo que àquela altura ainda estava distante, mas que merecia enfrentar a batalha para ser alcançado.

***

Durante minha recuperação, minha família considerou seriamente o conselho da Mara sobre fazer um tratamento nos Estados Unidos. Lucas e minha cunhada Camila se animaram e passaram a pesquisar clínicas para descobrir qual seria a melhor para mim. Apresentaram-me três opções promissoras.

“Tem uma coisa que qualquer amputado, não importa o número de membros perdidos, precisa manter em mente. As pessoas vão te ver e te tratar da maneira como você se trata. Se você tem pena de si mesmo, todos vão ter pena de você. Mas se você se vê como um sobrevivente e um vencedor, você vai se surpreender ao perceber que todos vão te tratar desse mesmo jeito”.

Camila teve longas conversas com uma clínica em Oklahoma, especializada em pacientes com múltiplas amputações. Eles nos enviaram um amplo pacote de informações e sempre estavam disponíveis para tirar dúvidas.

A primeira opção de Lucas era parecida com a de Camila. Ele esteve em contato com um homem que trabalhava quase exclusivamente com amputados que perderam ambas as pernas acima do joelho. Esses casos eram a sua especialidade, e ele acreditava que poderia aplicar em mim o mesmo modelo que usava nos outros pacientes. Era uma opção promissora, mas foi a alternativa de Lucas que me deixou intrigado.

Ele encontrou em Chicago uma clínica famosa por um procedimento cirúrgico sem precedentes, chamado reinervação localizada. A técnica me permitiria usar a tecnologia biônica de ponta, que havia chamado minha atenção na época. A cirurgia consistia em transferir terminações que foram cortadas para outro músculo saudável, o que permitia um melhor controle do braço protético e ao mesmo tempo resgatava a sensibilidade. Por exemplo, se o nervo fosse implantado no meu peito, eu teria a sensação de que alguém estaria tocando a minha mão se tocassem aquela área do meu peito.

Esses procedimentos e tecnologias complexos não apenas me fascinavam como também me davam esperança. Estudei mais a reinervação localizada, fiquei animado com a perspectiva de ter braços biônicos funcionais. Na minha cabeça, imaginei que não haveria muita diferença entre os meus braços naturais e os biônicos.

5. Como o AC/DC salvou minha vida Fiquei intrigado quando o Dr. Ophir entrou no meu quarto sem dar notícias. Ele era o médico infectologista da equipe responsável pelo meu tratamento desde o dia em que dei entrada na UTI, e um dos que diariamente acompanhavam o meu quadro. Um cara sensacional e batalhador, a quem devo muito. Fã de rock como eu, ele me presenteou com algumas coletâneas de clássicos do gênero. Após alguns instantes de silêncio, ele disse algo que nunca esquecerei: “Pedro, procure não ficar muito animado, mas consegui autorização do hospital para você ir a um show”, disse ele em tom

calmo demais para o meu gosto. “Sua família foi ao estádio e ela também concordou.”

Fiquei extasiado demais para prestar atenção no que ele disse em seguida. Em uma semana, eu iria ao show do AC/DC! Não conseguia acreditar que aquilo ia se tornar realidade. Acho que nunca no mundo um paciente recém-amputado dos quatro membros, ainda com pontos, foi levado a um estádio lotado, para um show de rock. Parecia uma ideia delirante, mas a equipe médica sabia do impacto positivo que isso teria na minha recuperação.

Um novo ânimo tomou conta de mim. Encontrei a força que julgava ter perdido com os membros. Até mesmo a limpeza dos pontos já não parecia tão penosa com a cabeça ocupada com o show. Para me preparar para o grande dia, precisei treinar ficar sentado em uma cadeira de rodas por longos períodos. Eu ainda não tinha forças suficientes para fazer isso sem ficar extenuado, mas não deixava transparecer por medo de que me proibissem de ir. Nada me impediria de ir ao show!

Estava tudo planejado: uma ambulância me levaria ao estádio, com escolta da polícia militar. No dia do espetáculo, foi decidido que o melhor seria me levar na própria cama do hospital, pois ficou claro que eu ainda não tinha a habilidade para ficar sentado em uma cadeira de rodas por duas horas. Aliviados com a decisão, minha família e eu nos preparamos para a mais incrível noite da minha vida até então.

***

27 de novembro de 2009: dois meses e meio depois de ter sido internado, lá estava eu e minha trupe seguindo para o estádio do Morumbi. O grupo era composto pela minha mãe, meus irmãos Lucas e Daniel, meus primos Marcelo e Fernando, o Dr. Ophir e dois enfermeiros, uma fisioterapeuta, uma psicóloga e eu. Meu pai decidiu não ir conosco, sob o argumento de que faria companhia à irmã, minha tia Toia, que estava na cidade para nos visitar, mas eu sei que ele não quis ir por conta da emoção. Havia ainda um cateter pendurado no meu pescoço e o plano era ficarmos só enquanto eu aguentasse. Chegamos ao estádio do Morumbi já abarrotado e fui empurrado sobre a cama até a área reservada para deficientes, em pleno gramado, no canto oposto ao palco. No trajeto, as pessoas iam virando a cabeça para acompanhar aquela cena com imensa curiosidade. Isso não podia me importar menos. Eu vestia a camisa do AC/DC e uma bandana, e o Marcelo lembrou de trazer uma bandeira do Cruzeiro que colocou sobre o colo.

Vinte minutos depois de chegarmos, começou o show. Ainda que distantes

do palco, a energia contagiava cada um na plateia. Cada palhetada nas cordas da guitarra de Angus Young pulsava pelo meu corpo. As luzes e a música me hipnotizavam. Tudo era tão intenso! Todo o estádio estava de pé, e ali no meio daquela multidão eu era apenas mais um. Não lembro de ter tido um sorriso tão escancarado no meu rosto e, pela primeira vez em tempos, eu me senti plenamente vivo! Sentime completo de novo, tendo a certeza de ter parentes e amigos que se importavam tanto comigo, e com os quais eu podia contar. Era uma felicidade intensa que me fez sentir grato por ter sobrevivido para ver a minha banda preferida! Eu estava arrebatado pelas emoções, assistia às silhuetas dos rockeiros do AC/DC se movendo pelo palco e fazendo o estádio tremer com sua música.

Minha mãe olhava mais para mim do que para o palco. Ela chorou a maior parte do show ao ver meu estado de graça. Como mãe, sua principal preocupação é minha saúde — física e mental — e minha realização. O

importante para ela é que eu seja feliz, e me ver naquele momento lhe mostrou que a felicidade ainda era possível para mim.

Meus irmãos, primos e eu cantamos com Brian Johnson até perder o fôlego e a voz. Pelo menos uma pessoa da equipe do hospital vinha entre cada música me perguntar se eu estava cansado. A resposta era sempre um animado “Não!” Olhos arregalados, fixados no palco. A equipe médica estava ao mesmo tempo maravilhada e preocupada com a expectativa de permanecer comigo ali até o fim do show. Não esperavam que eu fosse aguentar tanto tempo; por isso, não tinham planejado a saída no meio da multidão. Após insistirem muito, combinamos de sair durante a última música, de modo que eu pudesse apreciar ao máximo o momento sem colocar em risco minha segurança.

Algo incrível ocorreu enquanto a ambulância me levava para fora do estádio. Atravessando a multidão, eu podia ouvir som de aplausos, mas não era para o AC/DC — estavam me aplaudindo! Era um incentivo, reconhecimento pela coragem que tive de enfrentar o improvável para estar ali. Sentia-me como um sobrevivente. Foi nesse momento que percebi que de fato era um. Ainda posso me recordar do arrepio que percorreu o meu corpo ao ouvir as palmas de estranhos. Eu não era visto como um pobre coitado, um garoto moribundo sobre uma cama; eu era um cara que não deixou que nada o impedisse de ver a sua banda preferida.

O fim de um show é um momento de anticlímax: a plateia se mostra saudosa dos momentos que acabou de presenciar e paira no ar um gosto de “quero mais”. Mas para nós, era justamente o contrário. Estávamos animados como não

ficávamos havia tempos! Nossa emoção ia muito além do show, por melhor que ele tenha sido. Aquela noite me fez reencontrar algo que nunca mais perderei: a alegria de viver.

Percebi ali, dentro do estádio, em pleno gramado, que ainda podia sorrir, mesmo sem os braços e as pernas. Que essa nova fase envolveria um redescobrimento, no qual algumas portas certamente estariam fechadas, mas dependeria só de mim abrir muitas e muitas outras.

Ninguém dormiu naquela noite. Estávamos ligados, narrando ao meu pai cada detalhe daquelas incríveis duas horas. Ele nos disse que conseguia ouvir todas as músicas de onde estava no hospital.

Eu estava aliviado por não ter ficado no quarto, ouvindo o show à distância. Seria atormentado pelos gritos abafados da multidão e aquilo só me deprimiria ainda mais. Em vez disso, eu tinha sido parte daquela multidão.

O Dr. Ophir, que organizou nossa ida ao espetáculo, me contou recentemente o que lhe passou pela cabeça naquela época. Ele disse que não dormiu duas noites seguidas: na véspera e na noite do show. Na primeira, não conseguiu pregar os olhos pois estava apreensivo diante da possibilidade de algo sair fora do planejado. Se algo de errado acontecesse comigo, ele seria responsabilizado. Ele temia que derrubassem cerveja no meu cateter. Ou que me derrubassem da maca. Na noite do espetáculo, ele não dormiu porque estava muito satisfeito porque tudo tinha corrido bem, o que era uma prova de que assumir o risco foi a melhor alternativa para meu tratamento e minha autoestima.

***

O show marcou o dia da virada para mim. Já não estava mais preso aos meus pensamentos. Agora, conseguia enxergar um futuro para além da angústia. Meus ferimentos estavam cicatrizando bem. Aparelhos modernos drenavam o excesso de líquido das feridas, evitando que elas inchassem. A meningite e as infecções relacionadas estavam completamente debeladas.

Não havia mais motivo para que eu permanecesse internado na Semi, então começaram os preparativos para me transferir para um quarto normal.

Isso significava que eu estava me recuperando bem e que já não havia risco para mim. Porém, eu tinha me apegado aos funcionários do sétimo andar e não conseguia imaginar ficar em outro lugar. Chorei e implorei para que me deixassem permanecer lá, onde os rostos e a rotina já me eram familiares. Mas a transferência era inevitável. Minha hesitação pode ter sido causada por inseguranças que eu ainda não compreendia direito. As pessoas da Semi já estavam acostumadas a mim e à minha aparência, e eu estava ansioso para saber

como a nova equipe reagiria. Hoje, percebo o quanto fui bobo em pensar assim, ainda mais porque estava lidando com profissionais extremamente qualificados. Era uma preocupação irracional.

O medo do desconhecido.

O novo quarto era mais espaçoso que o antigo, o que foi uma boa surpresa. Rapidamente, me adaptei à nova rotina. Meus amigos continuaram a me visitar; eu agora podia receber mais pessoas de uma vez só. Passávamos o tempo assistindo a seriados e filmes ou com jogos de tabuleiro. A esta altura, eu também já tinha voltado a receber alimentação sólida, e podia pedir o que quisesse do restaurante do hospital. Comi todas as coxinhas e picanhas que pude até me fartar. Após semanas no soro ou à base de alimentos pastosos, saborear frituras nunca foi tão delicioso! Até os sushis, que achei que fossem me trazer lembranças do trágico dia, voltaram ao meu cardápio.

A primeira vez em que fui ao restaurante, localizado no térreo, era véspera de Natal. Queríamos fazer algo especial para comemorar a data, mas eu estava apreensivo de ir a um lugar público e atrair olhares de estranhos sobre mim. Por isso, minha família reservou uma mesa grande bem no fundo do restaurante. Tentei esconder meu olhar das pessoas por quem passava enquanto me empurravam na cadeira de rodas. Ali, dei-me conta de que meu maior desafio no futuro seria de ordem psicológica. Seria a aceitação. Não apenas dos outros, mas de mim mesmo.

Quando chegamos à mesa, eu me senti um pouco mais à vontade e celebramos a ocasião. Ainda não conseguia comer sozinho, o que não me impediu de provar tudo o que estava sendo servido. Rimos e choramos juntos, felizes por estarmos unidos após meses de provação.

Logo chegou a noite de ano-novo e deixaram que subíssemos até o heliporto do hospital. De lá, era possível ver os fogos em toda a cidade de São Paulo. O show de luzes que vimos foi indescritível. Ter aquela vista da cidade em 360 graus dava a sensação de que o espetáculo de fogos havia sido feito só para nós.

De volta ao quarto, Daniel, Lucas, meus primos Marcelo e Fernando e eu conversamos a sós sobre o que esperar de 2010. Entre comentários e piadas — nós cinco nunca perdemos o bom humor, não importava a circunstância —, Marcelo levantou um ponto que ainda não tinha levado em consideração, e que se provaria a mais pura verdade. “Pedro, uma coisa é fato: de agora em diante, você não vai poder ter preguiça. Para nada. Se você quiser reverter essa situação, e sei que você quer, vai precisar tirar a palavra ‘preguiça’ do seu vocabulário”, disse ele. Passado o impacto inicial, as palavras do meu primo me motivaram.

Ele disse que o caminho seria longo e sofrido, mas estava nas minhas mãos a oportunidade de me esforçar para conseguir o melhor. E isso me fez abrir um leve sorriso quando fechei os olhos para dormir.

“Pedro, uma coisa é fato: de agora em diante, você não vai poder ter preguiça. Para nada. Se você quiser reverter essa situação, e sei que você quer, vai precisar tirar a palavra ‘preguiça’ do seu vocabulário”

6. Ano-novo, vida nova

Nessa mesma época, os médicos permitiram que eu iniciasse a hidroterapia. Meus enxertos de pele estavam curados, e agora eu podia me exercitar na piscina. Era um alívio enorme poder sair do quarto, ainda que por pequenos períodos, alguns dias por semana. Carol, minha terapeuta, me colocava na água e me ajudava a boiar enquanto eu aprendia mais sobre o meu novo corpo. Fiquei surpreso ao perceber que poderia boiar sem os membros, e rapidamente peguei gosto por flutuar na água. Com as orelhas submersas, ouvia apenas o ruído da bomba-d'água ao fundo, bem baixinho.

Boiando sem direção, a sensação de paz e tranquilidade fazia daqueles instantes a melhor parte do meu tempo.

Essas sessões eram muito importantes, pois me faziam mover e esticar músculos que não haviam sido utilizados há meses. Era a terapia perfeita para a minha condição, já que não exigia ficar de pé ou fazer uso de membros, tarefas para as quais ainda não estava preparado. Na piscina do hospital, eu me sentia melhor a cada dia que passava; pude perceber que lentamente minha depressão estava indo embora. Era um alívio poder liberar a mente dos pensamentos atormentadores que me acompanhavam na época. Ainda tinha momentos de tristeza, mas entendi que eu não me sentiria daquela forma para sempre. Tudo o que eu queria era voltar a ser uma pessoa normal, e pude ver que essa era uma possibilidade factível.

Com o quadro clínico melhor, também apresentei melhoras no aspecto emocional. A depressão que antes me corroía estava amenizada e o sorriso voltou a aparecer no meu rosto. À rotina de conversas, jogos de tabuleiro e seriados acrescentamos também algumas horas dedicadas à pesquisa de próteses e qualquer coisa que pudesse melhorar minha qualidade de vida no futuro. Foi aí que o Lucas me surpreendeu.

Eu assistia à Família Soprano com a minha mãe quando o meu irmão entrou no quarto carregando seu laptop e uma caixa. Não fazia ideia do que se tratava. Ele puxou a mesa que eu usava para comer e colocou o equipamento em cima dela. Em seguida, o ligou e, de dentro da caixa, tirou um touchpad gigante, daqueles usados por designers, e o plugou ao computador. Ele pediu que eu manuseasse o touchpad com o braço. De pronto, achei a ideia ruim: como usaria um aparelho touchscreen com o que havia sobrado do meu braço? Seria possível

controlá-lo usando apenas o cotovelo? Não demorou muito para eu me dar conta de que os cotovelos eram tudo o que me restava, e se nem ao menos tentasse usar o aparelho, o prejuízo seria só meu. Com isso em mente, pedi a ajuda dele para ligar o aparelho. Alguns instantes depois, a tela inicial apareceu e o equipamento estava pronto para ser testado. Coloquei a ponta do meu coto direito sobre o pad, e aos poucos fui mexendo o cursor. O aprendizado foi na base da tentativa e erro, sentindo literalmente o contato da pele com a tela e em que medida a relação força-área influenciava no seu funcionamento. Em poucos minutos, os movimentos já estavam mais suaves e intuitivos, o cérebro assimilando as novas dimensões do meu corpo. No fim da noite, eu já usava o computador sem dificuldade. Eu estava feliz de ter contato com a tecnologia de novo, e de forma independente. Mas navegar na web e assistir aos vídeos do Youtube não eram as únicas coisas que o Lucas tinha em mente. Ele queria que eu voltasse a fazer música.

Quando eu tinha por volta de oito anos, meus irmãos estavam na fase de sair à noite para as boates. Por influência deles, tive contato com o techno e a house music e logo comecei a me aventurar nos softwares de produção de música eletrônica que meu irmão havia instalado no computador de casa.

Aquela foi a minha porta de entrada para o mundo da música. Em seguida, decidi aprender a tocar violão, instrumento que, mais para frente, se tornou meu companheiro diário. Agora que não tinha mais a opção de tocar violão, decidi me dedicar à produção de música eletrônica. Nunca me sentiria inteiro sem música e, uma vez que o meu método de criar música preferido havia sido tirado de mim, tinha de achar outra forma de preencher essa lacuna. Com isso em mente, mergulhei de cabeça nesse objetivo.

Pensando na qualidade das “músicas” que eu havia produzido anos antes, sabia que tinha muito para aprender. Comecei pela pesquisa. Baixei e-books e assisti a vídeos tutoriais no YouTube. Só parava para receber visitas dos amigos. Assim que eles iam embora, imediatamente ligava o laptop e voltava a estudar. Dediquei tantas horas a esse projeto que já não me sobrava mais tempo ocioso. Em vez de ficar refletindo sobre a situação e lamentando minhas limitações, decidi encher minha cabeça com algo produtivo. Olhando para trás, percebo que essa foi uma maneira de evitar cair novamente em depressão no hospital.

Isso me deu novo ânimo para encarar a rotina. Comecei até a curtir a fisioterapia. Era difícil, mas ficava mais fácil por gostar do fisioterapeuta, Paulo. Ele era apenas um pouco mais velho que os meus irmãos e instantaneamente rolou uma afinidade entre eles. Ele e Marcelo se provocavam sem piedade, o que

fazia todos os presentes no quarto darem risadas. Nesses momentos, a expressão "rir é o melhor remédio" atingia todo o seu verdadeiro significado.

***

Nessa época, me dei conta de algo recorrente entre alguns amputados e pessoas que passaram por internações traumáticas: eu nunca havia passado tanto tempo assim com a minha família e amigos. Todo dia havia um rosto familiar ao meu lado, e eu estava muito feliz de passar tanto tempo com as pessoas que se importavam tanto comigo.

"Em vez de ficar refletindo sobre a situação e lamentando minhas limitações, decidi encher minha cabeça com algo produtivo. Olhando para trás, percebo que essa foi uma maneira de evitar cair novamente em depressão no hospital."

No quinto mês de internação, os bate-papos sobre o meu futuro passaram a tomar conta das conversas. Todo dia, algum amigo chegava e perguntava: "E aí, já tem alguma prótese em mente para quando sair daqui?" Aos poucos, descobrimos o universo das tecnologias de próteses, e logo nos demos conta de que ele era muito maior do que imaginávamos.

Existem diferentes tipos de joelhos com os mais variados mecanismos, como microprocessadores ou motores. Depois, era preciso escolher os pés e tornozelos adequados. Braços eram ainda mais complexos. Eu podia escolher um dispositivo controlado por músculo, havia vários tipos substitutos para a mão: uma mão biônica, um gancho, uma garra. As possibilidades de customização eram infinitas, e isso era empolgante.

Discuti com a minha família as vantagens de cada clínica de reabilitação e o custo para adquirir e treinar o uso dessas próteses, já que nada disso era coberto pelo plano de saúde. Depois de ponderar sobre as opções que o Lucas e a Camila encontraram nos Estados Unidos, concordamos que ir para Chicago seria bom para mim. Meu pai e Lucas haviam ido até lá para visitar as instalações e conhecer a equipe. Quando retornaram do Rehabilitation Institute of Chicago (RIC), estavam bastante otimistas.

Estava determinado a conseguir próteses biônicas e era animador ouvir o que eles tinham a dizer sobre todas as descobertas tecnológicas do RIC.

Quando uma pessoa perde um membro, a primeira coisa que vem à cabeça é substituí-lo por algo que seja parecido com o órgão real e funcional.

Combinamos de ir assim que estivesse forte o suficiente para fazer a viagem.

“Nessa época, me dei conta de algo recorrente entre alguns amputados e pessoas que passaram por internações traumáticas: eu nunca havia passado tanto tempo assim com a minha família e amigos. Todo dia havia um rosto familiar ao meu lado, e eu estava muito feliz de passar tanto tempo com as pessoas que se importavam tanto comigo.”

Com esse objetivo em mente para o futuro, começamos a nos preparar.

Sabíamos que eu precisaria de muita terapia antes de poder viajar, então procuramos clínicas em São Paulo. O Dr. Donaldo Jorge Filho, especialista do Instituto de Medicina de Reabilitação do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, já estava em contato com o meu pai e foi o primeiro a me visitar. Ele veio ao meu quarto e nos falou da recém-inaugurada clínica Lucy Montoro, do Estado de São Paulo. Ele nos animou ao nos falar sobre as condições das instalações e o financiamento que haviam recebido. Além do mais, como era uma instituição pública, praticamente todo o tratamento seria de graça. O lugar parecia ótimo, e ficamos esperançosos com as metas ousadas do Dr. Donaldo. Ele disse que eu deveria mandar fazer as minhas pernas logo, para que eu pudesse ganhar força com o seu uso cotidiano. O tratamento seria iniciado com um par de pernas curtas. Essas próteses, conhecidas como stubbies, têm um encaixe em fibra de carbono, que contorna o que sobrou da coxa; na outra extremidade do encaixe há um pé chato. Tão logo começasse a usar essas pernas curtas, dependeria menos da cadeira de rodas. A ideia dele era que eu voltasse rapidamente às minhas aulas no pré-vestibular. Assim, eu poderia adquirir a resistência necessária para passar para as próteses de tamanho normal e com isso retomar a minha vida normal.

Confesso que fiquei apreensivo, mas minha família me convenceu a dar uma chance. Também precisava de um cuidador para me auxiliar. A primeira pessoa na lista era o Fernando, enfermeiro noturno do meu quarto na Semi. Havia me apegado muito a ele durante minha estada no sétimo andar. Infelizmente, ele não poderia trabalhar durante o dia e à noite, então tivemos de buscar opções.

Meu pai perguntou a um amigo se ele poderia indicar alguém, já que a filha dele, portadora de necessidades especiais, tinha uma cuidadora. O

marido da cuidadora também era técnico de enfermagem e estava disponível. Sylvio tinha muita experiência no cuidado pessoal de pacientes.

Quando veio nos conhecer, lembro que ele estava todo vestido de branco.

Percebi que era um cara tímido e, antes de dizer qualquer coisa, foi direto à pia do quarto para lavar as mãos minuciosamente. Durante a entrevista, ele não

dizia muito além de “sim, senhor” e “não, senhor”. Minha família inteira o aprovou, ainda que eu não estivesse convencido. Naquele momento, teria preferido alguém que eu já conhecesse, como um dos enfermeiros da Semi-intensiva, mas não havia condição de convencer alguém a largar um emprego fixo por um trabalho temporário de cuidador doméstico.

Eu já estava pronto para ter alta assim que me sentisse à vontade para sair do hospital. Eu estava muito assustado de ter de sair do lugar que havia se tornado o meu lar, pois já estava acostumado à sua rotina. Minha mãe também não se sentia pronta e estava ansiosa. Decidimos que eu permaneceria mais uma semana.

Isso significava passar meu aniversário de dezenove anos internado — coisa que nunca havia imaginado. Meus amigos organizaram uma festa para mim. Para me sacanear, o tema da festa foi Barbie. Eles trouxeram vários balões cor de rosa e roupas para me vestir, mas como eu permanecia debaixo dos cobertores todo o tempo, para não ter de ficar olhando para as amputações, eles estenderam as roupas sobre o meu corpo. O quarto ficou lotado e quente por conta de tanta gente. Terminada a festa, comemorei com os meus familiares, que esperavam fora do quarto. Estava esgotado ao fim do dia, precisando de um banho gelado. Por algumas horas, tirei toda a tensão da minha cabeça, o que se fazia muito necessário.

Na sexta-feira seguinte, era hora de partir. Embora a maior parte dos meus cinco meses e meio no hospital tivesse sido um inferno, eu não queria ir embora. Ele tinha se tornado meu porto seguro. Não queria me expor ao mundo e temia que meus amigos achassem que eu não precisava mais do apoio deles.

Ainda assim, foi um dia emocionante. Os enfermeiros, médicos, fisioterapeutas e psicólogos que me acompanharam durante o tratamento vieram dizer algumas palavras para mim e para a minha família. Choramos com cada uma daquelas pessoas com as quais tínhamos criado uma relação profunda. Eles tinham me visto no pior momento e me ajudaram a sair dele.

Quando, enfim, fui levado para fora do quarto, eles estavam me aguardando no corredor, para me acompanhar até a saída.

Muita coisa mudou no tempo em que estive internado. Além da mudança física, mentalmente eu também era uma outra pessoa. Quando a porta do carro se fechou, eu me senti um filhote arrancado da mãe. Cada carro que passava por nós, me fazia afundar no assento. Permaneci tenso durante todo o trajeto. A luz do sol no meu rosto, as motos passando rente ao carro na Marginal, o ronco ensurdecedor dos velhos caminhões lotados de carga, tudo parecia novo para

mim, assustava-me e me fazia desejar minha cama no hospital. Em suma, tinha entrado no hospital como adolescente imaturo de dezoito anos, e saído na pele de um adulto de dezenove que precisava recomeçar a vida.

7. Tentativa e erro

Depois do que me pareceu ser uma eternidade, chegamos em casa. Ela me parecia completamente diferente. Enquanto estive internado, meu pai fez várias modificações para que eu tivesse a maior mobilidade possível: instalou um elevador para cadeira de rodas e fez adaptações de acessibilidade no banheiro.

Minha família estava me esperando no quintal para me dar as boas-vindas. Fiquei contente de estar cercado de tantas pessoas queridas depois de ter me despedido dos meus amigos do hospital. O churrasco rolou até a noite, em clima de muita descontração. Era ótimo estar reinserido na normalidade, sabendo que tantas mudanças drásticas haviam ocorrido.

Passei a maior parte do dia na varanda, em frente da piscina. A churrasqueira acesa após quase seis meses de inatividade, o delicioso cheiro da picanha sobre a grelha: tudo isso era fantástico. Da varanda do quintal, eu observava a fumaça branca que saía da chaminé e, em torno dela, havia sorrisos, a água da piscina respingando a cada pulo que os meus primos mais novos davam, enquanto os mais velhos jogavam pôquer, uma tradição familiar. Logo percebi que, se não tivesse recebido essa segunda chance na vida, aquela churrasqueira provavelmente permaneceria apagada por muito tempo. Aquela fumaça branca representava a vida.

No fim do dia, uma agradável surpresa: o Lucas estava voltando para casa por um tempo. Ele estava noivo e tinha decidido que seria melhor voltar até o casamento com a Ju. Diante disso, passamos a dividir o quarto, como quando eu era criança, e isso foi muito reconfortante após tantas transformações.

Depois dos primeiros dias em casa, as visitas se tornaram menos frequentes e eu comecei a me readaptar à vida fora do hospital. O mais difícil foi me acostumar a pedir ajuda para tudo. Sylvio, meu novo enfermeiro, estava sempre de prontidão para me ajudar no que eu precisasse. Eu não parava de evocar como eu era antigamente, quando era capaz de fazer qualquer coisa. Costumava ser aquele que ajudava as outras pessoas, e agora não conseguia fazer nada para mim.

Em poucos dias, já estava integrado à minha nova rotina. Acordava por volta das dez e a primeira coisa que tinha de fazer era tocar uma campainha junto da cama. Sylvio logo surgia para me preparar para o dia.

Eu estava tão fraco que precisava da ajuda dele até mesmo para mudar da

posição deitado para sentado. Depois de me vestir, eu era levado até o banheiro na cadeira de rodas, onde ele me ajudava com as minhas necessidades e escovava os meus dentes. O café da manhã era servido no quarto em frente ao meu, onde eu tinha um computador e alguns equipamentos de produção musical. Depois de ser alimentado, passava a manhã estudando. Depois do almoço, eu dedicava mais tempo à produção musical e seguíamos para o Einstein para a hidroterapia. Aquilo era muito positivo, sentia um progresso no controle dos meus movimentos dentro d'água. Também era uma boa desculpa para rever os amigos da Semi.

Depois disso, Sylvio me levava pra casa. Voltava a estudar até a hora em que Lucas e meu pai chegavam do trabalho. Alguns dias durante a semana, o Daniel vinha jantar conosco.

Eu ainda tinha muito para progredir, mas posso dizer que estava satisfeito com a minha vida, algo que temia nunca mais acontecer. Quando os pensamentos negativos se instalavam na minha cabeça, tratava de me distrair com alguma atividade, até que os esquecesse. E assim a vida seguia.

As semanas passavam e com elas crescia a ansiedade para dar início à minha reabilitação na Lucy Montoro, mas os trâmites burocráticos infelizmente não correm na mesma velocidade que os nossos desejos ou necessidades. Durante meses, só saí de casa para as minhas sessões de terapia. Além de casa, o hospital era o único lugar onde eu me sentia confortável. Assim, aos poucos, ficou cada vez mais difícil notar sinais de progresso, e isso passou a me incomodar.

Tentei me convencer de que estava bem permanecendo em casa e que estudar música era tudo o que eu queria, mas estava mentindo para mim mesmo. Sentia falta de ser aquele cara sociável, sempre envolvido em alguma atividade. Agora, meus amigos eram obrigados a vir me visitar. Pelo menos já não sofria mais da depressão profunda dos primeiros meses internado. Já era uma vitória.

***

Com a prática, melhorei a técnica de composição e alcancei certa confiança para dar os passos seguintes. Decidi entrar em contato com Felippe Senne, produtor musical do Rio, que publicava os tutoriais no YouTube que me ensinaram a criar música eletrônica. Pedi a ele que escutasse algumas das minhas músicas e me desse sua opinião sincera. Fiquei muito feliz com a sua resposta: na opinião dele, eu tinha potencial, mas elas ainda soavam genéricas. Precisava parar de querer agradar aos outros tentando me "encaixar" no que estava na moda, no momento. Felippe foi muito verdadeiro comigo, mesmo sabendo de tudo que eu tinha passado.

Segui os conselhos dele e minha música passou a ter mais a minha “cara”, com Felippe como meu mentor. Certo dia, ele me encorajou a entrar em uma competição de remixes promovida pelo DJ brasileiro Dudu Nahas. De cara, hesitei por me considerar muito novato para aquele universo. Mas era a oportunidade de dar minha cara à composição de outro artista, e, apesar de achar que não tinha chance alguma de vencer, o que poderia perder? Na pior das hipóteses, estava praticando e poderia aprender alguns novos truques.

Havia cerca de 350 inscritos que usavam apenas seu nome de DJ. Depois de uma semana de produção, inscrevi meu remix. O anonimato da internet era reconfortante, porque receberia opiniões de pessoas que não sabiam da minha condição — portanto, não tentavam passar a mão na minha cabeça.

Depois de um longo mês de espera, Felippe Senne me transmitiu o resultado: eu tinha ficado em segundo lugar! Como apenas as duas melhores versões seriam premiadas, sentime um campeão! Isso me deu uma enorme autoconfiança, não apenas por conta do reconhecimento das minhas habilidades como produtor mas também porque pude competir em pé de igualdade com pessoas “normais”. Essa experiência foi um dos catalisadores para tudo o que conquistei posteriormente. Ela me mostrou que com esforço, dedicação, persistência e fé em mim mesmo, podia alcançar o que bem quisesse.

***

Liberada a papelada, pude ingressar na clínica Lucy Montoro. Estava ansioso para trabalhar com o Dr. Donaldo, que me havia deixado muito animado com o seu método. Gostei da proposta de evitar o uso da cadeira de rodas e esperava que ele pudesse me ajudar a ser independente. Esse era meu principal objetivo, ainda que muitos o considerassem impossível.

“com esforço, dedicação, persistência e fé em mim mesmo, podia alcançar o que bem quisesse.”

Essa meta estava longe de ser atingida. Meus músculos continuavam muito debilitados e eu ainda estava sob o efeito de forte medicação, o que me deixava esgotado com facilidade. Toda vez que eu andava de carro, ficava deitado no banco de trás e dormia o caminho todo. Quando chegávamos a destino, não conseguia me levantar sozinho e precisava da ajuda do Sylvio. Meu centro de equilíbrio tinha mudado e, mesmo que estivesse forte o suficiente, necessitaria de muita prática para reaprender a sentar.

O edifício era tão novo que parecia brilhar. Havia alguns amputados lá

dentro e senti como se eu pertencesse àquele lugar — embora fosse o único paciente quadrilateral da instituição naquela época. Minhas sessões de terapia consistiam apenas em alongamento suave e treinamento de força.

Meus músculos estavam atrofiados depois de permanecer deitado durante meses em uma cama de hospital, sem me movimentar. Tinha muito trabalho pela frente antes de chegar perto do meu objetivo de andar.

Incomodava-me o fato de raramente ver o Dr. Donaldo por lá. Em vez dele, eu trabalhava com fisioterapeutas. Nas sessões, enquanto me exercitava em uma maca, observava os outros pacientes com curiosidade.

Havia todo tipo de casos: uma menina havia sofrido uma grave lesão cerebral após ter sido atropelada por uma motorista embriagada. Diversos motociclistas perderam a perna em acidentes de trânsito.

Em particular, lembro-me de Cleuton. Ele perdeu ambas as pernas acima do joelho em um acidente de moto. Logo de cara nos demos bem; além de termos amputações similares nos membros inferiores, éramos jovens e ativos. Dividíamos o sonho de voltar a ser independentes como antes e nos esforçávamos bastante para alcançar nossos objetivos.

Os meses se passavam e eu comecei a me frustrar com os resultados da clínica. Não gostava de precisar consultar um nutricionista, um psiquiatra, um psicólogo, a todo momento. O que eu queria, era usar logo as próteses.

O lugar parecia desorganizado e eu só via o Dr. Donaldo de passagem. Não tinha sessões com ele, razão inicial pela qual havia decidido apostar na clínica. A justificativa era de que, pertencendo ao estado, o pessoal de lá tinha de “dançar conforme a música”, ainda mais porque a clínica era recém-inaugurada. Decepcionado, chegou um momento em que eu não quis mais fazer parte daquela dança e decidi que tentaria o tratamento em outro lugar.

Quando eu estava internado na Semi, tinha sido visitado por funcionários do Centro Marian Weiss, clínica dirigida pelo Dr. Marco Guedes. Conheci a fisioterapeuta Mônica e a terapeuta ocupacional Élida. Ian, filho do Dr.

Guedes e administrador, também conversou comigo. Tive uma boa impressão deles: transmitiam segurança. Quando comuniquei à minha família estar insatisfeito com a Lucy Montoro, decidimos buscar a clínica do Dr. Guedes.

Fiquei surpreso com o lugar. Exceto pela placa na frente, parecia uma casa comum. No primeiro dia, Sylvio empurrou a minha cadeira enquanto minha mãe caminhava ao meu lado. A equipe havia preparado uma pequena reunião de boas-vindas para me apresentar a todos. Alguns outros amputados também

estavam presentes. Foi um gesto muito legal, que me fez sentir bem acolhido.

Inicialmente, achei a clínica bem pequena, em particular por ter vindo de um lugar grande, como a Lucy Montoro, mas gostei de ver a sala de fisioterapia, calma e ornamentada de plantas, com incidência direta do sol.

A música zen que Mônica punha para tocar transmitia serenidade ao lugar.

Fiquei bastante apegado aos oito funcionários do centro, em especial à Mônica, que passava a maior parte do tempo comigo na fisioterapia.

Gostava das sessões porque quase sempre havia algum outro amputado na sala conosco. Trabalhávamos lado a lado e brincávamos o tempo inteiro. O

tempo passava muito rápido, e eu me sentia feliz. A melhora na qualidade de vida era notável.

No Centro, quando não estava nas sessões de fisio, estava na terapia ocupacional. O foco era o uso dos membros superiores. Considerava as sessões entediantes, não havia outros amputados para aliviar o ambiente.

Entretanto, hoje vejo a importância delas, já que ser funcional sem as mãos é muito mais difícil do que sê-lo sem as pernas. Existem movimentos muito precisos que apenas os dedos podem executar. Mesmo com a tecnologia existente, ainda não foi criado um dispositivo que possa substituí-los a contento. Se as pernas protéticas demandam muita força, os braços exigem delicadeza e habilidade para dominar.

Tarefas simples como pegar uma garrafa d’água e servi-la em um copo requerem a coordenação de diversos músculos especializados que eu não possuía mais. Lembrei-me o quão fácil era estender o braço para alcançar a garrafa, fechar os dedos em volta dela e levantá-la. Flexionar o cotovelo e girar o punho para servir a água no copo. Como reaprender algo que antigamente era um trabalho automático e impensado, sem contar com as articulações do cotovelo, do punho, dos dedos e polegar, todos eles instrumentos essenciais para esse simples ato?

Sentia-me decepcionado tentando servir água. Ainda incapaz de usar uma prótese, eu era obrigado a achar um jeito de segurar a garrafa entre o que sobrou dos meus braços, que hoje têm metade do comprimento original. Precisava arquear minhas costas e me inclinar. Meus músculos abdominais ainda estavam fracos. Quando conseguia pegar a garrafa entre meus cotos, não conseguia trazer o copo — muito menos servi-lo. Eu tentava e tentava, o suor escorrendo pela minha testa, e a água invariavelmente acabava esparramada sobre a mesa e no meu colo.

A parte mais frustrante dessas infinitas tentativas era não receber orientação

da terapeuta. Olhava para ela em busca de alguma dica, esperando que pudesse me ensinar técnicas. Esperava que fosse como um novo acorde de violão; poderia aprender vendo alguém fazer. Mas, para o meu desespero, a terapeuta apenas dizia: “É diferente de uma pessoa para a outra; apenas continue tentando até descobrir o que funciona para você”.

Ela me encorajava, e eu tinha a sensação de que ela nunca havia trabalhado com alguém sem os dois braços acima do cotovelo.

“Existem movimentos muito precisos que apenas os dedos podem executar. Mesmo com a tecnologia existente, ainda não foi criado um dispositivo que possa substituí-los a contento. Se as pernas protéticas demandam muita força, os braços exigem delicadeza e habilidade para dominar.”

Nessas sessões, percebi como o meu caso era raro. Ficava me perguntando se, em algum lugar, encontraria um especialista que tivesse experiência com gente com amputações nos braços e nas pernas. E que tivesse implantado próteses com sucesso. Precisava encontrar alguém com as mesmas amputações que eu e que estivesse andando sem cadeira de rodas e sem ajudante: isso era o que eu almejava.

8. Fora da zona de conforto

Os únicos amputados quadrilaterais que encontrei tinham perdido as pernas abaixo dos joelhos. Era um sinal desanimador para mim, porque não conseguia encontrar uma referência que tivesse tido sucesso com a reabilitação. Estava sentindo pena de mim mesmo quando tive um estalo.

Ainda que ninguém tivesse conseguido realizar o que eu tanto almejava, não significava que eu não poderia ser o primeiro. Fiz um pacto comigo mesmo: custasse o que custasse, eu conquistaria a independência com que sonhava. Correria atrás de mentores e profissionais de saúde que pudessem me aconselhar e fornecer respostas para me ajudar a chegar onde queria. Sabia, do fundo do meu ser, que um chegaria lá.

A questão era: quando seria esse dia? Talvez anos se passassem até que eu encontrasse o caminho certo. Ainda planejava completar minha reabilitação em Chicago, onde poderia passar pela cirurgia de reinervação localizada e treinar o uso de braços biônicos. Mas, antes de mais nada, precisava recuperar minhas forças para estar preparado para o treinamento com próteses: ainda precisava aprender a me sentar sozinho, por exemplo.

Os braços biônicos em questão são os chamados braços mioelétricos, que funcionam por meio de um sensor que toca a pele e recebe sinais criados pela contração muscular. Se os músculos remanescentes do braço não tivessem mais a habilidade de contrair o suficiente para o sensor receber o sinal, então, eu não estaria apto a usar esse tipo de braço. Ainda no Centro Marian Weiss, Élida testou a força dos sinais dos meus músculos. Os resultados foram “moderadamente bons”, o que significava que, com o treinamento necessário, eu poderia usar braços biônicos. Uma notícia boa e eu fiquei na esperança de ter mãos que pudesse abrir e fechar.

***

Ian sabia o quanto eu estava interessado nessas tecnologias. Por isso, me convidou para uma grande feira anual da ISPO (Sociedade Internacional de Próteses e Órteses), argumentando que seria uma grande oportunidade de conhecer melhor o universo das próteses e ver em primeira mão o que havia de mais avançado nesse campo. Entretanto, havia duas ressalvas: a conferência seria na Alemanha e ela aconteceria em dez dias, em 15 de maio de 2010. Fiquei lisonjeado com o convite, mas achei loucura viajar para outro país nas condições

em que me encontrava. Eu nem sequer me sentia capaz de sair de casa para jantar com amigos, o que dizer de ir para outro continente?

“Estava sentindo pena de mim mesmo quando tive um estalo. Ainda que ninguém tivesse conseguido realizar o que eu tanto almejava, não significava que eu não poderia ser o primeiro.”

Naquela noite, eu fui para casa com os pensamentos a mil por hora, avaliando todas as oportunidades que teria pela frente se fizesse a viagem.

Temia ir para outro país, sobretudo um que me parecia tão estranho.

Imaginei-me sendo conduzido por vielas alemãs enquanto turistas olhavam para mim e tiravam fotos do “pobre menino na cadeira de rodas”. Tinha medo de pensar nas palavras ofensivas que poderiam dizer numa língua que eu não entendia. Pensei que não havia jeito de eu ir: primeiro teria de aprender a caminhar e me reacostumar com Alphaville antes de cogitar fazer uma viagem dessas.

Estes eram os meus pensamentos até que me lembrei do show do AC/DC. Refleti sobre o quão arrojado havia sido ir ao show. Mas, acima de tudo, me recordei do que meu pai me havia dito depois disso. Se eu não tivesse ido, teria escutado as músicas do meu quarto e ficado com raiva de ter perdido a oportunidade. O show certamente havia apresentado condições muito mais desfavoráveis do que aquelas que eu poderia enfrentar na Europa. Se não viajasse, eu me arrependeria ao ouvir o que Ian diria sobre a feira, e ia desejar ter estado lá em pessoa.

Quanto mais pensava nisso, mais minha postura mudava. Se tivesse de fazer minha primeira aparição pública pós-amputação, seria melhor que fosse em um lugar onde não entendesse o idioma das pessoas. E se encarasse bem essa experiência, ganharia autoconfiança para ser visto em Alphaville, onde eu conheço tanta gente e onde o que for dito a meu respeito certamente chegaria aos meus ouvidos.

Além disso, eu sempre quis conhecer uma cidade medieval e ver o que restou dos antigos castelos. Seria uma boa sair da minha rotina depois de meses tão sofridos. Decidido, conversei com o meu pai. Para a minha surpresa, ele prontamente concordou que eu fosse — e emocionou-se ao ver que eu já estava realizando planos. Minha mãe também aprovou a ideia, com um pouco mais de hesitação e saudades antecipadas pela minha ausência. Eu precisaria de companhia, e entre meus irmãos e primos, Marcelo era quem tinha o calendário

mais flexível.

Quando liguei para convidá-lo, sua resposta foi: “Me dê uns minutos”.

Pouco mais de uma hora depois, ele me ligou de volta e disse: “Limpei minha agenda para toda a semana que vem. Vamos nessa!”

Uma semana depois, estava a caminho do aeroporto, ansioso. E animado.

Não há lugar mais atribulado que um aeroporto internacional. Eu estava totalmente fora da minha zona de conforto. Desde que tinha sido levado para o hospital em setembro, quase um ano antes, só havia estado na minha casa ou na casa de amigos da família, além de instalações médicas. Estava emocionado só de pensar nas experiências que teria na Alemanha e na Holanda, onde decidimos passar alguns dias.

***

Mesmo em meio a tantas adversidades, era possível enxergar coisas positivas: minha família havia se tornado mais unida e, em outras circunstâncias, seria impossível conceber uma viagem espontânea como essa com o Marcelo. Ali, no caminho para o aeroporto, foi a primeira vez que percebi isso: toda adversidade traz consigo novas oportunidades. Não fossem as amputações, eu provavelmente estaria dedicando todo o meu tempo ao estudo na faculdade — ou ainda no curso pré-vestibular. Era inegável que a viagem parecia uma opção mais interessante.

Uma vez no aeroporto de Guarulhos, senti uma espécie de vertigem quando a porta do carro se abriu. Passei pela rotina de sempre: tirar a minha cadeira de rodas do porta-malas, prepará-la, ser colocado sentado, ser transferido para a cadeira. Dessa vez, no entanto, havia um monte de pessoas me olhando. Sentia os olhos delas me penetrando enquanto pensavam: “Meu Deus, ele não tem um, dois, três... não, quatro! Ele não tem os quatro membros!” Esses olhares me causavam incrível desconforto. Mas eu sabia que a decisão de viajar acarretava ter de passar por isso.

Felizmente, grande parte do nervosismo deu lugar a um grande entusiasmo assim que o atendente entregou os cartões de embarque ao Marcelo.

Ficava imaginando como seria para mim um voo tão longo. Estava preocupado em conferir como o Marcelo e eu caberíamos no banheiro do avião. Naquela época, eu não tinha a menor destreza para ir ao banheiro por conta própria. Imerso em preocupações, logo ouvi o anúncio do embarque.

Marcelo e eu pudemos cortar a imensa fila e entramos no avião antes dos outros. Seguimos até os nossos assentos e pudemos relaxar, enquanto os demais passageiros lutavam para chegar aos seus assentos e se encolhiam em suas poltronas. Esse pequeno privilégio me acalmou e eu me reclineino banco,

ansioso pelas aventuras que viriam.

Descobri que os assentos da classe econômica são muito mais confortáveis quando não se tem de espremer os cotovelos ou retrair as pernas para não bater no assento à frente. Não que isso compensasse a falta que sentia dos meus membros, mas por que não enxergar o lado positivo da situação? Essa constatação, além da medicação que me fazia sentir cansado e do barulho monótono do motor, me fez dormir rapidamente, e o voo transcorreu sem problemas.

Já era dia quando aterrissamos em Frankfurt, na Alemanha, onde tudo é tão diferente. O ar tinha um cheiro peculiar, era primavera enquanto no Brasil estávamos no outono, e eu me sentia renovado. Os outros passageiros se dispersaram e logo éramos só eu e o Marcelo em um carro alugado com destino a Leipzig.

Chegamos ao hotel de noite e tentamos encontrar o Ian, mas desistimos e fomos para o nosso quarto. Estávamos exaustos por causa do voo e da viagem de carro, que demorou muito mais do que planejado porque o GPS

indicou o caminho errado e nos obrigou a pedir informações aos simpáticos moradores dos pequenos vilarejos por onde passamos. Apagamos assim que nos deitamos.

A feira começou na manhã seguinte. Quando chegamos ao centro de convenções, fiquei encantado. Eu nunca tinha visto construção tão imponente quanto aquela. O complexo era composto de dois prédios enormes de aço cobertos por janelas. A parte de dentro era repleta de fontes e plantas de todos os tipos.

O lugar estava absolutamente cheio. Pessoas de todo o mundo tinham vindo participar de simpósios, palestras e debates, e eu mal podia esperar para explorar a feira. As filas para os estandes de empresas eram imensas, cada uma com algo a me ensinar sobre o universo das próteses. Seguíamos Ian, que tinha em mente o que buscava. Notei que quase não havia amputados por lá. Era um evento para profissionais compartilharem informações e os únicos amputados que vi trabalhavam para alguma companhia, testando seus mais novos produtos.

Estava curioso sobre os últimos avanços em matéria de próteses, e não havia nada que eu não quisesse tocar ou testar. Logo, Marcelo e eu nos separamos do Ian, para que pudéssemos ver as coisas no nosso ritmo. Eu estava impressionado com a variedade de opções que encontrava. Aprendi como o joelho protético se junta ao membro residual usando um soquete, parte da prótese moldada para perfeito encaixe do membro. Em outro estande, me mostraram um método para

manter esse encaixe, chamado liner. Esses liners, que são feitos em vários formatos e materiais, envolvem o membro e criam uma barreira entre a pele e o soquete. Isso protege o membro ou o enxerto de pele, como no meu caso, de ferimentos, além de fornecer sucção extra para manter a prótese presa ao membro.

Por fim, chegamos à parte mais aguardada: a das mãos biônicas. Um estande tinha uma mão em exibição, ligada e funcionando. O representante conectou sensores ao meu braço e me deixou testar o braço mioelétrico. Foi muito legal ver aquela mão abrir e fechar de acordo com as minhas contrações musculares.

Eu estava me divertindo muito dirigindo-me até os fornecedores, e, para minha surpresa, muitas pessoas vieram até mim – talvez porque eu não tinha os quatro membros e elas enxergassem em mim alguma maneira de fazer dinheiro? De fato, qualquer dispositivo de que eu precisasse teria de ser multiplicado por quatro, e não em por um. Recebi dezenas de cartões, que o Marcelo foi tãosmente colocando no bolso. Essas pessoas não estavam apenas tentando vender próteses, mas também cadeiras de rodas de todos os tipos: um modelo motorizado, que atingia até oito quilômetros por hora — mais rápido que uma pessoa caminhando em passo acelerado —, e até uma cadeira que subia escadas.

Eu estava usando uma cadeira de rodas alugada e bem surrada. Era algo proposital: ainda que argumentassem que uma nova cadeira de rodas era a resposta para o meu desejo de independência, estava decidido a voltar a caminhar. Tive a sorte de ter sido cuidado por médicos que se preocuparam em preservar o suficiente das minhas pernas. Sabia que comprar uma cadeira de rodas me levaria a uma acomodação, então, antes que tivesse força suficiente para andar por conta própria, decidi que usaria apenas cadeiras de aluguel.

***

Curti cada minuto do tempo que passei adquirindo conhecimento acerca do universo das próteses. Melhor do que aprender entre quatro paredes era o que eu estava aprendendo fora delas.

A atmosfera na Europa era incrível. Não lembrava em nada o que eu já tinha vivenciado antes. Havia visitado países da América do Sul e os Estados Unidos, mas nada se compara ao Velho Mundo.

Há uma sensação que só pode ser encontrada em meio àquela arquitetura centenária.

Sentia-me uma nova pessoa nessa terra estranha, com gente tão diferente. Meu anonimato era um escudo que me protegia. Percebi que estava ansioso para sair e conhecer restaurantes e pontos turísticos com o meu primo, algo que me

causava temor no Brasil. Houve até momentos em que eu esqueci que era amputado, de tão relaxado e à vontade que estava. O

mais incrível é que, quando eu não comportava como se estivesse com vergonha ou embaraçado por causa da minha situação, a reação das pessoas era muito melhor.

Não sei ao certo se isso era uma prova de que os estranhos sempre refletem os nossos sentimentos sobre nós mesmos ou se era eu quem dava muita importância à reação dos outros. De qualquer forma, sentia uma liberdade indescritível em poder sentar em um café sem me preocupar com as impressões de quem estava ao redor.

Essa postura foi mantida mesmo depois da conferência, quando Marcelo e eu seguimos para a Holanda. Fomos para lá sem nenhum plano em mente a não ser visitar pontos turísticos. Dirigimos pelo interior do país, tão exótico para nós quanto a Alemanha. Continuei tentando fazer coisas novas com a ajuda do Marcelo, e me tornei aos poucos cada vez mais autoconfiante.

Na primeira semana em que estive em coma na UTI do hospital, meus irmãos e primos prepararam um cartaz com fotos de nós cinco com as inscrições “Veni, vidi, vici” — célebre frase em latim que significa “vim, vi e venci”. Quando saí do coma, combinamos que, assim que tivesse alta, nós cinco tatuaríamos a frase no corpo. A visita a Amsterdã pareceu a oportunidade perfeita para fazer a tatuagem. Pedi ao Marcelo que me levasse a um estúdio e mandei gravar a inscrição nas costas. Quando chegou a sua vez, Marcelo achou melhor “deixar para outra hora”. Até agora estou esperando os quatro tomarem coragem de se tatuar...

***

Um dia, uma das rodas se prendeu no calçamento de paralelepípedos e eu fui arremessado na calçada. Sem conseguir me levantar sozinho e não sendo capaz de rastejar de volta até a cadeira, dei uma bronca no Marcelo por causa da sua desatenção ao me empurrar. Ele me resgatou rapidamente e me colocou de volta no assento.

Essa foi uma das raras ocasiões em que fiquei realmente frustrado. Na maior parte do tempo, ríamos das situações inusitadas em que me metia por estar usando cadeira de rodas em uma cidade antiga.

De fato, por causa das numerosas instalações antigas e desatualizadas na Europa, enfrentamos algumas situações complicadas. Entrecortada por canais, Amsterdã é uma cidade com prédios apertados e nem um pouco adaptados à acessibilidade de pessoas com necessidades especiais. Lá encontramos Marcelo

Lorenzi, o Lora, amigo de longa data do Daniel.

Estávamos sentados do lado de fora de um café quando senti uma vontade incontrolável de urinar. Relatei o fato aos Marcelos e como minha cadeira de rodas não cabia no banheiro, eles rapidamente bolaram um “plano emergencial”.

Lora me segurou pelas axilas, Marcelo pelas pernas, e disparamos café adentro, antes que alguém pudesse fazer qualquer pergunta. Na estreita cabine, Lora permaneceu segurando meus braços enquanto meu primo abaixava minhas calças. Lora gritava “Vai, vai, vai, não tô aguentando”, enquanto eu urinava para todos os lados. Todo o processo foi tão ridículo e desorganizado que gargalhávamos o tempo inteiro. Quando saímos os três do banheiro, aliviados, demos de cara com clientes e atendentes perplexos, e uma garçonete que não se segurou e deu risada. Era um alívio poder rir de momentos que teriam me aborrecido poucos meses antes. Apesar das risadas, foi mais um episódio que me motivou a conseguir minhas próteses o quanto antes.

***

A viagem passou voando e, antes que eu me desse conta, já estávamos embarcando de volta. Mal podia esperar para contar à minha família tudo o que havia visto e aprendido. Eu estava muito ansioso para mostrar as fotos que provavam o quanto eu tinha me sentido confortável em público. Ainda tinha muito a superar antes que pudesse sair pelas ruas de Alphaville, mas esse era um bom começo. Encarar essa viagem havia sido uma decisão difícil, mas pela primeira vez eu me senti animado com o meu futuro e as oportunidades que eu teria pela frente. Mal podia esperar para ir para Chicago ganhar novas mãos e ansiava conhecer novos lugares.

Para comemorar o meu retorno, fomos a um restaurante, algo que já não me deixava mais ansioso. Apesar de ainda não me sentir apto a encarar Alphaville, estava à vontade para sair para jantar com amigos e parentes em São Paulo. Notava meu progresso, ainda que passasse a maior parte do tempo em casa, no meu computador, estudando música.

Senti progressos também na fisioterapia. Um dia, estava indo para o Centro Marian Weiss, deitado no banco de trás do carro como de costume.

Minha mãe estava no banco do carona e Sylvio estava dirigindo. Sempre tive interesse por física, então, enquanto eu observava o teto do carro, pensei em me sentar. Olhei em volta do banco traseiro e notei que, se eu conseguisse alcançar a maçaneta, poderia rastejar até adotar uma posição sentada. Pela primeira vez estava irrequieto no banco de trás, o que chamou a atenção da minha mãe, que se virou. Alcancei a maçaneta e me levantei como planejado. Quando consegui me

sentar, levantei meus pequenos braços e gritei de euforia. Minha mãe acompanhou tudo e Sylvio, olhando meu feito pelo retrovisor, celebrou conosco. Era mais uma pequena conquista na minha batalha pela independência.

9. Nada vem fácil Batia na porta o mês de junho de 2010, época da Copa do Mundo, quando Mônica me disse que era hora de fazer o meu primeiro par de pernas.

Criariam um par de soquetes para a afixação de stubbies. No Centro Marian Weiss, eles usam um componente em formato de pé para dar mais estabilidade. Essas pequenas pernas me ajudariam a ganhar mais força e resistência, preparando meu corpo para receber novos joelhos. Não se pode passar diretamente para as pernas completas por causa da mudança brusca no centro de gravidade. Se caísse, o que aconteceria com frequência, a queda seria muito maior. Com stubbies, eu aprenderia a andar e me equilibrar ainda perto do chão.

Quando cheguei à clínica, Rodrigo, o responsável pelas próteses, me chamou até a sala de moldagem e apanhou uma fita métrica. Eles me disseram que iriam tirar medidas de três pontos específicos de cada perna e mandariam as medidas para a central de fabricação, onde fariam um modelo usando uma impressora 3D. O produto final seria enviado de volta à clínica, já pronto para o uso.

***

Cheguei cedo ao Centro Marian Weiss, no dia em que fui testar as minhas pernas. Finalmente, havia chegado o momento pelo qual tanto ansiava depois que soube que eu ia perder as pernas. Depois de um ano deitado e sentado, não havia nada que eu desejasse mais do que ser capaz de ficar em pé por conta própria.

Eu estava sentado na cadeira de rodas enquanto eles colocavam os soquetes nas minhas pernas. No momento em que me levantei, senti uma dor intensa das coxas até as costas. Com auxílio dos terapeutas, dei os primeiros passos. Sonhava que esse momento seria uma grande vitória pessoal, que me tornaria um novo homem assim que voltasse a andar.

Não foi o caso. Meus passos, se é que posso chamá--los assim, foram empurrões lentos e penosos das coxas e os terapeutas praticamente me carregaram para que eu pudesse sair do lugar. Foram dez ou quinze segundos de pé, com gritos de dor agonizantes, até que eu fiquei exausto demais para continuar. Precisei me sentar para recuperar o fôlego e dar descanso às minhas costas.

Como eu não tinha mais a maioria dos músculos e articulações das pernas,

todo o peso do meu corpo caía sobre as articulações do quadril, do abdome e da lombar. Estas também eram as áreas responsáveis pelo movimento das pernas. Depois de ficar tanto tempo em cadeira de rodas e na cama, meu corpo estava desacostumado a permanecer ereto. Como resultado, acabava usando a cadeira de rodas como andador para tentar aliviar a pressão sobre as costas e o abdome. Mesmo assim, eu só conseguia dar alguns passos por vez.

Aquelas sessões de uma hora pareciam durar um dia inteiro. Minhas costas doíam e eu ficava exausto. Tamanho esforço me fazia relembrar os dias em que passava na academia ou jogando bola e percebi que jamais tinha sentido tamanha exaustão física. Era incrivelmente frustrante deixar a sessão após tamanho insucesso. Eu não fazia ideia de que seria tão difícil andar, e aquilo era desanimador. Agora que eu tinha tido a chance de caminhar, entendi por que todos os amputados quadrilaterais que havia encontrado ou conhecido pela internet estavam em cadeiras de rodas: caminhar exigia um esforço sobre-humano.

Se não perdi as esperanças de que eu poderia ficar forte o suficiente para andar, estava significativamente desencorajado. O pensamento da minha família também mudou: a cada dia que me viam tentando andar, ficavam mais convencidos de que eu precisaria de uma cadeira de rodas para sempre. Ian percebeu que minha família estava mudando de opinião e conversou com eles sobre um novo modelo de cadeira. Ele tinha uma motorizada na clínica e sugeriu que eu a levasse para casa para fazer um “test-drive”. Se eu gostasse, ele a venderia para mim.

Aceitamos a oferta e trocamos a cadeira de aluguel esfarrapada pela motorizada. Eu a tratava mais como um brinquedo do que como algo que quisesse comprar, porque eu não havia perdido as esperanças. Corri com ela por toda a casa. Meus irmãos me viam correndo e queriam testar também. Então, nos revezávamos, como se fôssemos crianças de novo.

Arranhamos praticamente todas as paredes da casa, mas eles também ficaram entretidos com a nossa diversão. Depois de “testarmos” a cadeira motorizada o suficiente, ela foi devolvida ao Ian. Decidi comprar uma cadeira manual leve, para que a gente não precisasse continuar pagando o aluguel, pois percebi que demoraria um bom tempo até que eu pudesse abrir mão de uma — se é que esse dia realmente chegaria.

Continuei praticando com os stubbies. As sessões de fisioterapia não ficavam mais fáceis, o que me aborrecia. Sylvio sempre trazia os stubbies para casa para eu continuar praticando fora da clínica. Mas eu nunca os colocava. Evitava

pensar naquelas pernas ou mesmo em andar, e focava minha atenção na produção musical.

Eu estava assustado. E preocupado com a possibilidade de fracassar usando as próteses de perna. Não conseguia encarar o fracasso, especialmente se desse tudo de mim, pois não teria o que fazer depois.

Então, em vez de encarar o problema, eu o ignorava por quanto tempo pudesse, na esperança de que algum milagre tornasse meu objetivo possível.

Cheguei a pensar que estava pronto para ir a Chicago. Estava ansioso por conseguir os braços e também contente por sair de Alphaville. Sentia-me um prisioneiro em minha própria casa, porque ainda não queria circular por onde tivesse a mínima chance de esbarrar com algum conhecido.

Recordei do sentimento de liberdade que eu tinha tido na Europa e esperava por algo parecido nos Estados Unidos.

Também estava de saco cheio da minha dependência. Não esperava milagres; sabia que haveria uma quantidade significativa de tarefas que eu não seria capaz de realizar sozinho por um tempo, talvez para sempre.

Algumas das coisas que mais gostaria de fazer sozinho, era me alimentar e escovar os dentes, tarefas que se repetem diversas vezes ao dia e que não demandam esforço ou coordenação. Imaginei que, quanto mais rápido iniciasse meu treinamento com um novo par de braços, mais rápido poderia fazer as coisas sozinho.

“Eu estava assustado. E preocupado com a possibilidade de fracassar usando as próteses de perna.

Não conseguia encarar o fracasso, especialmente se desse tudo de mim, pois não teria o que fazer depois.

Então, em vez de encarar o problema, eu o ignorava por quanto tempo pudesse, na esperança de que algum milagre tornasse meu objetivo possível.”

Entramos em contato com a equipe do Instituto de Reabilitação de Chicago para discutir a possibilidade de eu ir para lá. Eu estava bastante animado para conversar com o Dr. Kuiken e ouvir o seu plano, já que ele era o principal motivo de eu fazer a viagem. Ele se lembrou da visita que meu pai e Lucas lhe tinham feito em Chicago, meses antes, e traçou um plano para mim. Disse que eu deveria ir para lá em outubro, no aniversário de um ano das minhas amputações, e que eu receberia então um par de braços. Quando eu estivesse confortável com os braços, poderia decidir trabalhar as pernas também.

Era hora de contar meus planos à equipe do Centro Marian Weiss. Era difícil porque eles significavam muito mais para mim do que uma equipe de fisioterapia e de especialistas em próteses. Nunca estivera tão fraco em minha vida, e eles me reabilitaram física e mentalmente. Fiquei triste ao ver que nossa relação diária estava chegando ao fim. Ian não ficou surpreso quando contei a notícia para ele, mas isso não tornou as coisas mais fáceis.

10. Um balde de água fria Após as despedidas, estava nervoso para a viagem. Tinha medo de fracassar, o mesmo medo que manteve os stubbies no armário. Era minha grande chance de ter sucesso com os braços, e talvez também com as pernas. Eu estava indo para uma clínica especializada em biônica. Era assustador saber que, caso não desse certo, teria de repensar todas as minhas expectativas quanto ao que fazer.

Daniel e a minha mãe me acompanharam no longo voo. Minha cabeça estava dividida entre projeções otimistas para o futuro e o temor de fracassar. Era raro eu ter um momento absolutamente relaxado: ou estava ora empolgado, ora nervoso.

O Dr. Kuiken nos havia aconselhado a arrumar um lugar para ficar por dois ou três meses, tempo que ele imaginava que o processo fosse durar. O

apartamento que alugamos era incrível: tinha vista para o Lago Superior e ficava a dois quarteirões da clínica, em uma excelente localização para visitarmos os pontos turísticos de Chicago.

Fomos para o Instituto de Reabilitação de Chicago logo cedo, no dia seguinte à nossa chegada, para conhecer a equipe médica e descobrir onde poderíamos conseguir os itens de acessibilidade de que eu necessitava, como uma cadeira de banho.

Cada andar da clínica é dedicado a um ramo específico de reabilitação.

Fiz uma visita monitorada pelo prédio. No caminho, conheci os terapeutas ocupacionais e especialistas em prótese. Fiquei bastante impressionado com o edifício. Em todos os lugares para os quais olhava, havia pacientes trabalhando duro, e eu mal podia esperar para ser um deles. A visita terminou na sala do Dr. Kuiken, onde tínhamos uma reunião marcada.

O médico fez uma rápida avaliação dos meus membros. Há semanas aguardava o que ele tinha a dizer, e sabia que o meu futuro dependia do que ele diria naquele momento. Para a minha surpresa, ele recomendou veementemente que eu não passasse pela cirurgia de reinervação. Fiquei chocado ao ouvi-lo dizer isso: na minha cabeça, achava que o único critério para se candidatar era

ter um braço amputado. Ele não parou por aí. Disse também que não achava que braços biônicos seriam uma boa ideia para mim e sugeriu que próteses mecânicas com ganchos seriam a melhor opção.

De cara vi com antipatia a ideia de usar um par de ganchos, como uma espécie de pirata. Queria mãos que parecessem naturais, não um mecanismo antiquado. O Dr. Kuiken explicou o que significava usar uma prótese mecânica. Os braços protéticos teriam soquetes similares aos das pernas, mas, em vez de serem fixados por meio de sucção, usam arreios que os prendem aos meus cotos e se conectam na parte superior das costas. Um cabo é conectado de cada lado do arreio e estendido até os ganchos. O

movimento do meu ombro criaria uma tensão no cabo e abriria o gancho.

Soltar a tensão permitiria que o gancho se fechasse sozinho.

Depois que entendi o mecanismo, ele continuou a listar as razões para a sua decisão. Havia dois pontos principais: o tipo de amputação que tinha feito e o custo. Como não tenho cotovelos, isso significava que eu estaria usando os bíceps e tríceps para controlar as mãos biônicas, o que é bem difícil de fazer da maneira controlada.

O fato de eu ter os ossos dos ombros inteiros em ambos os braços significava que o peso também seria um fator importante. Como as mãos biônicas são bem mais pesadas que os ganchos, seria preciso muito mais energia e força para criar a tensão necessária para levantar o antebraço sem a ligação natural com o cotovelo. A confecção de uma prótese de cotovelo também tornava a prótese biônica difícil de controlar — além de bem mais cara.

Como o coto dos meus braços era longo, acrescentar um cotovelo tornaria um braço biônico muito grande, e eu não seria capaz de alcançar minha boca com as mãos. Os ganchos apresentam um design muito simples e funcional, e, com eles, o comprimento dos meus cotos representava um benefício.

Além da funcionalidade, a diferença de preço também era fator determinante. Mãos biônicas custariam pelo menos cinco vezes mais que o sistema mecânico, sem contar a cirurgia de reinervação. Além disso, planos de saúde não cobrem equipamentos de próteses no Brasil, que dirá nos Estados Unidos. Como minha família estava pagando do próprio bolso, os custos da sonhada mão biônica somariam uma pequena fortuna.

O Dr. Kuiken terminou explicando que o design de gancho que sugeria para mim era o mesmo desde os tempos da Guerra Civil Americana, e ainda era amplamente utilizado por ser o mais eficiente. Se eu tivesse cotovelos, talvez as mãos biônicas fizessem sentido, mas no meu caso a melhor opção eram os

ganchos.

Também colocamos em discussão o meu desejo de caminhar e ele ponderou que os braços eram ferramentas essenciais para aumentar a minha independência, mas que estava receoso quanto às pernas. Segundo ele, havia poucas chances de um amputado bilateral acima do joelho voltar a andar. E o fato de eu não ter braços tornaria meu objetivo de caminhar quase impossível.

Ele não ficou surpreso ao me ouvir falar das dificuldades que eu tinha tido ao tentar caminhar no Centro Marian Weiss. Disseme que, se eu quisesse fazer minhas pernas com eles, optaria por joelhos hidráulicos.

Novamente, ele mostrou que estava preocupado em que gastássemos dinheiro sem necessidade em um aparato de alta tecnologia que acabaria ficando no armário.

Respeitei a opinião dele, mas estava incrivelmente desapontado com as notícias. Tinha vislumbrado um par de joelhos com microprocessadores e braços biônicos. Era como se eu tivesse entrado em uma loja de eletroeletrônicos em busca de um iPhone e saísse de lá com um celular antigo. Era minha vida e independência que estavam em jogo. Contudo, estávamos falando de uma conta mais de cem mil dólares mais salgada que a opção mais barata sugerida pelo Dr. Kuiken — sem incluir as horas de treinamento necessárias.

Agradecemos pelo modo conscienciosо como o Dr. Kuiken me havia tratado. Ele poderia ter apenas olhado para o lado financeiro e atender os meus desejos, mas, em vez disso, me aconselhou a poupar o dinheiro da família e pensou nas melhores opções de acordo com as minhas amputações.

Olhando para trás, concordo com tudo o que ele apontou, mas não posso negar que saí da consulta desapontado. Nossa conversa representou um banho gelado de realidade para o qual ainda não estava preparado. Na véspera, eu estava ansioso por imaginar que, finalmente, teria acesso à tecnologia com a qual tanto havia sonhado enquanto estive internado. Em menos de uma hora tudo havia mudado, e eu já não me sentia tão animado.

Ainda assim, não perdi as esperanças. O Dr. Kuiken era um médico altamente credenciado e transmitia a impressão de dominar o assunto, de modo que confiei em seus planos. Só teria de ajustar minhas expectativas.

Passei a maior parte do dia livre digerindo essa nova informação. Daniel me empurrou na cadeira de rodas pelos dois quarteirões de volta ao hotel, no frio outono de Chicago. Era a temperatura ideal para mim, embora minha mãe já estivesse usando sua jaqueta de frio. Desde as amputações, sentia mais calor que qualquer outra pessoa por perto. A pele é o principal regulador de temperatura

do corpo, e eu tinha significativamente menos pele sem os quatro membros: não havia como meu organismo compensar essa diferença.

Mais tarde, descobriria que isso se agravaria ao cobrir a pele dos meus cotos com próteses feitas de fibra de carbono.

Liguei para o meu pai e lhe relatei os detalhes da reunião. Ele ficou bastante animado e gostou da honestidade do Dr. Kuiken, o que o fazia confiar naquilo que o médico apontava a respeito do meu tratamento.

Planejamos iniciar o trabalho com os terapeutas do Instituto de Reabilitação de Chicago assim que possível.

Enquanto estive no meu lar temporário, mergulhei nos estudos de música. Com acesso a equipamento musical muito mais barato nos Estados Unidos, o processo de criação era mais fácil e soava mais profissional. Entre a música, a terapia e as atrações de Chicago, não havia nenhum tempo para o tédio..

11. Braços mecânicos Eu estava animado com a minha primeira consulta na clínica. O sistema de preparo do soquete é diferente daquele das “três medidas” usado no Brasil.

Sem mais demora, meus braços foram colocados em um recipiente com gesso, do qual fariam um molde no formato exato para produzir o soquete.

Embora eu quisesse a opção simples de ganchos mecânicos, o processo de montagem envolvia uma série de pequenos mecanismos. Demoraria um pouco até eu receber os braços finais, e nesse meio tempo usaria um par de braços para teste. Estes eram feitos de um plástico translúcido e eram fixados por um elemento de ligação de espuma. Um pouco frágeis, mas apenas temporários, para termos certeza de que as medidas estavam corretas. Eles também me permitiram iniciar a terapia ocupacional, sem me fazer esperar mais.

A impressão que tive foi a mesma da que havia experimentado no Brasil.

Precisava realizar tarefas entediantes e difíceis de dominar — dessa vez com ganchos desajeitados. Novamente, tinha de trabalhar com um copo d’água, que invariavelmente acabava derramando.

Usando essas próteses, percebi o quanto seria necessário ter coordenação motora, e o quanto isso era ainda mais difícil para um amputado acima dos cotovelos. Para fazer minha mãe entender a diferença que uma articulação fazia, criei uma analogia. Pedi-lhe que para imaginasse que tinha quebrado o braço e precisava imobilizá-lo com gesso. Depois disse para ela pensar que tivesse quebrado o punho em vez do cotovelo.

Quando pôde notar a diferença de mobilidade entre não mexer o punho e não mexer o cotovelo, ela entendeu o que eu queria dizer.

Uma coisa é aprender a pegar uma garrafa com o gancho; outra é aprender a levar o copo até a boca com uma prótese com articulação de cotovelo. Para fazer isso, eu tinha de fechar e abrir um cabo diferente do que estava conectado ao gancho. Esse cabo também era ligado ao arreio nas minhas costas, mas ia até a unidade de cotovelo na parte da frente do meu braço. Eu tinha de puxar o braço para trás, para criar tensão no cabo e destravar o cotovelo. Isso permitiria que eu movimentasse livremente a articulação e eu poderia travá-la em diferentes ângulos usando o mesmo método.

Era muito difícil controlar essa articulação. Incrível como ficamos acostumados a movimentar nossos braços em tarefas rotineiras sem ao menos pensar. Esse novo sistema requeria cálculo e paciência constantes.

Para aumentar ainda mais a dificuldade, também precisei aprender a usar a prótese de articulação de punho, que travava em diferentes posições, e os ganchos. O punho era difícil demais para eu me preocupar com ele no início; era menos essencial que os ganchos.

Esses aparatos, que eu descreveria como hashis de metal, representavam uma mudança drástica em relação ao domínio que eu tinha dos cinco dedos. Eu ainda sentia meus dedos fantasmas e, quando tentava agarrar um objeto da mesa, estendia o braço residual e o alcançava com a “mão” aberta.

Olhar para o gancho me desanimava, ao notar que ele não estava aberto como imaginava minha mão. Eu tinha ideia fixa das mãos biônicas, pensando que seriam mais intuitivas de usar que esses ganchos de metal primários.

As coisas se tornavam mais complicadas pelo fato de os ganchos serem fechados com tiras de borracha em suas bases. Essas tiras de borracha são o que permite aos ganchos agarrar objetos; caso contrário, o objeto apenas escorregaria. Para abri-las eu precisava enterrar meu braço na parte dura do fundo do soquete e forçar o cabo a abri--los. Queria apenas ser capaz de abri-los e fechá-los com a mente, como eu costumava fazer, em vez de fazer força para mantê-los abertos enquanto tentava colocar aqueles pauzinhos em torno de um objeto.

Um dos exercícios consistia em fazer construções com peças de com Lego. Uma das brincadeiras preferidas da minha infância era erguer cidades, aviões e veículos com as peças. Passava horas enfurnado no meu quarto transformando os encaixes nas estruturas concretas que imaginava.

Aqueles mesmos blocos de construção agora me deixavam inquieto e

impaciente enquanto eu lutava para não deixar as peças de plástico escaparem.

Essas sessões eram frustrantes e ao mesmo tempo empolgantes. Ainda que eu não tivesse coordenação, era uma mudança bem-vinda ter um braço após meses dependendo dos outros para pegar qualquer coisa. Claro que estava longe de conseguir realizar movimentos delicados, mas dava para notar que era só uma questão de prática. Com o tempo, determinar que posições de braço seriam melhores para cada situação se tornaria algo natural para mim.

Pela primeira vez, usava próteses fora das sessões de terapia, ainda que por curtos períodos de tempo. Estava orgulhoso de mim mesmo por ter dado um passo adiante e ter incorporado novos membros ao meu dia a dia, mas ainda assim tinha dúvidas quanto à praticidade desses braços.

Quando se tratava de comer, esperava usar os braços em todas as refeições, num futuro próximo, mas naquele momento era conveniente ter minha mãe por perto. Nem sempre me desafiava a fazer as coisas do jeito mais difícil, mesmo sabendo que aquilo seria benéfico para mim. As limitações na eficiência dos novos braços ainda me intimidavam.

Comecei a me perceber dependente de um ajudante para o resto da vida; alguém que me seguiria por todo lugar e me ajudaria a abrir o zíper das calças ou uma lata de refrigerante. Esses ganchos não tinham a suavidade motora que têm as mãos, então nem ao menos cogitava tentar tais tarefas sozinho. Já estava tão acostumado a ter tudo feito para mim que era fácil estender o mesmo tratamento para o resto da vida.

***

O frio do outono de Chicago me fazia sentir vivo, estimulado pela cidade, suas possibilidades e as pessoas nas ruas, apesar da temperatura baixa. Eu não tinha preocupações — enquanto minha mãe ou Daniel estivessem por perto, tudo estaria bem. A cidade é muito bem pensada para pessoas com necessidades especiais: todos os lugares têm rampas ou elevadores; nunca encontrei um lugar ao qual não pudesse ir. Sentia-me acolhido, o que ajudava no progresso da minha reabilitação.

Isso ajudou a consolidar uma espécie de confiança dentro de mim, então um dia decidi fazer fisioterapia na clínica com meus stubbies. Continuava sendo doloroso e desafiador, mas de alguma maneira meu ânimo estava elevado. Ainda que passasse apenas dez minutos caminhando e o resto do tempo sem as pernas, sentia-me bem pelo esforço.

***

Quando recebi o conjunto final de braços, fui informado de que poderiam

reproduzir a imagem que eu quisesse no soquete dos braços. Na hora, decidi usar a estampa da camisa do AC/DC que um amigo me havia dado antes do show. As letras vermelhas do logotipo da banda cairiam bem nos soquetes pretos. Para o outro lado, decidi usar o logotipo de “O poderoso chefão”.

Eu parecia uma criança no Natal quando eles finalmente me presentearam com os braços novos e brilhantes. O caimento era perfeito, ao contrário dos braços temporários. Estes pareciam com armas pesadas e davam a impressão de serem feitos para um cara durão. Eu mal podia esperar para testá-los.

Continuei meus exercícios de reabilitação com ânimo renovado, e com a prática conseguia me alimentar sozinho com facilidade. Nessa época ,eu usava um tubo de espuma grossa em volta do garfo para conseguir uma maior aderência. Aprendi a perfurar a comida, girar o punho para que a comida apontasse para minha boca. Com essa técnica, eu só precisava mexer o punho, mantendo o cotovelo travado e o gancho fechado.

Entretanto, eu ainda precisava de assistência com comidas que pediam o uso de colher, e isso não parecia muito prático.

Como bom brasileiro, não posso imaginar viver sem arroz e feijão. O

problema é que eu só conseguia perfurar a comida. Sem querer depender de ninguém para me alimentar, agora que tinha os novos braços, comecei a bolar possíveis soluções. Depois de ter algumas ideias, fui encontrar meu terapeuta na clínica para que pudéssemos trabalhar nas modificações necessárias no meu pulso.

Ele adaptou algumas peças que manteriam o punho em uma posição intermediária. Um pino que evitaria que o punho se fechasse por completo.

Dessa forma, eu podia realizar o movimento de puxar e assim recolher comida. O movimento livre é acionado por um botão que alterna entre solto e a posição travada.

Da primeira vez que testei esse mecanismo, meu garfo funcionou como catapulta, lançando arroz por toda a mesa. Precisei praticar algumas vezes para descobrir o grau de tensão que era necessário para realizar o movimento suave de pegar a comida. Depois que dominei a técnica, nada podia me parar. Pedi uma segunda e uma terceira rodada de comida não por fome, mas por me sentir incrível com essa nova habilidade.

Era recompensador saber que eu era o principal responsável pela mudança no punho. Foi graças à observação das minhas necessidades que encontrei o jeito certo de melhor adequar o movimento. Isso abriu caminho para eu perceber que seria capaz de realizar todo tipo de tarefas. Se havia algo que eu pudesse fazer

melhor, acharia um jeito de fazê-lo, e se eu não pudesse completar a tarefa da maneira que queria, praticaria até conseguir.

Era algo de muito valor no longo prazo, pois, como amputado quadrilateral, enfrentaria muitos obstáculos na adaptação do uso das minhas próteses em atividades cotidianas.

Mantive o pensamento positivo em relação a tudo o que eu tentava fazer.

Dava duro na fisioterapia e na terapia ocupacional. Usava os braços com frequência fora da clínica, ainda que por curtos períodos de tempo. Ainda não praticava com os meus stubbies em casa por causa da dor, mas estava determinado a ganhar mais força para que aquilo se tornasse menos penoso.

Depois de um mês, Lucas veio para ficar no lugar do Daniel, que precisou voltar ao Brasil. Adorava experimentar restaurantes novos, mas comer a comida preparada pela minha mãe era especial. Ela me levava ao supermercado perto do nosso prédio para escolhermos uma enorme variedade de ingredientes. Só podíamos comprar o suficiente para uma refeição, pois as mãos dela já estavam ocupadas demais de tanto me empurrar na cadeira de rodas.

Ao retornar, preparávamos a cozinha, banhados pela luz natural que penetrava no rescinto através das amplas janelas de vidro que iam do chão ao teto do apartamento. Eu me sentava perto da bancada e orientava minha mãe sobre como cortar o salmão e revezávamos comendo nosso sashimi amador. Adorava a cozinha japonesa e tinha o hábito de ir a rodízios com os amigos. Quando voltei para casa depois da internação, minha mãe havia adquirido o hábito de pedir combinados de sushi e sashimi para comer comigo em casa. Ela sabia o quanto eu sentia falta daquela comida. Era um pequeno ato de carinho, era reconfortante e me fazia lembrar dos velhos tempos.

“Foi graças à observação das minhas necessidades que encontrei o jeito certo de melhor adequar o movimento. Isso abriu caminho para eu perceber que seria capaz de realizar todo tipo de tarefas. Se havia algo que eu pudesse fazer melhor, acharia um jeito de fazê-lo, e se eu não pudesse completar a tarefa da maneira que queria, praticaria até conseguir.”

Às vezes, durante esses nossos jantares, alguém do Brasil se juntava a nós via Skype. Esta se tornou uma pequena tradição entre nós e é ainda hoje uma das lembranças mais doces que tenho dos dias em Chicago.

12. Alguém com os mesmos desafios No Instituto de Reabilitação de

Chicago, tive a oportunidade de conhecer outros pacientes com múltiplas amputações. Os terapeutas falaram-me de um amputado triplo que estava lá havia mais tempo que eu, mas eu ainda não tinha tido a oportunidade de esbarrar com ele.

Com a ajuda de Lucas, fomos para a piscina. Estava animado por finalmente poder conhecer uma pessoa como eu. Esperava que um amputado triplo que podia caminhar seria alguém capaz de me orientar.

Chegamos à piscina, onde ele estava terminando de se exercitar. Eu o segui com os olhos enquanto ele nadava de um lado para o outro, um braço mais curto que o outro.

Ele se dirigiu à borda da piscina, de onde os fisioterapeutas o ajudaram a sair. Fiquei surpreso ao ver que ele era um homem de meia-idade, porque eu esperava que ele tivesse uma idade próxima da minha.

Ele se sentou na sua grande cadeira de rodas motorizada e veio na minha direção. Era um modelo sofisticado, acolchoado e que fazia a minha parecer um brinquedo. Por um momento, imaginei-me usando uma dessas, caso as pernas não dessem certo.

O nome dele era Brad e ele me disse que os fisioterapeutas também haviam falado de mim para ele. Percebi rapidamente que Brad não era nada tímido, e, sem perder tempo, ele me contou a sua história.

Brad tinha contraído a gripe H1N1, conhecida como gripe suína. Sua trajetória tinha uma série de semelhanças com a minha. Ele havia sido levado às pressas para o hospital em estado de choque e perto de morrer, pouco depois de um médico dizer que era apenas um resfriado comum. A gripe deu origem a uma septicemia, infecção generalizada do corpo. Brad tinha sido internado no hospital apenas alguns meses depois de eu ter sido levado para o hospital no Brasil. Todos os seus quatro membros foram tomados pela gangrena, mas seu braço esquerdo milagrosamente voltou à vida e pôde ser salvo.

A grande diferença no caso de Brad é que ele tinha passado três meses em coma, sem acordar. Pouco depois de sair do coma, entorpecido pelos medicamentos, seus membros gangrenados ameaçaram matá-lo e as amputações foram realizadas. Seus rins voltaram a funcionar enquanto ele ainda estava no hospital, o que os médicos haviam dito que não seria possível.

Uma vez saudável o suficiente para ser transferido, Brad foi levado para o Instituto de Reabilitação de Chicago como paciente internado. Todo o seu treino básico de força foi realizado ali — o mesmo processo que comecei na Lucy Montoro e terminei no Marian Weiss. Por ter permanecido o tempo todo no

mesmo instituto, começou a trabalhar com próteses antes de mim, assim já andava com stubbies havia mais tempo.

Assim como eu, Brad tinha ouvido muitas vezes as palavras “impossível” e “não” ao longo de sua luta contra a morte e sua tentativa de reabilitação.

Brad também tinha o objetivo de andar de novo. Não queria ficar preso a uma cadeira de rodas. Lembro de ouvi-lo dizer que, depois de ter três membros amputados, “seu corpo tinha parado de encolher e agora era hora de crescer”, o que ele conseguiria com o auxílio de próteses.

Conversamos sobre o quanto as nossas terapias ocupacionais e fisioterapias estavam progredindo. Ele me disse que vinha treinando com stubbies, mas não os usava fora da clínica. Ele também tinha uma prótese para o braço, com gancho, mas também só a utilizava durante a terapia ocupacional. Como ele tem uma das mãos, não via tanta necessidade de usar o braço mecânico no dia a dia, até porque vivia com um cuidador que o auxiliava com as tarefas que ele ainda não podia realizar sozinho.

Desde o início, gostei da abertura de Brad comigo, uma vez que também sou do tipo de pessoa que se abre. Fiquei impressionado com a sua atitude em relação a voltar a caminhar. Imaginava que uma pessoa na casa dos cinquenta anos se resignaria com o seu destino e aceitaria não mais andar.

Ledo engano. Como nos demos bem, Brad e eu combinamos de sair para jantar naquela mesma noite, e sugeri uma churrascaria brasileira no centro de Chicago.

***

Assim que cheguei em casa, naquele dia, liguei para o meu pai e lhe relatei o encontro. Estava empolgado por ter contato com alguém que havia enfrentado obstáculos semelhantes aos meus e que demonstrava grande dedicação para superá-los. Ele ficou feliz por eu ter alguém com quem falar sobre a reabilitação, algo que ninguém, a não ser um amputado, pode realmente entender. Era um diferencial o fato de ele também ter perdido vários membros, uma vez que a maioria das pessoas que havia conhecido até o momento tinha perdido apenas uma das pernas abaixo do joelho, o que dificultava a comparação com o meu processo de reabilitação.

Durante o jantar, assim que Brad achava que alguém estava olhando para nós dois demoradamente, ele chamava a pessoa e contava o que havia acontecido. Ele sabia que as pessoas eram inerentemente curiosas sobre a nossa situação, mas a maioria considerava grosseiro perguntar. Em vez de esperar que estranhos fizessem as perguntas, ele oferecia as respostas, abrindo caminho para a

conversa. Vendo o quanto ele se sentia confortável para falar sobre as suas amputações, as pessoas se sentiam à vontade para fazer perguntas. Com ele aprendi como interagir com as pessoas em relação às minhas amputações. Ele me mostrou como tratar desse assunto considerado tabu.

Fui responsável pela maior parte da conversa, já que minha mãe não fala inglês. Discutimos uma série de assuntos, sobre o que achávamos do hospital, nossas experiências de reabilitação; até de política e cultura brasileira tratamos. Era a primeira vez que Brad entrava numa churrascaria rodízio, e ele ficou impressionado com a variedade de carnes.

Ficou fascinado com minha maturidade e cultura, e quis saber bastante sobre o Brasil. Como gosto de tratar de assuntos polêmicos e participar de debates, assim como Brad, nos demos muito bem.

Brad contou que vivia em Ohio, a leste do estado de Chicago. Toda a sua família morava lá, e ele havia se mudado para Chicago temporariamente em função da sua reabilitação, assim como eu. Ele tinha um filho, alguns anos mais velho do que eu, e duas filhas — uma era praticamente da minha idade e outra três anos mais nova. Brad mostrou-me as fotos dos seus filhos no celular.

Fiquei fascinado pela foto de sua filha do meio, tirada do lado de fora da casa. Seu rosto claro e o cabelo loiro soprado pelo vento. Ela usava um vestido rosa brilhante que lhe caía perfeitamente. Era muito bonita e Brad deve ter notado o quanto fiquei atraído porque, em tom jocoso, disse para eu ficar longe dela.

Comecei a divagar como seria namorar alguém como ela. Pensei em como me compreenderia, por ter vivenciado as lutas semelhantes de seu pai. Ainda que ela fosse uma completa estranha, não consegui evitar pensar no casal que formaríamos. Então, caí em mim e me forcei a voltar à realidade.

Não havia a menor chance de uma garota bonita como ela querer namorar um cara como eu. Eu estava feliz e me sentia mais confortável com o meu corpo arruinado, mas achava que uma garota como ela jamais pudesse se sentir atraída por mim. A bem da verdade, esse era o único campo em que eu ainda lutava para me aceitar. Temendo me afundar novamente na depressão, concentrei toda a minha energia em coisas positivas, como a música, a terapia e a família.

Era muito difícil para mim imaginar uma garota me aceitando. Quando pensava na minha própria mentalidade em relação a garotas antes de ir para o hospital, percebia que eu nunca teria sido capaz de aceitar alguém como eu. Doía pensar como era fácil abordar uma garota antes, como o papo era superficial e como a atração por uma garota era meramente física.

Agora, o que eu possuía? Eu me preocupava em nunca ser capaz de ter minha própria família, e isso me assustava. Tentava manter minha mente longe do assunto namoro. Até ver a foto da filha de Brad.

Quando dei por mim, os pratos estavam limpos e meu estômago, cheio.

Pedimos a conta e nos despedimos, mas essa não seria a última vez que Brad e eu sairíamos para comer. Acabamos criando uma rotina, jantando regularmente no Texas de Brasil e em outros restaurantes. Nós nos tornamos bons amigos durante toda a minha permanência em Chicago. Ao término da minha estada na cidade, parecia que todos conheciam as nossas histórias. E eu havia ganhado um grande amigo.

Quando pensava na minha própria mentalidade em relação a garotas antes de ir para o hospital, percebia que eu nunca teria sido capaz de aceitar alguém como eu."

***

Na manhã seguinte, acordei inspirado para trabalhar. Disse ao Lucas que queria caminhar até a clínica com meus stubbies. Eram apenas dois quarteirões, e era hora de testar minhas habilidades no mundo real. Fiquei surpreso quando meu irmão tentou me dissuadir dessa ideia. Ele disse que era uma caminhada muito longa e que talvez ainda não fosse hora de encará-la. Não cedi e ele propôs um trato: eu andaria até a academia do prédio com ele para ver como me sentia.

Estava nervoso. Seria minha primeira vez sem a ajuda das barras paralelas que usava na clínica. Como não tenho mãos, não podia agarrá-las e pelo comprimento das minhas pernas as barras acabavam ficando na altura da minha cabeça, mas ainda assim, a presença delas era reconfortante. Caminhar em um lugar aberto, sem um médico ou fisioterapeuta por perto, fazia com que me sentisse vulnerável.

Com a mente agitada, desci da cadeira de rodas e coloquei meus stubbies. Dei alguns passos em direção à porta, sentindo-me confiante. No corredor, eu já estava pingando de suor. Podia ver o elevador, mas ele parecia estar a quilômetros de distância.

Usei a cadeira de rodas como andador para tirar um pouco da pressão sobre as costas e pernas, mas ela ajudava muito pouco. Cada passo era acompanhado de uma dor insuportável. O soquete se desgrudava da minha perna. O atrito feria meus enxertos de pele, que cobriam meu osso. A dor se irradiava pelo fêmur e agravava-se pelo peso do meu corpo, que era todo apoiado no osso serrado. O

pior era que cada passo parecia inútil; estava enfrentando esse sofrimento todo para avançar alguns centímetros!

Quando chegamos à academia, vinte andares abaixo, já estava ofegante e suando profusamente. Lucas pegou uma toalha para mim e um pouco de água ee me ajudou a beber, já que eu não estava usando meus braços.

Descansei enquanto observava distraidamente Lucas realizar sua rotina de exercícios. Não pude deixar de rir quando me lembrei dos meus dias de academia. Malhava com tanto afinco quanto o Lucas; mal sabia que aquilo era moleza perto da verdadeira provação que enfrentaria anos depois.

Quando o Lucas terminou sua série de exercícios, comecei o meu segundo "treino". Virei-me e fiz o caminho de volta ao elevador, desejando como nunca chegar de volta ao nosso apartamento.

Senti como se tivesse sido derrotado. Cada vez que colocava as minhas pernas, eu me perguntava se conseguiria me acostumar a caminhar com próteses. Dessa vez havia sido diferente. Eu tinha me deparado com o que mais temia. Tentara usar minhas pernas no dia a dia e nem sequer saí do prédio. O que mais poderia fazer?

Estava frustrado ao pensar em todo o trabalho realizado até então, sem saber a real utilidade daquilo tudo. Sabia que havia muitos amputados como eu, mas o fato de eles não caminharem significava que deveria ser impossível fazê-lo. Julguei que todo o suor e motivação teriam sido inúteis para me fazer voltar a andar. Era o que eu mais temia.

Não muito tempo depois dessa caminhada até a academia, tive outro encontro que me convenceu do meu destino. Uma consultora discutiria comigo opções de mobilidade. Temia o resultado dessa conversa. Lucas me empurrou até a clínica pelos dois quarteirões, e o frio do inverno que se aproximava já havia se instalado. Estava irritado com o vento gelado batendo no meu rosto, e antecipar o que conversaríamos só piorava meu humor.

Quando cheguei, a consultora já esperava por mim. Ela se apresentou e pegou o seu laptop. Mostrou-me várias cadeiras de rodas no computador.

Explicou-me os benefícios e as características de cada modelo. Por vinte minutos escutei suas explicações, pensando que eu poderia ter realizado a pesquisa por conta própria.

Ainda tínhamos quarenta minutos de encontro pela frente quando disse ao Lucas (em português, para não ser rude) que eu não aguentaria uma hora daquilo. Educadamente, dissemos à mulher que eu ainda não estava pronto para esse tipo de discussão e enfrentamos o frio cortante de volta para casa.

Contei à minha mãe como havia sido a reunião, uma raiva detectável na voz. Exagerei ao lhe dizer como ela estava me forçando a usar uma cadeira de rodas que eu não queria. Lucas, a voz da razão, respondeu que uma cadeira de rodas não era uma ideia tão insensata. Recorreu a exemplos cotidianos, tentando me convencer de que seria uma boa comprar uma nova cadeira. Lembrou meus planos de frequentar a faculdade e me perguntou como eu planejava me movimentar por um campus de faculdade sem uma cadeira de rodas motorizada.

Ainda assim, tudo o que eu queria era caminhar.

Embora eu tenha continuado lutando com palavras, já estava derrotado mentalmente. O motivo da minha hostilidade não tinha nada que ver com a mulher ou a reunião. Estava chateado porque havia dado de cara com a realidade. Percebi que tentava me convencer de que eu teria um futuro que não era possível.

Estava certo de que poderia me tornar uma pessoa capaz de andar, mas vinha sofrendo uma série de derrotas quanto ao meu objetivo, que pareciam sinalizar que nunca teria sucesso. Esse encontro parecia resumir tudo. Soube, naquele momento, que meu futuro seria numa cadeira de rodas, e eu estava com raiva porque minha positividade e determinação não tinham sido suficientes para me levar onde eu queria.

Minha mãe e o meu irmão tinham deixado o assunto de lado quando viram a perturbação no meu rosto, mas ainda assim não me dei por vencido. Eles me deixaram sozinho para digerir a informação, e eu me sentei na frente do computador. Olhando para a tela, com a página do Google à minha frente, fiz uma busca.

Ainda não tinha me empenhado na busca de amputados que já pudessem fazer tudo o que eu sonhava ser capaz de fazer um dia. Sendo bem sincero, preocupava-me com a possibilidade de não encontrar ninguém, e assim ter certeza de que ninguém jamais havia conseguido. Naquele momento eu nada tinha a perder: precisava encarar os fatos.

Após algumas tentativas, encontrei vídeos de dois caras que tinham as mesmas amputações de pernas que eu. Um deles não tinha as duas pernas, enquanto o outro não tinha as duas pernas e um braço.

Fiquei hipnotizado pela capacidade deles de enfrentar qualquer terreno com suas pernas artificiais. Assisti aos vídeos diversas vezes, prestando atenção em cada componente diferente de suas pernas.

Observava o modo como os joelhos se dobravam e como eles transferiam o peso de uma perna para a outra. Achei incrível como eles podiam se manter de

pé e pude ver em seus rostos como confiavam em seus membros protéticos cada vez que plantavam os pés no chão. Eles não pareciam desviar de nenhum obstáculo. Meios-fios, rampas, escadas — tudo era dominado e mostrado diante das câmeras.

“Sendo bem sincero, preocupava-me com a possibilidade de não encontrar ninguém, e assim ter certeza de que ninguém jamais havia conseguido.

Naquele momento eu nada tinha a perder: precisava encarar os fatos.”

Um resto de esperança inundou a minha mente, e eu me senti muito feliz.

Esses dois caras estavam fazendo coisas que nunca imaginava poder voltar a fazer. Imaginei que, se eles podiam fazer tudo aquilo, talvez não fosse impossível para mim fazer algo tão simples como caminhar.

No fim do vídeo, um logotipo familiar pulou na tela: “Hanger”. Parei o vídeo e fiquei olhando para a tela, tentando me lembrar onde eu tinha visto aquilo antes. Por fim, consegui me lembrar: estava em um dos cartões de visita que eu tinha recebido na conferência na Alemanha.

Em meio à pilha de cartões, encontrei meu bilhete dourado: Kevin Carroll. Ele trabalhava para a empresa que tinha feito os vídeos. Liguei para ele para obter mais informações.

Não conseguia lembrar quem era ele exatamente porque encontrei muitas pessoas na conferência, e muitas delas tinham feito a mesma promessa de conseguir me ajudar a levantar e caminhar. Eu era cético em relação a essas pessoas e não sabia como definir qual delas teria o conjunto de habilidades de que eu precisava, então acabei reunindo todos eles e guardando, para o caso de serem úteis no futuro.

13. Mudança de mentalidade Era sexta-feira à noite e o horário normal de trabalho já havia terminado, mas eu não podia esperar até segunda-feira para conversar com Kevin sobre as possibilidades de eu caminhar. Entrei no Skype e liguei para o número de telefone que estava no cartão. Para a minha surpresa, ele atendeu.

Ele era o vice-presidente de próteses da empresa. Ouvi uma voz paciente com sotaque irlandês. Kevin tentava se lembrar de onde me havia conhecido. Ele finalmente se lembrou quando eu lhe disse que era o amputado quadrilateral que ele havia conhecido na Alemanha. Falei brevemente sobre as minhas frustrações quanto à reabilitação e sobre os vídeos que me levaram a ligar para ele. Ele

queria me ajudar e perguntou onde eu estava no Brasil. Respondi que estava em Chicago no momento.

Para a minha surpresa, ele respondeu: “Pedro, eu estou no avião agora. Acabei de aterrissar em Chicago”.

Só podia ser um sinal. Perguntei-lhe se ele teria algum tempo para me encontrar antes de deixar Chicago, mas, infelizmente, ele respondeu que sairia da cidade no dia seguinte, logo depois de uma palestra. Seu único tempo livre eram as poucas horas antes de ir para a cama naquela noite, uma sexta-feira. Ele perguntou se poderia vir ao meu apartamento para conversar comigo rapidamente, e eu concordei, apesar de o meu irmão ter ficado contrariado.

Quando desliguei, meu irmão tentou me demover da ideia. Disse que Kevin não teria o que eu precisava e que eu não deveria ter esperanças.

Minha mãe se mostrou igualmente hesitante. Alegou que o apartamento estava uma “bagunça” e que não estávamos preparados para receber o vice-presidente de uma empresa em tão pouco tempo. Ela rodou o apartamento freneticamente tentando arrumá-lo, enquanto meu irmão tentava me convencer a ser racional.

Pouco depois, Kevin chegou, vestido casualmente, em contraste com a ideia do sujeito engravatado que eu me fazia. Ele parecia ser um cara bem relaxado. Primeiro, ele avaliou rapidamente minhas pernas para se certificar de que poderiam receber próteses. Essa parte era bastante familiar para mim. O que ele fez em seguida foi o que me espantou. Ele me pediu que deixasse a minha cadeira de rodas e ficasse no chão com ele.

Nunca me haviam pedido que saísse da cadeira de rodas, a menos que eu estivesse usando minhas pernas protéticas ou tivesse alguém me carregando.

Eu me arrastei com cuidado até a borda do assento, hesitante. O espaço entre o assento e o chão parecia um penhasco. As extremidades dos meus membros eram extremamente sensíveis, e qualquer contato com eles causava uma dor intensa. Não sabia como me apoiar no chão, suportando o meu peso, sobre as extremidades dos membros, que nada mais eram do que ossos estilhaçados envoltos em músculo flácido e enxertos de pele.

Olhei para o meu irmão e a minha mãe em busca de ajuda, mas, quando Lucas deu um passo em minha direção, Kevin o deteve. Ele ressaltou que eu deveria ser capaz de fazer as coisas por minha própria conta, e eles esperaram pacientemente até que eu encontrasse uma maneira de descer da cadeira. Finalmente, descobri que eu me sentia mais seguro se arqueasse as costas, até o ponto em que minha cabeça estivesse quase repousada sobre o assento da

cadeira. Isso manteve a maior parte do meu peso sobre a cadeira em vez de me fazer desabar no chão. Os últimos centímetros foram os mais assustadores, porque eu sabia que estava chegando perto, mas não conseguia sentir o chão ainda, nem podia enxergar o que estava abaixo de mim. Sentir o tapete tocar a parte inferior da minha perna foi uma sensação de vitória.

Sensação essa que não durou, pois, uma vez no chão, Kevin me fez sentar, rolar e me arrastar usando os tocos dos membros. Eu nunca tinha sequer pensado em fazer tais coisas sem dispositivos que me dessem assistência e, certamente, nunca havia imaginado fazer aquelas coisas sem a ajuda da minha família ou de um cuidador.

Quando fiquei suficientemente cansado e dolorido de tanto forçar os músculos, Kevin me pediu que rastejasse de volta à cadeira. Mais uma vez, enfrentei a mesma luta e o mesmo medo de cair. Durante esse processo, lembrei-me de quando o Marcelo me tinha acidentalmente feito cair da cadeira, e eu não queria que aquilo acontecesse novamente. Ofegante, consegui subir. Mas a conversa ainda não estava terminada.

Ele observou que eu tinha acabado de realizar tudo aquilo sozinho, então por que eu precisava contar constantemente com outras pessoas para fazê-

las por mim? E disse à minha mãe e ao meu irmão que uma forma de “amor rígido” era essencial para o meu sucesso. Eles teriam de me deixar lutar para encontrar uma maneira de fazer tudo sozinho, ou eu nunca voltaria a ser a pessoa independente que ansiava ser.

De lá, ele caminhou até a cozinha, onde havia uma pizza fria comida pela metade e ainda não havia sido guardada na geladeira. Ele perguntou de quem era a pizza, e eu disse que era minha. Ele a pegou e jogou na lixeira.

Passou então a falar sobre a necessidade de uma dieta saudável para manter a vitalidade. Eu precisava manter meu peso baixo a fim de ter sucesso na caminhada. De igual importância era o fato de que isso impediria que meus membros ganhassem volume, o que levaria à falta de sucção entre o membro e o soquete.

Finalmente, o prognóstico esperado por tanto tempo. Esse homem estava em pé, na minha frente, me dizendo que eu não deveria estar em uma cadeira de rodas dependendo dos outros. Quanto mais tempo eu ficasse sentado nessa cadeira de rodas, mais peso ganharia e fora de forma ficaria. Basicamente, a chave para o meu sucesso seria abandoná-la por completo o mais rápido possível. Se eu esperasse muito tempo, talvez nunca chegasse a ser um caminhante pleno.

Da cozinha, Kevin me levou ao banheiro, que estava repleto de aparelhos de assistência. Ele me disse que eu não precisava de nenhum daqueles dispositivos. Respondi que eu precisava de uma cadeira de banho para tomar uma ducha. De que outra forma poderia me limpar adequadamente?

“Ele observou que eu tinha acabado de realizar tudo aquilo sozinho, então por que eu precisava contar constantemente com outras pessoas para fazê-las por mim?”

A resposta que ele me deu foi tão óbvia que eu me perguntei por que nenhum outro profissional de saúde a havia sugerido. Ele disse que eu poderia sentar no chão tão facilmente como eu poderia sentar naquela cadeira, e que isso não mudava em nada minha higiene. Em seguida, ele me disse uma frase que eu nunca esqueci e que, finalmente, mudou todo o meu processo de reabilitação: “Você não deve adaptar o mundo às suas necessidades. Você precisa se adaptar ao mundo”.

Tudo se encaixou naquele momento. Era verdade o que ele estava dizendo. Quanto mais eu acumulava adaptações, mais me fechava. Se dependesse desses dispositivos auxiliares, não me sentiria apto em nenhum lugar onde não tivesse acesso a eles. E se eu quisesse sair para comer? Teria de levar os meus talheres adaptados. E quando viajasse?

Sabia por experiência que a maioria dos lugares no Brasil não tem rampas e elevadores e, olhando para trás, podia ver como isso já vinha afetando a minha vida.

Eu me recusaria a sair para comer com os meus amigos, sabendo que não seria capaz de entrar nos restaurantes em São Paulo. Ainda que encontrasse um restaurante com rampa, ficaria envergonhado demais de pedir aos meus amigos que me ajudassem. Nunca os faria levar o meu garfo especial ou cortar a comida para mim. Precisava encontrar uma maneira de fazer tudo isso por minha conta, assim como o “Pedro de corpo completo”

faria.

Eu estava me divertindo com essa rápida mudança de perspectiva. Não podia esperar para trabalhar com Kevin e esta empresa que parecia entender meus anseios. Havia encontrado pessoas que não apenas queriam me fazer andar mas que também me estimulavam a não usar minha cadeira de rodas. Finalmente, alguém me dizia que a meta de andar e não mais depender de cadeira de rodas era plausível. Era um grande alívio depois de eu ter sido informado por tantos

profissionais de que essa ideia era inviável.

Por volta das onze da noite, Kevin estava se preparando para sair. Na manhã seguinte tinha de acordar cedo. Antes de sair, mencionou uma última. Se eu realmente desejava isso e estava disposto a me comprometer, precisava ir a La Jolla, Califórnia, na semana seguinte.

"Você não deve adaptar o mundo às suas necessidades. Você precisa se adaptar ao mundo".

Ele me disse que os dois sujeitos do vídeo estariam lá junto com outros amputados de duas pernas — todos andando. Eles estariam lá para participar de um triatlo, e eu teria todo o fim de semana para receber dicas deles. Kevin me disse para não me esquecer de levar meus stubbies. Eu lhe disse que iria, e então ele foi embora.

***

Quando ele já se encontrava no fundo do corredor, fora do alcance da voz, meu irmão, sempre racional, me disse que ele não estava convencido quanto ao Kevin. Ressaltou que era seu trabalho fazer negócios, e que a coisa toda não era nada mais do que uma reunião de vendas bem executada. Ele não queria me ver decepcionado com outra clínica, não queria me ver iludido, mas minha mente já estava viajando.

Acho que a coisa mais dolorosa para Lucas era me ver esperançoso por nada, e eu teria agido da mesma maneira se ele estivesse na minha situação. Mas dessa vez eu não tinha nada a perder. Era uma luz no fim do túnel, e eu precisava atravessá-lo.

Pesquisei voos e hotéis da região. Fiquei desanimado ao descobrir que o preço para nós dois voarmos para San Diego tão em cima da hora ficaria mais de mil dólares. Levei em consideração que ainda teria de pagar, no mínimo, um hotel, o aluguel de um carro e alimentação; com isso, a viagem já parecia menos viável.

Eu estava me balançando para a frente e para trás quando tive uma espécie de epifania. Decidi que eu iria, mas não apenas nesta viagem. Decidi que diria "sim" para tudo e veria onde isso me levaria. Eu me agarraria às oportunidades que surgissem de todo o coração.

Era como tinha agido com relação à viagem para a Alemanha, sem a qual não teria conhecido Kevin. Se eu não tivesse vindo para Chicago, teria perdido a motivação pouco a pouco. Na pior das hipóteses, ao menos viveria uma

experiência interessante, conhecendo lugares diferentes e pessoas novas. Para mim, era o suficiente para tentar.

Liguei para o meu pai e conversei longamente com ele, enquanto minha mãe e meu irmão davam suas opiniões. Discutimos se minha decisão de ir para a Califórnia era acertada ou não. Consegui convencê-los a me darem uma chance. Comprei as passagens para Lucas e para mim, com a condição de que eu não ficasse com muitas esperanças, para o caso de a viagem ser infrutífera.

14. A grande provação Uma vez na Califórnia, um contratempo: a carteira de motorista do Lucas havia expirado alguns meses antes, o que nos impedia de alugarmos um carro — e sem ele não conseguiríamos chegar a La Jolla. O atendente notou as nossas reações. Lucas e eu nos olhamos com uma expressão de derrota.

Tínhamos chegado tão longe em nossa jornada para encontrar esses "superamputados"! Estava tão perto, e ao mesmo tempo tão longe. Temia fracassar nos últimos quilômetros.

O atendente foi compreensivo e, olhando para Lucas, o irmão coruja, e depois para mim, o amputado indefeso sentado em uma cadeira de rodas, decidiu que já tínhamos passado por obstáculos suficientes. Ele ignorou a carteira vencida e aprovou a papelada, entregando as chaves a Lucas.

Com as chaves nas mãos, destrancamos muito mais do que um carro alugado. Isso era um símbolo para mim. Estava com as chaves que me levariam às pessoas que tinham as respostas pelas quais eu havia tanto procurado e ansiado. Durante aquelas tediosas duas horas até La Jolla, meu coração sabia que estava indo na direção correta.

Eu tinha sido instruído a usar meus stubbies em La Jolla, mas decidi não fazer isso, porque meus liners estavam sujos. O que era verdade, mas também era mais uma desculpa, porque não acreditava ainda na minha capacidade de enfrentar esse teste. Liguei para Randy, funcionário da Hanger com quem Kevin pediu que entrássemos em contato, quando estivéssemos chegando perto do nosso hotel. Ele era um dos responsáveis pelo treinamento e já havia instruído inúmeros amputados das duas pernas.

Ele me disse para encontrá-lo no restaurante japonês onde estava jantando com Cameron, um amputado das duas pernas e um braço, e Heath, amputado de duas pernas. Eram os caras do vídeo, que tanto sonhava em conhecer.

Lucas me empurrou na cadeira de rodas para dentro do restaurante e a recepcionista soube exatamente qual mesa estávamos procurando quando

dissemos que nos reuniríamos com outros amputados. Ela nos levou até eles, e, antes que pudéssemos terminar as apresentações, Randy já estava me perguntando o que eu estava fazendo em uma cadeira de rodas. Usei minha desculpa do liner sujo, ao que ele respondeu que havia um banheiro com pia do outro lado do restaurante.

Fiquei intimidado com essa primeira impressão. Mas olhando em perspectiva, só tenho a agradecer por ele ter sido tão duro comigo. Randy era o tipo de pessoa que não me deixaria desistir. Para ele, não há desculpa aceitável: eu teria de trabalhar constantemente se quisesse ter sucesso.

Eles estavam terminando sua refeição, então Randy convidou todos ao seu quarto de hotel. Eu não sabia o que íamos fazer, mas de alguma forma entendi que não estávamos subindo para um filme ou algo do gênero.

Logo descobri que seu quatro tinha sido convertido em uma espécie de pista de obstáculos que ele esperava que eu superasse.

Randy pediu que eu fizesse as mesmas coisas que Kevin havia pedido, como sair da minha cadeira de rodas e realizar manobras no chão. Mas ele elevou o nível de dificuldade. Em vez de me dizer para voltar para a cadeira de rodas, ele me fez rastejar para um sofá e escalar a borda da cama. Eu nunca tinha sequer pensado em subir até uma superfície para me sentar ou deitar sem saltar até lá da minha cadeira de rodas. Agora, eu estava sentado ao lado desse móvel, olhando para o lado e me perguntando como chegar lá em cima.

Meus músculos doíam e minha pele estava ferida por conta do atrito com o chão e o mobiliário. Eu estava suado e cansado. Tínhamos viajado o dia inteiro. Estava exaurido. Tudo o que eu queria, era uma cama e uma boa noite de sono para poder levantar às seis da manhã.

Quando tudo indicava que eu seria liberado, Randy ordenou que eu colocasse meus stubbies e caminhasse até o meu hotel, que ficava a três quarteirões de distância. Congelei, lembrando do dia, em Chicago, em que pensei em sair andando até a clínica, e mal consegui sair do prédio. Sabia que de maneira alguma conseguiria realizar essa jornada sem minha cadeira de rodas, e não havia sido por falta de tentativa. Eu tinha dado o melhor de mim em Chicago, e não havia conseguido muito progresso.

Então, percebi que se eu realmente quisesse andar tanto quanto afirmava querer, esta era a única maneira de chegar lá. Só precisava mentalizar e aceitar que ia ser a atividade física mais difícil que eu já havia realizado na vida.

Tentei não deixar transparecer o quanto estava nervoso, então me sentei, enquanto Lucas colocava minhas pernas. Olhei para Cameron e vi que ele estava

sentado no chão, não muito longe de mim, debruçado sobre suas pernas de comprimento inteiro. Olhei com mais atenção e vi que ele tinha algum tipo de chave de fenda na mão e que a usava para ajustar alguma coisa no seu joelho. Então, ele removeu o joelho e toda a perna. Eu o vi pegar um stubbie semelhante ao meu. Ele usou a chave de fenda para conectá-lo ao soquete, e logo estava de pé sobre aquelas familiares pernas curtas.

Uma vez que as minhas pernas também estavam encaixadas, levantei-me ao nível dos olhos de Cameron. Ele era um californiano que tinha perdido três membros ao ser atropelado por um trem. Falava como um surfista e, tendo enfrentado lutas similares, tinha toneladas de conselhos excelentes para mim. Nós nos demos muito bem, e eu estava feliz por tê-lo caminhando ao meu lado, de volta ao meu hotel.

Cameron esperava pacientemente enquanto eu tropeçava a cada pequeno passo. Antes de chegar à rua minha camisa estava encharcada de suor. Tive medo de atravessar aquela porta e então me deparar com o mundo lá fora.

Eu já estava habituado a ser conduzido pelas ruas sobre uma cadeira de rodas, por isso, essa experiência me deixava muito longe da minha zona de conforto. Não queria que as pessoas tivessem pena de mim ou se constrangessem para deixar passar o amputado que se arrastava lentamente. As circunstâncias estavam longe de ser ideais, mas percebi que na vida real não há espaço para o ensaio. Se eu queria me tornar independente, não podia me dar ao luxo de escolher em que momento começar a me esforçar. Aquele era um passo inevitável, e eu precisava me agarrar à oportunidade.

“Então, meu pensamento mudou. Percebi que se eu realmente quisesse andar tanto quanto afirmava querer, esta era a única maneira de chegar lá. Só precisava mentalizar e aceitar que ia ser a atividade física mais difícil que eu já havia realizado na vida.”

Precisei de três dos meus pequenos passos para atravessar a porta do hotel de Randy e alcançar a calçada. Lucas caminhava logo atrás, a cadeira de rodas pronta para o caso de eu desmoronar de repente. Agora que eu estava do lado de fora, percebi que estava muito cansado para notar a reação das pessoas que olhavam para mim. Estava concentrado em olhar para o chão, desejava que meus passos fossem maiores e mais rápidos.

Queria chegar logo à minha cama. Para minha sorte, esse pequeno trajeto era bem plano. A maior parte de La Jolla consiste em declives íngremes, difíceis de

superar mesmo para uma pessoa normal.

Soube que estávamos progredindo quando chegamos ao primeiro cruzamento. Perdi toda a noção de distância, já que a cada passo tinha a impressão de ter andado centenas de quilômetros. A faixa de pedestres era um sinal de que eu havia chegado a algum lugar, só precisava continuar um pouco mais. Estava tão esgotado mentalmente que nem percebi que minhas pernas estavam ficando dormentes. Dei um passo forte demais, meu corpo desabou e eu caí no chão. Não foi uma queda feia; eu simplesmente meio que me sentei sobre o traseiro, mas isso causou um grande problema para mim. Como nunca tinha caído antes, não sabia como ficar de pé novamente.

Eu estava deitado no chão, pedindo ao Lucas que me pegasse, mas Randy lhe disse para não ajudar. Já estava familiarizado com a postura de Randy, mas não entendi o seu sentido naquela situação. Lucas não sabia a quem obedecer: a Randy ou a mim. Ele queria muito me recolher e me colocar na cadeira de rodas, onde eu estaria seguro, mas ao mesmo tempo sabia que não era isso o que eu desejava. Eu tinha viajado até o outro lado dos Estados Unidos para me encontrar com aquele cara e renovar esperanças de me tornar um caminhante melhor, então Lucas resistiu ao impulso de me ajudar.

Sentei-me ali, recuperando o fôlego. Tentei encontrar o melhor meio de ficar de pé novamente, pois estava claro que ninguém me ajudaria. Não sabia por onde começar. Para complicar ainda mais as coisas, não tinha nenhuma maneira de proteger meus braços nus. Idealmente, usaria os braços para me apoiar, mas eu não estava usando as próteses. Meus membros superiores eram inúteis contra o concreto irregular que, sem dúvida, machucaria a pele delicada que os envolvia.

Avistei um banco não muito afastado e decidi que precisava chegar até lá. Deitei-me de costas e usei a cabeça e as pernas para me arrastar até ele.

Já era uma da manhã de sábado, e as pessoas que estavam indo para as suas festas, caminhavam à minha volta sem a menor ideia do que estava acontecendo. Quando cheguei perto do banco, sentei-me e pensei no movimento seguinte. O banco era de concreto, mas percebi que não me machucaria se me apoiasse com a lateral do braço em vez da extremidade óssea. Lutei para encontrar uma boa posição de pernas e braços que me permitisse ficar novamente sobre os stubbies. Vi o Cameron se sentar e levantar repetidamente, estudando seus métodos e tentando replicar seus movimentos. Ele se levantava tão rapidamente todas as vezes que eu sabia que poderia encontrar uma maneira de fazê-lo também. Após cerca de vinte minutos tentando, finalmente me levantei.

Que sensação incrível! Havia muito tempo que eu não me sentia tão capaz. Desde que perdera os membros, não tinha opção senão depender dos outros para fazer tudo para mim. Esse simples movimento, levantar-se, representava uma façanha enorme para mim. Finalmente, compreendi que era possível fazer mais coisas por conta própria.

Eu ainda tinha um longo caminho até chegar ao hotel, que parecia se tornar mais difícil a cada passo. As repetidas tentativas de ficar de pé apenas me cansavam mais; no entanto, eu tinha chegado longe demais para desistir. Continuei andando e pude sentir os liners escorregando pelas minhas pernas por conta do suor. Minha pele estava doendo e eu sentia uma dor intensa atingindo os ossos. Chegamos à última faixa de pedestres e ficamos imóveis à espera da luz verde indicando que podíamos cruzar a rua.

Essa breve pausa diante do cruzamento movimentado foi suficiente para estancar todo o meu ímpeto. Tinha parado de me mover, mas minha mente também parou de me empurrar adiante. Eu estava esgotado. Será que poderia apenas prometer trabalhar mais no dia seguinte e percorrer o resto do caminho na minha cadeira de rodas? Já passava de uma da manhã e o dia tinha drenado minhas forças. Imaginava que estaria refeito no dia seguinte e então poderia fazer essas caminhadas doloridas por La Jolla.

Disselhes que estava esgotado e pedi a Lucas que trouxesse a minha cadeira de rodas. Só conseguia dizer: “Não posso. Não posso. Não posso...”

Eu estava surdo para tudo o que Cameron e Randy me diziam, enquanto meu desespero voava dos meus lábios na forma dessas palavras debilitantes.

Cameron veio até mim. Não me lembro de suas palavras exatas, mas sei que ele estava me dizendo que nada é impossível, uma frase na qual eu só podia acreditar, pois vinha de sua boca.

Ele me disse que estávamos tão perto que não poderíamos desistir agora. Ele colocou seu único membro, o braço esquerdo, ao redor dos meus ombros suados e me puxou para a rua. Esse gesto me forçou a me mover para a frente, e isso de alguma forma me impeliu para um novo estado mental. Andei com seu braço sobre meus ombros até o outro lado da rua e, finalmente, para dentro do hotel. Eu finalmente tinha chegado, e isso significava muito mais do que simplesmente ter chegado ao hotel. Depois de mais de duas horas de caminhada ao longo de apenas alguns quarteirões, meu estado de espírito estava transformado, e finalmente soube, sem nenhuma sombra de dúvida, que eu me livraria da cadeira de rodas.

Lucas e eu fomos direto para o quarto. Eu nunca tinha dado boas-vindas de

braços tão abertos a uma noite de sono. Caí sobre a cama como se minhas costas fossem derreter sobre o edredom fofo.

Lucas removeu as pernas protéticas e, em seguida, os liners. Ele me sacudiu, tirando-me do meu transe induzido pelo cansaço, quando viu o interior dos meus liners. Eles estavam cheios de uma poça de suor manchado de sangue. Minha mente e meu corpo estavam tão exaustos que pensei que o cérebro pudesse ter exagerado os estímulos em uma espécie de tentativa darwiniana de impedir de forçar o corpo a enfrentar esse inferno. Aquele sangue era a minha prova pessoal de que aquela jornada épica tinha sido tão extenuante quanto minha mente fez parecer.

Eu não tinha capacidade mental ou física de fazer o que quer que fosse.

Apenas mergulhei em um sono profundo, como se os médicos tivessem me anestesiado novamente. Nem sequer tive tempo de tomar banho ou escovar os dentes.

Eu fui delirantemente empurrado para fora do meu sono quando ouvi baterem à porta. Olhei em volta com a visão ainda enevoada e, pelo tom dourado da luz do sol, deduzi que já era de manhã. As batidas foram retomadas um momento depois, e agora eu ouvia o sotaque familiar do surfista tentando me acordar, do outro lado da porta.

O barulho tinha acordado Lucas também, e ele foi atender à porta. Disse a Cameron que nos encontraríamos com o grupo um pouco mais tarde, depois de tomarmos banho e comer. Eles se despediram e Cameron voltou pelo corredor.

Esperei Lucas tomar banho e se arrumar, enquanto eu continuava descansando na cama. Todos os músculos do meu corpo estavam gemendo.

Precisava que o Lucas me puxasse para conseguir me sentar, porque a minha lombar estava doendo demais para que eu me fizesse o movimento sozinho. Todos os músculos, articulações e tendões do meu corpo estavam miseravelmente doloridos e fracos. No entanto, mentalmente, eu me sentia mais forte do que nunca.

Durante meses me havia condicionado a pensar que seria capaz de andar apenas alguns metros, na melhor das hipóteses. Na noite anterior, tinha provado que todos estavam errados, mas o mais importante era o obstáculo mental que eu tinha ultrapassado. Agora, sabia que o que me diziam ser impossível ou improvável era apenas incomum. Essas pessoas nunca saberão que algo é possível até que alguém lhes prove isso. Eu me senti detentor de um novo poder pelo fato de que seria capaz de voltar a quaisquer a falar com qualquer uma dessas pessoas e lhes mostrar, com as minhas pernas de pele enxertada, que

aquilo podia, sim, ser feito.

Eu estava revigorado e mal podia esperar para chegar até o local do triatlo e fazer mais progressos.

Lucas me ajudou a me aprontar, mas desta vez ele me colocou os stubbies em vez de me colocar na cadeira de rodas. Disse-lhe que eu queria me ater aos métodos deles, porque era a primeira vez que realmente estava me sentindo em face de progressos tangíveis. Terminamos rapidamente de nos arrumar no quarto do hotel e encontramos Cameron no saguão.

Todos os músculos, articulações e tendões do meu corpo estavam miseravelmente doloridos e fracos. No entanto, mentalmente, eu me sentia mais forte do que nunca.

Durante meses me havia condicionado a pensar que seria capaz de andar apenas alguns metros, na melhor das hipóteses. Na noite anterior, tinha provado que todos estavam errados, mas o mais importante era o obstáculo mental que eu tinha ultrapassado. Agora, sabia que o que me diziam ser impossível ou improvável era apenas incomum."

Sabia que esses caras tinham uma política contra as cadeiras de rodas, com a qual eu concordava. Isso significava que o meu dia seria exponencialmente mais cansativo. Cameron nos levou até o carro dele e fiquei surpreso ao entrar e ver que não havia controles de mão. Como ele dirigia com um joelho hidráulico? A mim parecia não ser possível dirigir sem o tornozelo para apertar o acelerador e o freio, mas ele me garantiu que isso podia ser feito. De fato, ele tinha dirigido até La Jolla desde a sua cidade natal, a algumas horas de distância.

Lucas e eu trocamos olhares e apertamos os cintos de segurança. Fiquei encantado com a facilidade com que ele conseguia acelerar e frear gradualmente. Eu nunca teria percebido que ele não possuía três membros se estivesse olhando do lado de fora. Era inacreditável.

Chegamos a um parque onde estava montado um percurso de agilidade.

Havia dezenas de crianças amputadas brincando nos obstáculos, enquanto os adultos ficavam ao redor, observando e tirando fotos. Cameron nos levou até onde Kevin e Randy estavam, e todos nós nos sentamos e conversamos.

Estava orgulhoso de mim mesmo por não ceder ao uso da cadeira de rodas. Eu me senti como parte do grupo enquanto estive lá sentado, cercado por essas pessoas que tinham passado pelo mesmo processo que eu. Cameron tinha desistido de sua cadeira de rodas quase dez anos antes, e não tinha sentado em

nenhuma outra desde então. Heath também tinha feito o mesmo anos antes.

Entendi o sentido por trás da precisão da contagem de tempo sem cadeiras. Sob essa lógica, abrir uma exceção e se sentar em uma cadeira de rodas era a porta de entrada para torná-la um hábito cada vez mais frequente. Fazia sentido para mim o fato de que eu deveria escolher entre ser um usuário de cadeira de rodas ou um caminhante, e que, sem essa distinção, uma das duas opções acabaria inevitavelmente se impondo.

Eu não queria ficar em cima do muro, às vezes usando minha cadeira de rodas, outras caminhando. Decidi que, se fizesse isso, estaria me privando das chances de ganhar força e habilidade com as próteses, e acharia muito difícil limitar meu tempo na cadeira de rodas. Acabaria utilizando-a mais e mais, até o ponto em que não mais estivesse andando.

“Eu não queria ficar em cima do muro, às vezes usando minha cadeira de rodas, outras caminhando.

Decidi que, se fizesse isso, estaria me privando das chances de ganhar força e habilidade com as próteses, e acharia muito difícil limitar meu tempo na cadeira de rodas. Acabaria utilizando--a mais e mais, até o ponto em que não mais estivesse andando.

Eu já tinha sentido a dor emocional de não alcançar meus objetivos de caminhada. Por isso, quando finalmente comecei a trabalhar nesse sentido, achei que a dor física era um preço que valia a pena pagar.”

Eu já tinha sentido a dor emocional de não alcançar meus objetivos de caminhada. Por isso, quando finalmente comecei a trabalhar nesse sentido, achei que a dor física era um preço que valia a pena pagar.

Não muito tempo depois de chegar, conheci ainda outro amputado que estava andando em vez de usar a cadeira de rodas. Desta vez, era uma mulher que tinha as duas pernas amputadas acima do joelho. Apesar disso, ela era incrivelmente alta, e pareceu percorrer o caminho até mim com apenas alguns passos rápidos. Kevin pareceu baixo ao seu lado quando eles se aproximaram de mim. Ele me apresentou a Katy, e conversamos.

Eu estava cada vez mais motivado a andar, graças a esses amputados que havia conhecido. Eles eram capazes de qualquer coisa e nunca precisavam pedir ajuda aos outros. Tinham uma maneira casual de lidar com as amputações, como se nada pudesse freá-los, ainda que a situação fosse considerada pela maioria das pessoas um retrocesso.

Eu os escutava falar de suas experiências e me apropriava de cada ínfimo conselho que davam. Queria ser como eles: capaz de fazer as pessoas se perguntarem se estavam enxergando bem ao me verem passar. Queria que estranhos precisassem dar uma segunda olhada para se certificar de que eu realmente tinha pernas protéticas, espantados com o meu jeito normal de caminhar, apesar de eu ser amputado.

Foi um dia inteiro de motivações constantes. Passei cada segundo cercado por pessoas que tinham sido bem-sucedidas da forma como eu sonhava ser, e isso me incentivou. Não usei a cadeira de rodas nem uma vez, naquele dia. Era incrivelmente cansativo, mas acabou incutindo ainda mais confiança em mim. No fim do dia, fiquei muito feliz de sair para jantar com o grupo: era o primeiro momento que descansaria as pernas e as costas.

Fomos a um restaurante italiano para que os atletas amputados pudessem se carregar da energia dos carboidratos, em preparação para o grande triatlo do dia seguinte. Eu me debrucei sobre o meu prato como se o meu desempenho físico dependesse dele, assim como os dos atletas. E era verdade, uma vez que eu jamais havia empregado tanto esforço físico na minha vida.

Foi um dia inteiro de motivações constantes. Passei cada segundo cercado por pessoas que tinham sido bem-sucedidas da forma como eu sonhava ser, e isso me incentivou. Não usei a cadeira de rodas nem uma vez, naquele dia. Era incrivelmente cansativo, mas acabou incutindo ainda mais confiança em mim.”

15. Cadeira de rodas nunca mais

Havia chegado o dia do triatlo. Não me sentia particularmente nervoso para sair da cama e colocar as minhas pernas mais uma vez. Minha sensação era que meu “grande dia” já tinha acontecido na véspera. Pela primeira vez, fui confrontado com um sentimento que me acompanhará pelo resto dos meus dias: dei-me conta de que nem todo dia vai representar um grande desafio ou terá resultado palpável no meu progresso. Mas cada dia é importante, cada dia é uma etapa no processo, e encontrar os participantes do triatlo e sua atitude tão encorajadora me fez sair em disparada do hotel. Queria aproveitar cada instante perto dos meus novos amigos.

O evento não se resumia à competição; contava também com a participação de empresas e fundações voltadas para a qualidade de vida de amputados e pessoas com necessidades especiais, espalhadas em estandes ao ar livre, próximos de um calçadão com vista para o oceano Pacífico. Era um belo cenário, em um dia ensolarado e quente da Califórnia.

Saltei da minha cadeira de rodas e fui até o estande da Hanger. Ainda era difícil e doloroso, mas eu estava estimulado por sua filosofia. Lucas carregava a cadeira de rodas ao meu lado e a usei como banco assim que chegamos ao estande. Enquanto os amputados com os quais eu havia passado o dia anterior competiam em diversas modalidades, Lucas e eu decidimos passear pelo lugar. Deixei a cadeira para trás e caminhei pelo gramado. Em algum momento, Kevin me encontrou e me apresentou às responsáveis pelo estande da Associação Nacional de Meningite.

A maioria eram mães que haviam perdido seus filhos devido à doença.

Foi interessante conversar com elas, já que podiam se envolver tão intimamentecomas minhas experiências. Fui tocado por suas histórias e pela força emocional que todas elas tinham.

Sentia-me como parte dessa comunidade, cada um de nós trazendo uma história de superação. Todos carregavam consigo uma experiência única, e em La Jolla tínhamos a oportunidade de compartilhar o que havíamos aprendido.

Terminadas as atividades, todos os espaços do parque foram tomados por pessoas com diferentes tipos de amputações e outras deficiências, e seus inúmeros modelos de próteses e aparelhos ortopédicos.

Infelizmente, Lucas e eu tínhamos de pegar o avião ainda naquele dia.

Localizamos Cameron e alguns outros amputados para felicitá-los e nos despedirmos.

Retornei para a minha reabilitação em Chicago, determinado a mudar para a Hanger, e esperava que fosse a última clínica à qual eu precisasse ir.

Não havia vivenciado apenas um fim de semana emocionante na Califórnia, mas uma experiência transformadora. Finalmente, convenci meus pais de que deveria ir logo para a sede da Hanger, em Oklahoma City. Ficou definido que eu iria para lá no início de dezembro e treinaria por algumas semanas.

O pessoal de Chicago, de quem já tinha me tornado íntimo, entendeu que a mudança seria benéfica para mim, já que a filosofia da Hanger se encaixava melhor aos meus objetivos.

Meu pai havia passado as duas últimas semanas em Chicago conosco, mas precisou voltar para o Brasil com o Lucas. E pela primeira vez éramos apenas minha mãe e eu.

Não perdi tempo em Oklahoma, e tão logo nos instalamos no hotel, onde passaríamos três semanas antes de voltar para comemorar o Natal no Brasil, fomos para o escritório da Hanger. Antes de mais nada, conheci Chad, especialista em próteses, que tinha um sotaque sulista carregado.

Sua conversa comigo foi a mais direta e honesta de todos os profissionais de saúde que havia conhecido até então. Primeiro, ele falou a respeito do protocolo que eles seguiam no tratamento de amputados bilaterais acima do joelho. Eu estava no caminho certo, começando com pernas curtas antes de andar sobre pernas completas, mas ele ressaltou que eu precisaria abandonar de vez a cadeira de rodas.

Eles eram muito rígidos com relação a essa regra, e explicou o raciocínio.

Ao ficar sentado por longos períodos de tempo, os músculos responsáveis pela flexão do quadril se encurtam, o que no longo prazo dificulta ficar de pé corretamente ou estender a perna para andar. Além disso, cada instante que passasse sobre uma cadeira de rodas era um tempo sem praticar caminhadas, sem me fortalecer e sem construir nenhuma resistência ou equilíbrio.

“Eu estava no caminho certo, começando com pernas curtas antes de andar sobre pernas completas, mas ele ressaltou que eu precisaria abandonar de vez a cadeira de rodas.”

Esses são aspectos-chave para dominar os joelhos protéticos. Ele se alongou mais profundamente sobre a metodologia e concluiu dizendo que tudo o que lhe

importava, era fazer com que eu tivesse sucesso. Mas, ressaltou, era essencial eu entender que eles não pegariam leve no meu treinamento.

Desde a cirurgia de amputação, estava acostumado a receber um tratamento diferenciado. Preocupadas com o seu bem-estar, as pessoas próximas acabaram passando a mão na minha cabeça, pegando mais leve.

Ninguém havia se dirigido a mim daquela maneira. Fiquei um pouco surpreso e nervoso.

Mas mal podia esperar para começar. Imaginei que, se o processo havia começado de forma tão diferente de todos os outros que tinha experimentado até então, fazia sentido que o resultado final fosse também drasticamente distinto. Havia testemunhado as possibilidades do tratamento ao conhecer Cameron.

Uma vez que teve meu consentimento verbal, Chad e eu começamos a fazer novas pernas. Ele usou o mesmo método utilizado em Chicago para os meus braços. Ele envolveu minha coxa residual em gesso, tomando cuidado para que todos os contornos fossem refletidos no molde. Preparou um par de soquetes temporários, que usei para testar o ajuste.

Depois de colocar os novos soquetes, era hora de caminhar. Ele me levou para fora e deixamos a cadeira de rodas para trás. Não toquei mais em uma cadeira de rodas pelo resto da minha permanência em Oklahoma. Deixei-a na clínica ao longo das três semanas que fiquei na cidade e só a retiramos de lá para levá-la ao Brasil, onde foi doada. Além do meu aniversário, tenho outras duas datas que comemoro: 11 de setembro de 2009, quando fui levado para o hospital com meningite, e 6 de dezembro de 2010, último dia em que me sentei em uma cadeira de rodas.

***

Naquele momento, não fazia ideia do impacto que esse gesto teria na minha vida. Queria parar de usar a cadeira de rodas, mas não me dei conta do quão rápido alcançaria essa meta. Tudo o que fiz, foi parar de usá-la; assim, fui obrigado a buscar alternativas para me locomover.

Eu vinha praticando caminhada com stubbies nas semanas que antecederam essa viagem para Oklahoma, mas não estava preparado para o que me esperava. O principal equipamento do “curso de formação” da Hanger consiste, na verdade, apenas em uma entrada de garagem muito íngreme e sinuosa em frente à clínica. Nunca tinha descido de um meio-fio com minhas próteses, que dirá descer uma ladeira. Eu estava apavorado.

Apesar da temperatura gélida, eu transpirava em profusão.

“Desde a cirurgia de amputação, estava acostumado a receber um tratamento diferenciado. Preocupadas com o seu bem-estar, as pessoas próximas acabaram passando a mão na minha cabeça, pegando mais leve.

Ninguém havia se dirigido a mim daquela maneira.

Fiquei um pouco surpreso e nervoso.”

A rotina era trabalhar, trabalhar, trabalhar. Chegava à clínica e treinava durante a maior parte do dia, fazendo pausas apenas para ajustar os soquetes. Ria de mim mesmo ao me lembrar daquela noite com Cameron, quando estava convencido de que seria impossível caminhar até o hotel.

Aquilo não parecia nada perto dos declives que estava enfrentando naqueles dias. Por outro lado, agora tinha meus novos soquetes. Eles abraçavam minhas pernas de uma forma muito mais anatômica. Ainda assim, minhas pernas me faziam sofrer dores excruciantes.

Quando voltava à noite para o hotel, minha mãe tinha de retirar todo o meu equipamento e limpar cada centímetro das minhas pernas, tanto as protéticas quanto as naturais.

Eu ficava coberto de sangue seco e bolhas por causa do treinamento extenuante, mas era nítido o quanto me tornava cada vez mais forte.

Mesmo porque a locomoção sem as próteses já não era mais tão complicada. Havia muito o que aprender, mas agora correr no chão ou sentado em uma cadeira de rodas eram atividades simples. Embora trabalhasse principalmente meus músculos abdominais e das pernas para caminhar, adquiri bastante força na parte superior do corpo por ter de subir em cadeiras e camas.

***

A clínica fechava nos fins de semana, o que significava que eram dias sem treinamento. No primeiro fim de semana, senti como se tivessem injetado tranquilizantes em mim. Estava tão exausto que mal podia me mover. No fim de semana seguinte, entretanto, eu estava claramente mais energizado.

O treinamento daquela semana havia sido tão duro quanto o da anterior, mas o corpo já estava se adaptando ao meu novo gasto energético.

Fiquei animado com a rapidez com que o meu corpo estava mudando, e isso me dava mais motivação.

Durante a segunda semana, decidi treinar usando os braços protéticos.

Até aquele momento, hesitava em usá-los, com medo de danificar um equipamento tão caro. Mas Chad apontou que minha prioridade deveria ser proteger meus braços reais, já que eram muito mais suscetíveis a ferimentos e

mais difíceis de serem consertados que as próteses de fibra de carbono.

Percebi que estava me tornando mais ousado com os ganchos e a fibra de carbono para me proteger. Tinha muito menos medo de dar um passo do que imaginava, aterrorizado diante da possibilidade de cair e quebrar o braço. Eu me dirigia aos meios-fios com mais velocidade e, se não tivesse sucesso, simplesmente usava os braços, agora longos, para me empurrar de volta. Este peso adicional também ajudou a trazer o meu centro de gravidade para mais perto do chão. Antes, eu era pesado demais na parte superior, o que tornava difícil manter o equilíbrio.

Depois de terminado o meu dia de trabalho, minha mãe e eu saíamos para jantar, o que era essencial para mim, uma vez que saía faminto do treinamento. Já tinha total autonomia na hora de comer, com efeito muito positivo sobre a minha autoestima. Fiquei surpreso ao descobrir que um restaurante japonês, no meio dos Estados Unidos, servia um dos melhores sushis que eu já tinha provado na vida.

***

Fiquei impressionado ao perceber o quanto minha vida tinha se tornado mais simples sem a cadeira de rodas. Até então, sempre pensei que seria difícil deixar o apartamento sem uma, mas o que aconteceu foi exatamente o contrário. Um mês antes, sair para jantar com a minha mãe significava ter de esperar cumprir todo um ritual de montar e desmontar a cadeira, colocar-me sentado nela, abrir espaço no restaurante para que eu pudesse passar.

Agora, quando chegávamos ao restaurante, saía do carro e entrava. Era libertador ser capaz de fazer tudo isso sozinho com tanta facilidade, sem me sentir um fardo para a minha família.

Mal podia esperar para mostrar a nova forma de viver aos meus parentes no Brasil, porque eles achavam que eu estava exagerando quando dizia que tinha largado a cadeira de rodas. Mesmo quando a minha mãe confirmou que ela havia sido deixada no escritório da Hanger e nem ao menos havia sido tocada desde o primeiro dia na cidade, eles ainda pensavam que tinha de haver algum tipo de pegadinha. No Natal, queria juntar toda a família na casa de campo que tinha pertencido à minha avó.

Durante a infância, íamos para lá todo fim de ano, mas, depois que a minha avó faleceu e nós, crianças, crescemos, tornou-se difícil encontrar tempo para voltar. A casa dela em Minas Gerais é um lugar do qual tenho infindáveis lembranças de brincadeiras com meus irmãos e primos. Não havia ocasião e lugar melhores para me reunir com a família, não apenas para compartilhar o

meu progresso, mas também para agradecer àqueles que haviam me apoiado tanto ao longo do ano que tinha passado.

16. Um passo após o outro Após dezoito dias em Oklahoma, era chegada a hora de voltar para casa, no Brasil. Juntamos tudo o que havíamos acumulado naqueles meses nos Estados Unidos, e a cadeira de rodas se fez útil uma última vez: usei-a como carrinho para transportar as malas. Caminhei ao lado da minha mãe por todo o aeroporto e, pela primeira vez, não me senti intimidado: queria que as pessoas olhassem para mim.

Eu estava realmente orgulhoso do que havia realizado e do modo como poderia me apresentar agora. As pessoas dobravam o pescoço para ver o rapaz sem membros, com suas pernas curtas, caminhando pelo aeroporto como se fosse a coisa mais natural do mundo. O essencial é que para mim, de fato, era a coisa mais natural do mundo.

Essa sensação só se tornou ainda melhor quando finalmente pousamos no Brasil. Minha família estava nos aguardando. Atravessamos o corredor de desembarque de Guarulhos e demos de cara com nossos perplexos parentes ao me ver andando. Foi uma sensação maravilhosa notar que as palavras de incentivo que tinha recebido meses antes haviam dado lugar a uma genuína admiração diante da minha superação.

***

Poucos dias depois, era hora de seguir em direção ao norte, para a casa que era da minha avó em Minas Gerais. Mal podia esperar para ver os meus parentes distantes e passar algum tempo no campo.

Esse foi um dos melhores Natais de que eu posso me lembrar. Toda a minha família estava alegre e em celebração. Jogávamos bridge, pôquer ou War como nos velhos tempos. A alegria parecia interminável. Não havia presente material que valesse tanto quanto o tempo que pude partilhar com meus entes queridos.

***

Lucas e a noiva Juliana haviam finalmente escolhido uma data para o casamento, que tinha sido adiado por causa da minha doença e recuperação. Eles marcaram o casamento para maio de 2011, e, como padrinho, eu tinha como meta atravessar a igreja com os meus joelhos protéticos. O problema era que eu ainda estava andando com stubbies em janeiro e eu temia não ser capaz de dominar o uso de pernas de corpo inteiro a tempo para o casamento.

Nesse meio tempo, eu me ative ao protocolo e fui a todos os lugares com os meus stubbies. Cada dia me sentia mais forte. Tinha até mesmo suspendido a

medicação que tomava antes. Sem os supressores do sistema nervoso e outras medicações pesadas, estava mais saudável do que nunca.

O medicamento provocava retenção de água, o que me fazia transpirar em profusão e causava problemas no ajuste dos soquetes, já que meus membros residuais mudavam frequentemente de volume. Agora, eu me sentia melhor do que nunca e estava pronto para viajar de volta a Oklahoma para obter um par de joelhos.

Em fevereiro, minha mãe e eu voltamos para o mesmo hotel em que nos hospedamos da última vez. Assim que cheguei, Chad e eu começamos a trabalhar. Ele já tinha pedido os meus joelhos, e eu mal podia esperar para começar a usar meu novíssimo par de C-Legs.

Esses joelhos protéticos eram do mesmo tipo usado com sucesso por Cameron e Heath. Eu visitava regularmente o site da empresa para estudar todas as especificações daquele joelho sofisticado, como se ele fosse o carro dos meus sonhos. Ele tem até mesmo um controle remoto, assim como um carro.

Fui
seduzido
pelo
joelho
hidráulico
controlado
por

microprocessador e pelos recursos de controle de estabilidade. Já estava ciente de que essa era a articulação padrão para amputados acima do joelho, então imaginei que não podia ser muito difícil aprender a usá-la.

Mas, como tinha acontecido das outras vezes, nada se provaria tão simples.

Chad desaparafusou os pés dos stubbies, prendeu novos joelhos nos soquetes e pediu que eu ficasse de pé. Com a sua ajuda, fiquei sustentado pelos meus novos pés, mas imediatamente quis voltar a sentar. Eu estava flutuando um metro acima do chão, e parecia que cada segundo que conseguia permanecer ereto era um milagre. A sensação era que as “dobradiças” nas pernas sobre as quais eu estava empoleirado se dobrariam a qualquer momento. Chad me pediu que desse alguns passos para testar o conforto, mas achei que não seria capaz de me mexer! Ele me guiou ao longo das barras paralelas enquanto eu rezava para não cair.

Depois de algumas voltas pelas barras, eu estava começando a ter alguma sensação da curva do joelho. Era difícil me sentir seguro ao colocar o meu peso

sobre esse joelho dobrado, mas de alguma forma ele permanecia firme ao ser balançado pelos passos. Eu ouvia Chad me dizendo para “confiar no joelho” — uma frase que em breve viraria meu mantra.

Embora quisesse continuar andando com a segurança das barras, Chad me disse que era hora de sair da sala. Randy, que também trabalhava na clínica de Oklahoma, juntou-se a nós. Andei para a frente e para trás em um corredor longo, com a ajuda deles, parando de vez em quando para ajustar o alinhamento da perna.

Aprendi que um quarto de volta de um parafuso no tornozelo ou joelho podia mudar completamente a forma como eu dava o passo, até mesmo aliviando um pouco da dor. Eles ligaram o meu joelho a um computador e fizeram ajustes. Randy programou o joelho para dobrar com mais rapidez.

Eu estava apavorado ao andar para a frente e para trás, pensando que cada passo me faria cair no chão. Quando hesitava, Randy era duro comigo e me dizia para seguir avante. Eles não me davam nenhum desconto.

Chad e Randy se revezavam no meu treinamento. Enquanto um estava comigo, o outro ia trabalhar em outras coisas. Foi um dia cansativo, e eu fiquei muito feliz quando finalmente pude voltar para o hotel e descansar.

No entanto, depois que retirei todas as minhas próteses no fim do dia, senti uma pontada de desânimo.

Não tinha ideia de que seria tão difícil. Deitei na cama e me imaginei caminhando pelo corredor, no casamento do Lucas, e caindo diante de toda a minha família e amigos. Fiquei atormentado diante da imagem de toda a igreja exclamando em uníssono a preocupação de ajudar o pobre amputado a sair do chão. Não sabia se seria capaz de caminhar no casamento deles.

Mais uma vez estava angustiado pelo medo de falhar.

Eu não tinha escolha, a não ser continuar voltando para a Hanger todos os dias para treinar, então dei o meu melhor. Em nenhum momento eles me fizeram andar em pequenas rampas e meios-fios. Eles até me ajudaram a subir e descer alguns degraus. Mas o grande teste era o famigerado declive em frente ao edifício. É claro que ele não estava fora dos limites, e, antes que me desse conta, eu estava observamdo essa inclinação abaixo de mim, o coração batendo forte.

Ela havia sido apelidada de “colina da profanação” por outro amputado bilateral acima do joelho que tinha treinado lá antes de mim. Felizmente, havia um soldado britânico que tinha perdido as duas pernas e um braço na guerra e estava treinando ao meu lado. Seu grande senso de humor me distraía do meu enorme medo.

Havia ainda um outro amputado treinando comigo e com o soldado.

Faltavam-lhe apenas as pernas e ele tinha uns quarenta anos. Juntos, incentivávamos uns aos outros durante esses intermináveis dias de treinamento. Se não fosse pela companhia deles, tenho certeza de que não aguentaria o treinamento — ou demoraria muito mais tempo para ver os resultados.

***

Aderi completamente à filosofia transmitida por Chad e Randy. Era árduo, mas simples, fazer do uso das próteses algo banal. Quando praticávamos caminhada, o fazíamos em ambientes corriqueiros. Íamos ao shopping ou a um campo de golfe para praticar nas escadas e ladeiras do mundo real.

Nele, as escadas nem sempre têm corrimãos perfeitos, e a grama das encostas era cheia de irregularidades. Quando caíamos, podíamos perceber o que havíamos feito de errado com os joelhos, e aprendíamos a evitar o mesmo erro. Também aprendi a ficar parado em pé — o que é complicado para alguém sem as pernas naturais.

Tentava manter o mesmo ritmo dos outros dois amputados, mas admito que buscava encontrar uma maneira de contornar esses exercícios. Assistia aos outros dois se agarrarem aos corrimãos com força e me queixava com Randy, dizendo que eu não deveria descer as escadas com eles, uma vez que não tinha mãos para me apoiar. Ele não me permitia pensar dessa forma. Impunha a realização das mesmas tarefas, tratando todos do mesmo jeito. Dizia que não havia limites para o que eu poderia fazer.

Não importava o fato de eu não ter as mãos; o mundo continuaria a ter escadas. Eu precisava encontrar uma maneira de subir e descer as escadas usando os recursos que me restavam. Odiava ouvir esse tipo de resposta.

Estava acostumado com pessoas abrindo exceções para mim e pensei que Randy estava sendo pouco razoável ao me forçar a fazer o mesmo que os demais, dadas as minhas desvantagens. O que mais me frustrava, era que ele aparentemente não reconhecia que para mim era mais difícil. Nós três éramos amputados bilaterais acima do joelho, e ele agia como se não fizesse diferença o fato de eu também não ter os dois braços.

Por maior que tenha sido a raiva que senti de Randy — compartilhada com a maioria dos amputados que treinaram com ele, creio eu —, hoje posso dizer que ela se esvaiu por completo.

Olhando em retrospectiva, percebo o quanto minha recuperação teria sido comprometida se eu tivesse sido tratado de maneira especial. Depois de viajar bastante, percebi que o mundo sempre vai ter obstáculos. Já não me assusta ter

de encontrar uma maneira de continuar andando quando me deparo com esses contratempos. Compreendo que Randy foi duro comigo porque, no longo prazo, eu precisava me assegurar de que era capaz de tudo, e ter necessidades especiais não faz de mim uma pessoa melhor ou pior que as outras.

Quando a frustração crescia, ela era dirigida apenas a Randy, mas também a mim mesmo. Eu não parecia ter habilidade necessária para realizar as tarefas que me eram incumbidas. O soldado britânico podia não ser bom em escadas, mas ele compensava isso com suas habilidades na rampa. Sentia que eu falhava em tudo o que tentava fazer.

Em um dos meus últimos dias de treinamento, eu estava de pé no alto da ladeira, na frente da clínica. Meu coração batia muito forte e meu cérebro não permitia que as minhas pernas continuassem a descer a ladeira. Eu tinha caído várias vezes, e ainda não tinha conseguido descer o morro inteiro com sucesso. Eu desprezava aquela ladeira com todas as minhas forças e ficava amedrontado todas as vezes que Chad ou Randy me obrigavam a descê-la. Quando a minha instrução estava chegando ao fim, Randy disse que, se eu queria voltar a treinar no futuro, precisava descer aquele morro.

“Olhando em retrospectiva, percebo o quanto minha recuperação teria sido comprometida se eu tivesse sido tratado de maneira especial. Depois de viajar bastante, percebi que o mundo sempre vai ter obstáculos. Já não me assusta ter de encontrar uma maneira de continuar andando quando me deparo com esses contratempos.

Compreendo que Randy foi duro comigo porque, no longo prazo, eu precisava me assegurar de que era capaz de tudo, e ter necessidades especiais não faz de mim uma pessoa melhor ou pior que as outras.”

Nas primeiras tentativas, Chad me segurou pelos braços para me ajudar com o equilíbrio e amortecer a queda, caso eu caísse. Eu caminhava em direção àquela rampa e, assim que dava o primeiro passo para baixo, os joelhos começavam a se flexionar e então eu tinha de continuar. Parecia que o coração ia saltar do peito. Toda a situação estava me deixando nervoso e percebi que eu caía porque estava hesitando. Os pequenos e temíveis passos que eu dava estavam me retardando e me fazendo cair sobre o traseiro.

Randy me incentivava: “Vai! Basta andar pela rampa como você anda no plano!” E assim fiz. Minha quarta tentativa foi mais suave, o que me deu confiança. Chad lentamente começou a me deixar ir e de repente eu estava

fazendo aquilo por conta própria. Havia conquistado a intimidadora Colina da Profanação! Não foi uma viagem tranquila, nem atenuou nenhum dos meus medos associados à inclinação, mas não importava. Essa vitória me convenceu de que eu podia cumprir o meu objetivo de andar no casamento do Lucas. Eu não me importava se alguém tinha dúvidas sobre isso; soube que iria conseguir!

Depois da minha primeira tentativa bem-sucedida, eu a repeti várias vezes para mostrar a todos os empregados da Hanger que eu estava dominando a rampa. Como se ensina no Boot Camp, evento anual da Hanger que reúne amputados de todo o mundo atendidos pela clínica, não há progresso nas nossas zonas de conforto. Superar algo que nos aterroriza faz todo o sacrifício valer a pena.

Com o treinamento chegando ao fim, preparei-me para voltar ao Brasil com minhas C-Legs. Dessa vez, no entanto, havia uma diferença fundamental. Antes, não fazia diferença se eu estava em minha cadeira de rodas ou nos stubbies — as pessoas ainda tinham de olhar para baixo para me ver. Agora que eu tinha meus joelhos, podia ficar no alto novamente.

Eu seria capaz de ter novamente uma conversa ao nível dos olhos e acompanhar os passos de outras pessoas, em vez de seguir atrás delas em função dos meus passos pequenos e lentos, ou de ser empurrado em uma cadeira de rodas.

***

Eu ainda mantinha contato com Brad. A filha dele estava estudando em uma escola na Flórida, e ele tinha planos de visitá-la. Ele me convidou para conhecer seus parentes no estado, pois gostaria de me ver andando com minhas novas C-Legs.

Haveria uma conferência enorme sobre protética com representantes de todo o mundo em Orlando, muito parecida com a que eu havia presenciado na Alemanha. Kevin me perguntou se eu queria ir e, sem hesitar, respondi que sim. Eu continuava a dizer sim para todas as oportunidades que encontrava à minha frente, porque isso tinha trazido bons resultados. Além disso, achava que essas conferências eram extremamente úteis. A da Alemanha tinha oferecido conhecimentos infindáveis, enquanto o triatlo trouxe o tão necessário apoio dos meus colegas, que mudou a minha perspectiva sobre limitações.

Foi uma sensação incrível viajar pela Flórida com minhas pernas novas.

Sentia-me tão livre! Antes, eu estava sempre ligado à minha mãe ou a quem quer que estivesse empurrando a cadeira de rodas. Mal podia esperar para mostrar ao Brad como eu estava indo bem, já que nem ele nem eu havíamos

abraçado a certeza de que seria possível caminhar. Finalmente, chegou a hora de dirigir até Sarasota e me encontrar com ele. Tínhamos planejado o encontro em um café, para um brunch. Ele tinha viajado de Ohio com a mãe e a filha mais jovem para se encontrar com a mais velha e os tios que já estavam na Flórida.

“Superar algo que nos aterroriza faz todo o sacrifício valer a pena.”

Cheguei ao café em algum momento no fim da manhã e me sentei na mesa grande. Brad ficou encantado com as minhas realizações. Em nosso último encontro, eu estava usando uma cadeira de rodas em tempo integral. Seus parentes e ele tinham um monte de perguntas para mim.

Conversamos sobre a minha vida no Brasil, as diferenças entre a meningite e a gripe suína que Brad havia contraído e como as pernas funcionavam.

Passamos o dia inteiro juntos e à noite saímos para jantar. Foi incrível conhecer a família de Brad, da qual eu tinha ouvido falar muito. Mais uma vez, minha mente vagou por alguns momentos, imaginando como seria namorar Allison, a filha mais velha de Brad.

Disse-lhe algumas vezes que ele deveria vir para a Conferência da Coalizão Americana de Amputados, que aconteceria em alguns meses.

Expliquei que ele teria a chance de ver Cameron e Heath caminhando e observar o modo como eles usavam as pernas. Contei-lhe sobre Kevin, Chad e Randy e acrescentei que os três estariam na conferência com muitos outros amputados bilaterais acima do joelho. Sabia a diferença que aqueles caras tinham feito na minha vida. Estava convencido de que, se eu pudesse trazer Brad comigo, este poderia ser o seu ponto de virada também.

Ele não quis se comprometer, sob pretexto de que seria um momento difícil, já que estaria voltando para a casa de Chicago nessa época, e disse que pensaria no assunto. Quando a noite chegou, ao fim, minha mãe e eu fomos para o hotel e nos preparamos para dirigir até Orlando no início da manhã seguinte.

***

Quando chegamos ao hotel que sediava a conferência, dirigi-me ao salão de exposições. Ele estava disposto em linhas familiares de cabines e eu mal podia esperar para começar a percorrê-las. Encontrei-me com Kevin. Ele estava prestes a dar uma palestra para um grupo de técnicos de próteses e fisioterapeutas, então, decidi me juntar a eles e assistir à apresentação.

De repente, no meio da palestra, ele me chamou para a frente da sala para contar como tínhamos nos conhecido. Fui pego de surpresa, especialmente

porque ainda não sabia como me levantar sozinho. A sala inteira esperou pacientemente em silêncio enquanto desajeitadamente usei uma mesa próxima como apoio e, finalmente, me levantei. Sem tempo para comemorar, fui até a frente da sala.

Vinha pensando muito sobre o meu futuro e o que queria como carreira.

Não conseguia me imaginar sentado diante de um computador o dia todo, escrevendo relatórios, enfurnado em um escritório, tentando mostrar competência e tendo de seguir o ritmo de outros funcionários. Nenhuma prótese poderia compensar essa diferença de produtividade entre mim e os outros empregados, e eu não achava que isso faria de mim uma escolha provável entre empregadores. Em vez disso, comecei a pensar de maneira um pouco diferente.

Havia várias pessoas que tinham ouvido falar sobre a minha história e que haviam sido inspiradas por minha atitude positiva. Essas pessoas me ouviam enquanto eu fazia pequenos relatos sobre reabilitação ou sobre os dias no hospital. Um dia tive um estalo: pensei em me tornar palestrante profissional, de modo que pudesse partilhar meus desafios com as pessoas ao redor do mundo. Era o modo perfeito para continuar inspirando as pessoas, ao mesmo tempo em que seguia minha carreira.

Discuti a decisão com a minha família e todos concordaram que eu deveria perseguir esse sonho. Por isso, fiquei empolgado quando Kevin me chamou por acaso para falar.

Fui para a frente do auditório e Kevin entregou-me o microfone. Ele deu um passo para o lado e eu contei como nos conhecemos na Alemanha e relembrei a noite em que ele desembarcou em Chicago. Eu me sentia incrível sendo o foco de atenção daquelas pessoas, todos profissionais do ramo de próteses. Era uma sensação indescritível saber que todos na plateia estavam me ouvindo e que conseguia tocá-los com o meu testemunho. Quando terminei de falar, a sala explodiu em aplausos. Eu estava totalmente convencido de que essa seria a minha carreira, um dia.

Sentei-me novamente e notei que a minha mãe estava em lágrimas, mesmo sem ela ter entendido uma palavra do que eu havia dito. Era um grande momento para mim: finalmente havia descoberto minha vocação.

17. Depois da tormenta, a festa

Como eu havia imaginado, meus amigos e minha família ficaram fascinados diante das minhas novas pernas. Eles não tinham me visto de pé, por quase dois anos, e esta era uma transformação incrível.

A proximidade do casamento de Lucas me deixava ansioso. Decidi concentrar toda a minha atenção na música, de modo que não me assustasse com a tentativa de caminhar no seu casamento. Poucos dias antes do grande dia, Lucas me levou para a igreja na esperança de que isso pudesse acalmar os meus nervos. O que ele não havia percebido, era que o caminho até o altar terminava em uma inclinação.

Lembrei da aterrorizante ladeira em frente à Hanger, e todo aquele medo voltou. Embora essa rampa não fosse tão íngreme, exigiria o mesmo nível de habilidade para ser dominada, e dessa vez numa igreja cheia de olhos que estariam colados em mim se eu tropeçasse.

Meus medos sugaram o melhor de mim, e eu reclamei com o Lucas. Eu o culpava por ele ter escolhido essa igreja, ele deveria saber que aquilo seria um problema. A verdade é que ele não tinha como saber que aquela rampa seria tão difícil para mim. Tentei encontrar uma alternativa, mas não adiantou. Não havia nada que pudesse fazer em tempo hábil e eu não queria estragar um casamento tão bem coreografado. Percebi que estava sendo egoísta e tentei me acalmar.

No dia do casamento, Lucas e Juliana cuidavam animados dos preparativos finais, aguardando ansiosamente pelo momento do “sim”.

Enquanto isso, eu estava petrificado, a ponto de me sentir mal fisicamente.

Não conseguia comer nada, porque meu estômago estava virado. Mesmo sem ter digerido nada, passei mal por puro estresse.

Tentava desesperadamente distrair a mente enquanto se aproximava o momento em que eu teria de caminhar até o altar. Implorei aos meus pais para que eles encontrassem uma saída para mim enquanto eles me ajudavam a vestir o smoking, mas não havia mais nada que pudessem fazer.

Nenhum de nós queria atrapalhar o grande dia de Lucas, especialmente levando em conta que tanta atenção havia sido focada em mim nos últimos dois anos.

Fomos para a igreja; lá dei uma última passada no banheiro antes que fosse hora de andar. Dei os primeiros passos pela porta e percebi cada par de olhos

penetrantes sobre mim. Continuei em frente, agora focando o fim da rampa. Calculei cada passo e a percorri tão lentamente quanto os joelhos permitiam.

Mal pude acreditar que a rampa havia acabado quando cheguei ao fim, sem cair.

Foi um belo casamento. Depois fomos para a festa em um hotel nas proximidades. Agora que minha mente estava livre de preocupações, estava morrendo de fome! Não tinha comido o dia inteiro, por isso me segurei para não engolir o que estava no meu prato no mesmo instante em que foi colocado na minha frente.

Como Lucas e eu estávamos sempre muito próximos, compartilhávamos um monte de amigos. Foi muito divertido ver tanta gente por perto durante o casamento. Eu acabei caindo em algum ponto durante a recepção, mas a essa altura já estava relaxado. Deixei que me ajudassem a levantar e voltei a dançar! Já noite adentro, Lucas me chamou para o palco para ser o DJ da festa.

Da mesma forma como na conferência, adorei ver aquele grupo de pessoas à minha frente reagindo ao que eu fazia; adorei guiar a empolgação de uma pista de dança com os meus ganchos e o prato giratório. Todo o mundo estava dançando e sorrindo, e eu me sentia tão vivo! Foi um alívio ver aquela noite correndo tão bem e saber que Lucas e Ju estavam agora casados e felizes.

18. Conhecendo Allison

Passado o casório, concentrei minha atenção na próxima conferência que se aproximava. Ela seria realizada em Kansas City, no Missouri, e haveria uma enorme quantidade de amputados bilaterais acima do joelho participando de pequenas sessões de treinamento. Comecei a pesquisar voos e fazer outros planos, e me perguntava se Brad teria decidido participar da conferência.

Eu tinha adicionado a filha dele, Allison, como amiga no Facebook não muito tempo antes. Quando a vi online, perguntei a ela sobre seu pai. Ela disse que ele ainda estava indeciso quanto à conferência, mas que ela concordava comigo que ele deveria ir. Planejamos trabalhar juntos para convencê-lo. Imaginei que Allison teria melhor sorte e, confirmando essa expectativa, alguns dias depois ela me enviou uma mensagem dizendo que ela e o pai estavam inscritos na conferência.

Eu estava feliz por Brad ter decidido ir. E tenho de admitir que também estava ansioso para conhecer Allison pessoalmente. Conversei com Brad sobre os planos para aquele fim de semana. Como iria de carro direto de Chicago, decidi voar até lá e pegar carona com ele.

Missouri ficava a mais de oito horas de carro, mas o tempo voou enquanto Brad, Allison, meu cuidador Sylvio e eu conversávamos.

Chegamos ao hotel no que pareceu ser muito rápido e fiquei chocado com o número de amputados que estavam lá. Parecia que, para onde quer que eu olhasse, havia alguém sem um braço ou uma perna. Nenhuma das outras conferências ou reuniões havia reunido tantos amputados e eu mal podia esperar para entrar e conhecer pessoas novas e suas histórias de vida.

Brad, Allison, Sylvio e eu passamos toda a conferência juntos. Na primeira noite, jantamos no restaurante do hotel e eu me sentei em frente de Allison. Realmente, não posso explicar o que aconteceu naquela noite, mas eu me lembro de olhar nos olhos dela e de saber que eu estava apaixonado. Não sabia o que iria acontecer, mas estava totalmente arrebatado.

Vinha tentando evitar a todo custo pensar sobre relacionamentos, um campo no qual era um completo ignorante. Não sabia se alguma menina ia querer ficar comigo, então tratava de eliminar essa ideia da cabeça. Agora, ela batia de frente comigo e eu não sabia como responder a esses impulsos, então tentei ignorá-los.

No dia seguinte, acordei descansado e pronto para treinar. Havia mais de

vinte amputados bilaterais acima do joelho agrupados e praticando em rampas, calçadas e escadas. Eu me lembro de quando Brad caiu pela primeira vez e teve de encontrar uma maneira de se levantar sem ajuda, como eu havia feito naquela noite na Califórnia. Uma vez de pé, pude ver uma mudança nele.

Ele empregava sua força máxima em todos os exercícios, embora fosse o mais velho de todos no grupo. Era incrível ver sua determinação, uma faceta que até então desconhecia.

Trabalhávamos o dia todo e saíamos à noite para jantar. Então, quando Brad ia dormir, Allison ficava no saguão conversando com alguns dos participantes. Eu ficava muito feliz por tê-la sentada ao meu lado, dedicando a maior parte da sua atenção em mim. Dizia a mim mesmo que isso acontecia somente porque ela não conhecia mais ninguém e ficava feliz em conversar com ela.

Durante uma dessas conversas, contei-lhe sobre os meus planos de entrar na faculdade nos Estados Unidos. Quando ela me perguntou onde eu estava buscando, disse que estava entre uma universidade em Miami e outra em St. Petersburg, na Flórida. O rosto dela se iluminou quando ela ouviu St. Petersburg. Ela me disse que havia estudado na cidade, a poucos minutos da faculdade que eu estava pensando cursar. Ela me garantiu que era um ótimo lugar para estudar e que eu me sentiria em casa lá.

Conversamos muito sobre a faculdade nos dois dias seguintes, e ela estava sempre disposta a responder às minhas perguntas sobre como as escolas funcionam nos Estados Unidos.

Na última noite da conferência, houve um grande jantar dançante para todos os participantes. Nunca me sentira tão despreocupado na minha vida.

Era libertador estar cercado por amputados, que não se importavam com o fato de eu não ter membros e que não se preocupavam por eu estar na pista de dança. Em vez disso, todos dançávamos, algumas pessoas em suas cadeiras de rodas, outras com bengalas, muletas ou próteses. Passei a maior parte do meu tempo na pista de dança com Allison.

“Ele empregava sua força máxima em todos os exercícios, embora fosse o mais velho de todos no grupo. Era incrível ver sua determinação, uma faceta que até então desconhecia.”

No dia seguinte, encontrei-me com Brad e Allison durante o café da manhã antes de eles partirem de volta para Chicago, e eu seguir para Oklahoma City. Desejava que aqueles instantes não terminassem porque não sabia quando veria

Allison novamente. Agora que Brad vivia em Ohio e eu passava a maior parte do meu tempo no Brasil, achei que talvez nunca mais fosse vê-la.

19. Quando amarelei

Fui com o Sylvio para Oklahoma City para participar dos Jogos Endeavor, um evento de verão em que atletas com deficiências de todos os tipos se reuniam para competir em provas de atletismo.

Eu tinha encontrado um amputado bilateral acima do joelho, Giuseppe, que iria no carro conosco para Oklahoma. Tínhamos acabado de nos conhecer na conferência, mas era como se eu o conhecesse a vida toda. Ele tem sido um amigo próximo desde aquele fim de semana. Giuseppe era um italiano alto, extremamente opinativo, que acumulava todos os estereótipos do seu país de origem. Quando eu estava prestes a desistir de uma tarefa, ele tinha um jeito de me fazer rir com seu sotaque estridente que me reenergizava.

A combinação do divertimento de Giuseppe com uma boa estação de rádio de música eletrônica dançante e o "pé de chumbo" do Sylvio fez com que as horas até Oklahoma City passarem voando.

Fui pego de surpresa quando cheguei e me disseram que eu também correria. Inicialmente, eu tinha previsto que esse evento seria como o triatlo, onde o meu papel seria de espectador, incentivando os participantes. Em vez disso, fui recebido com um par de lâminas de corrida com as quais eles esperavam que eu competisse.

Todos os amputados bilaterais acima do joelho que tinham ido aos Jogos Endeavor fariam uma oficina de corrida improvisada para os corredores inexperientes. Como a Hanger tinha uma ladeira íngreme à sua frente, a única área suficientemente longa e plana que tínhamos para praticar era dentro do escritório.

Coloquei-me atrás dos meus colegas na esperança de que todos fossem esquecer que eu ainda não tinha corrido, mas não deu certo. Logo fui chamado para colocar as lâminas de corrida e experimentá-las. Removi os braços protéticos porque eu não queria acertar o próprio rosto com os ganchos — de modo que meus braços ficaram desprotegidos.

Comecei a me mover para a frente e senti como se estivesse afundando na lama a cada vez que eu transferia meu peso. Fiquei suado e sem fôlego depois de apenas alguns passos por causa da extrema quantidade de energia que estava gastando. Eu me senti instável naquelas pernas, que essencialmente eram molas duras, então arrastei os braços pela parede e uma linha vermelha e irregular de

sangue se desenhou enquanto eu percorria o corredor.

Todos os meus colegas estavam torcendo por mim. Eu era o mais lento e o que tinha menos coordenação entre todas as pessoas daquela sala. Estava com vergonha por correr tão mal, razão pela qual fiquei hesitante quando me disseram que estava inscrito para participar de uma corrida de cem metros nos Jogos Endeavor. Resisti à ideia e lhes disse que não queria competir; eu não estava pronto. Mas eles não quiseram ceder e argumentaram que o que valia mais era a experiência, e não o tempo que eu conseguiria fazer ou o lugar em que terminaria a competição.

Independentemente desse raciocínio, quando chegou a hora de competir, amarelei. Sentado na pista de borracha preta e olhando em volta para os fãs nas arquibancadas, eu me senti amedrontado. Mal havia conseguido andar pelo corredor de um casamento na frente da minha família e dos meus amigos. O pensamento de correr na frente de uma multidão de estranhos era aterrorizante.

Coloquei novamente os joelhos de caminhada e saí da pista, mas imediatamente me arrependi dessa decisão. Eu me senti muito mal por não haver tentado, especialmente porque amava provar às pessoas que podia fazer qualquer coisa que tentasse. Decidi naquele momento que compensaria aquela desistência algum dia. Não tinha certeza de como, mas provaria a todos que podia correr e competir.

Fiquei chateado pelo resto do dia. Ao ver Allison online no Facebook, conversei com ela sobre o ocorrido. Tínhamos começado a conversar mais desde a conferência, geralmente sobre como se desenvolvia o progresso do pai dela, que estava prestes a abandonar a cadeira de rodas.

Logo começamos a variar os assuntos, como recomendações de filmes ou viagens. Adorava conversar com ela, e estávamos nos tornando amigos próximos.

Pensava cada vez mais em namorá-la, mas logo me dizia que estava sendo tolo. Eu me convenci de que éramos apenas bons amigos e de que estava enganando a mim mesmo se achasse que poderíamos ter algo além disso.

Allison me mantinha atualizado sobre o pai dela. Ele tinha decidido ir para Oklahoma City por duas semanas para realizar o mesmo treinamento que eu havia feito. Fiquei muito contente com a notícia, porque sabia que ele alcançaria seu objetivo de voltar a caminhar normalmente. Allison novamente havia planejado ser sua companheira na viagem.

***

Minha família havia adquirido o espírito de “amor duro” da Hanger e certo dia

me pressionou a descer uma rampa íngreme no restaurante onde estávamos comendo nosso brunch de domingo. Depois de muita persuasão, finalmente fiz meu melhor para descer sozinho, e acabei levando um tombo. Nessa queda, em que todo o peso do meu corpo foi jogado sobre um braço, acabei quebrando a peça do cotovelo.

“Pensava cada vez mais em namorá-la, mas logo me dizia que estava sendo tolo. Eu me convenci de que éramos apenas bons amigos e de que estava enganando a mim mesmo se achasse que poderíamos ter algo além disso.”

Tentei reparar sozinho o equipamento e consegui consertá-lo temporariamente de maneira rudimentar, mas não duraria muito tempo.

Como eu vinha pensando em voltar à clínica Hanger para fazer um novo par de braços, decidi que aquele era um bom momento para fazer isso. Na época, fiquei frustrado comigo mesmo por ter descido a ladeira e comprometido meus braços, que eram tão essenciais para as minhas atividades diárias. Esse incidente, no entanto, aconteceu pouco antes de Brad e Allison irem para Oklahoma, o que faria comq ue nos encontrássemos por lá.

Havia alguns obstáculos — os voos e o hotel estavam muito caros. Mas Allison conseguiu me persuadir, dizendo-me que Brad se beneficiaria muito da minha presença e que eu deveria me esforçar para ir quando eles estivessem lá. Senti uma pontada de emoção correr pela espinha quando ela falou isso. Fiquei extremamente animado ao ouvir que ela queria muito me ver, mesmo tendo claramente disfarçado essa vontade.

Não deixei passar a oportunidade — voei para Texas com Sylvio pouco tempo depois. De lá, fomos direto para Oklahoma. Apesar do cansaço, pedi a Sylvio que me levasse diretamente à Hanger, onde sabia que Brad e Allison se encontravam. A primeira coisa que vi ao atravessar a porta foi o rosto de Allison se iluminando ao me reconhecer, seguido de um caloroso e acolhedor “Olá, Pedro!”

Os três dias seguintes que passei com Brad e Allison antes de eles irem embora foram preciosos. Passei todo o tempo que podia ajudando Brad com a sua formação e o resto do tempo conversando com Allison. Era tão bom finalmente falar com ela cara a cara, em vez de ter de forçar as costas para digitar letra por letra com a extremidade do meu coto. Foi tão bom ouvi-la rir e ver seu sorriso se abrir enquanto eu falava com ela — algo que nenhum computador pode simular.

Esperava todas as noites pelo momento de sairmos para jantar, para que pudesse passar mais tempo com ela. Desejava que aqueles dias durassem um pouco mais. À medida que o nosso tempo juntos chegava perto do fim, temia mais uma vez não vê-la novamente, até que uma notícia ruim gerou uma oportunidade.

O especialista em próteses que estava consertando o meu braço trabalhava em algumas outras clínicas da região, e como minha chegada havia sido marcada com tão pouca antecedência, ele não teve tempo de me informar que precisava se ausentar da cidade por duas semanas. Fiquei preocupado com as contas do hotel, aluguel de carro e alimentação, que se acumulariam durante essas semanas. Inesperadamente, Brad sugeriu que fôssemos para Ohio e ficássemos na casa dele para economizar dinheiro.

Imediatamente, agarrei a oportunidade, ansioso para estender meu tempo com ele e Allison e conhecer o resto da sua família.

“Esperava todas as noites pelo momento de sairmos para jantar, para que pudesse passar mais tempo com ela. Desejava que aqueles dias durassem um pouco mais. À medida que o nosso tempo juntos chegava perto do fim, temia mais uma vez não vê-la novamente (....).”

20. Agarrando a oportunidade

Alguns dias mais tarde, estávamos em Ohio, e eu finalmente pude conhecer a família e os amigos de Brad. Certa noite, ele os recebeu para jantar e eu ouvi um comentário de que Allison tinha terminado o seu namoro. Desviei o olhar para tentar disfarçar o sorriso que se formava enquanto as outras pessoas da mesa a consolavam.

Na última semana da viagem, Allison e eu passamos cada minuto possível juntos. Notei que seus irmãos raramente estavam em casa. Eu oscilava entre a empolgação de um dia poder namorá-la e uma autodesconfiança que me levava a achar que não havia chance alguma de uma garota como ela querer algo comigo. Decidi apenas desfrutar o tempo que eu tinha perto dela, sem me preocupar com o que aconteceria dali para a frente. Tentei ser o mais espontâneo e verdadeiro possível.

Cheguei perto de lhes contar tudo o que eu pensava. Fomos ao cinema com o pai dela. Era uma noite durante a semana, por isso a sala estava vazia. Brad foi ao banheiro antes de começar o filme e ficamos, Allison e eu, sozinhos assistindo aos trailers. Fiquei tentado a me inclinar e lhe dar um beijo, mas na dúvida do que poderia resultar, fraquejei. Brad logo voltou.

Perdi minha chance.

O tempo voou e por fim voltaria ao Brasil. Apesar de ter se tornado algo frequente, não consigo me acostumar com despedidas. Uma vez de volta à casa dos meus pais, percebi que a distância não era impeditivo para continuar falando com Allison. Conversávamos várias vezes por dia, passávamos horas trocando mensagens. Assim que desligava o computador, pegava o smartphone para continuar nosso papo.

Trocávamos ideia sobre tudo e nada. Discutíamos relacionamentos, amor, vida, planos. Finalmente, tínhamos nos aproximado e os sentimentos por ela provaram não ser apenas uma paixão fugaz. Pelo contrário: meu afeto havia crescido com a distância. Mas desde as amputações ainda me sentia vulnerável quando o assunto era o amor. Precisava saber o que ela sentia por mim, mas não queria enfrentar o risco de ser rejeitado. A deixa que encontrei foi perguntar se ela achava que eu conseguiria arrumar uma namorada do jeito que eu era.

A resposta de Allison foi uma das coisas mais bonitas que já ouvi: eu não teria nenhum problema para arrumar uma namorada porque ela não via próteses

quando olhava pra mim; ela via apenas a mim. Não pude impedir que um sorriso bobo tomasse conta do meu rosto. Ela tinha expressado em poucas palavras tudo o que eu sempre sonhei que uma garota pensasse de mim.

Nossa amizade se transformou. Passávamos cada vez mais tempo conversando, dia e noite. As especulações deram lugar a planos concretos de me mudar para os Estados Unidos e estudar na St. Petersburg College, onde Allison estava se matriculando para cursar a graduação em Órteses e Próteses.

Inicialmente pretendia fazer o mesmo curso, mas sabia que não seria viável me tornar um especialista em próteses, trabalho que requer muita habilidade manual. Ainda assim, o importante era estar matriculado na universidade, estudar algumas disciplinas para mais à frente decidir no que me formar. Estaria na mesma universidade que a Allison, o que me ajudaria a me adaptar às aulas de um país diferente.

"(...) eu não teria nenhum problema para arrumar uma namorada porque ela não via próteses quando olhava pra mim (...)."

Estava claro que éramos mais que amigos, mesmo sem nunca ter tido um encontro romântico. Pouco antes de 12 de setembro de 2011, segundo aniversário do fatídico dia da minha internação, decidimos assumir nosso namoro. Pensei na tristeza e na depressão pelas quais eu tinha passado naqueles dois anos, e em todo o esforço físico. Tinha ido ao fundo do poço e tinha conseguido me recuperar.

Conhecer Allison foi uma surpresa. Eu me perguntava se uma garota algum dia iria querer sair comigo. E tinha conhecido essa garota linda, de quem eu hesitaria em me aproximar mesmo antes das amputações. Quando eu já estava bem, Allison me fez alcançar níveis inimagináveis de felicidade.

Não conseguia imaginar minha vida sem ela, e percebi que nunca a teria encontrado se eu não tivesse perdido os membros. Por mais difícil que a vida sem membros fosse, sentia ter valido a pena pela oportunidade de estar com uma pessoa tão especial. Eu havia conhecido pessoas do mundo inteiro, tinha estado em lugares incríveis ao redor do mundo, o que acredito que não teria acontecido não fosse aquela fatalidade.

Minha família ficou radiante ao saber da notícia. Minha mãe era a única que havia conhecido Allison e disse que sempre soube que ela um dia seria sua norinha. Nossos amigos ficaram céticos. Disseram que era impossível começar um namoro a distância, sem saber se rolava química. É difícil colocar em

palavras a conexão que sentíamos, fazer com que nossos amigos entendessem. Percebo agora que a preocupação deles era para o nosso próprio bem. Mas creio que estar longe um do outro forneceu o alicerce mais forte possível para a nossa relação. Tornamo-nos melhores amigos antes de tudo, e com isso provamos que nem dez mil quilômetros entre nós podiam arrefecer nossos sentimentos.

Contávamos os segundos para nos encontrarmos, e não aguentava mais esperar até janeiro, quando começariam minhas aulas.

Como o triatlo de La Jolla em outubro do ano anterior havia sido uma experiência transformadora, decidi comparecer de novo. Convidei o Brad e encontrei um time para que ele pudesse competir. Como de costume, Allison também viria para ajudá-lo. Como ela estava vindo da Flórida, e Brad, de Ohio, ele teve de voar sozinho.

Esse foi um grande passo para a sua independência. Hoje em dia, Brad pode colocar suas próteses e fazer tudo sem ajuda. Ele desistiu da cadeira de rodas em agosto de 2011 e nunca mais a usou, seguindo o exemplo dos mais jovens.

O triatlo seria a primeira vez que eu o veria sem cadeira de rodas. E

fiquei impressionado por ele ter se oferecido para completar a parte da natação pela sua equipe. E claro que eu não conseguia esconder a emoção de ver Allison pela primeira vez como minha namorada.

Viajei com o meu primo Fernando e ficamos hospedados no mesmo hotel que Allison e Brad. Saímos para jantar os quatro, Allison e eu ansiosos para ficarmos a sós pela primeira vez. Brad voltou ao quarto para dormir.

Fernando ainda ficou por lá um tempo, até que lhe pedi que fosse dar uma volta.

Fomos para o bar do hotel, mergulhado em uma luz tênue. Estávamos sozinhos, Allison e eu, pela primeira vez. Depois do que parecia ter sido uma vida inteira, eu a beijei. Senti que cada segundo de espera havia valido a pena.

No dia da competição, Brad deu um bom início ao time dele ao completar seus quilômetros de nado. Fiquei maravilhado ao ver como ele suportava a água gelada do oceano por tanto tempo, nadando sem ajuda de próteses, apenas com seu braço e três tocos. O resto do fim de semana passou voando. Engraçado como a espera pela pessoa que você ama parece durar séculos, enquanto os bons momentos ao lado dela passam em um piscar de olhos.

***

Foi difícil me despedir de Allison, mas dessa vez foi diferente. Mesmo com um oceano a nos separar, ela era minha namorada. Eu não me preocupava: o que nutríamos um pelo outro era forte demais. Além disso, dentro de poucos meses

estaríamos juntos de novo, morando na mesma cidade.

Fiquei feliz pela companhia de Fernando depois que Allison voltou para a Flórida. Dirigimos pela Califórnia, passeamos por Las Vegas e Nova York. É

uma experiência incomparável viajar de carro, no seu ritmo, o rádio ligado, as estradas se estendendo à sua frente a perder de vista, descobrindo lugares que nunca imaginaria visitar caso estivesse viajando de avião. Além de ter a oportunidade, é claro, de comer em restaurantes nada badalados, mas nem por isso menos deliciosos.

Ao término da viagem percebi que agora teria um calendário acadêmico para cumprir. Voltar a ser estudante me causou calafrios na espinha. Mas tudo se amenizava ao pensar que poderia ver Allison todo dia.

Um dos maiores obstáculos na mudança para os Estados Unidos era ter de morar sozinho. Sylvio, tendo família no Brasil, não poderia se mudar comigo. Ele concordou em ficar comigo durante o primeiro mês para me dar tempo de achar outra pessoa que me ajudasse. Era difícil pensar nessa mudança, já que havíamos nos tornado muito próximos.

Mudar para um lugar novo é sempre difícil e seria redundante lembrar o quanto isso se torna mais complicado quando se vai para um país estrangeiro e se é um amputado quadrilateral. Estava nervoso de viver longe da minha família, mas sabia que, se ficasse no Brasil, me acomodaria e não iria para a universidade. Sair era algo que me forçaria a me tornar independente, e sou grato por ter tido essa oportunidade.

Quando o ano-novo finalmente chegou, e com ele a iminência da mudança, fiquei assustado. Aquilo marcava um novo capítulo na minha vida, e eu não sabia o que esperar. A incerteza era assustadora e eu não conseguiria realizar essa mudança tão drástica não fosse pela Allison. Saber que eu teria alguém para me ajudar durante os tempos difíceis, para me tranquilizar na vida e me apoiar nos meus estudos nos Estados Unidos, me acalmava.

Imerso nessas preocupações, o tempo fluía. De repente, estava me despedindo dos meus amigos e da família, sem levar em conta o significado de ser um amputado quadrilateral de vinte anos mudando de país com nada além de duas malas e um ajudante que só ficaria comigo um mês.

Quando senti o súbito baque das rodas sendo recolhidas pela aeronave, soube que aquele momento marcava o início de uma nova vida. Não senti tristeza ou solidão ao deixar a família no Brasil. Eu estava a caminho de construir uma vida independente. A ficha cairia apenas mais tarde, numa conserva por vídeo com a minha família, normalmente aos domingos, enquanto eles curtiam o famoso

churrasco do meu pai.

A ida para os Estados Unidos havia sido a primeira grande decisão que eu tomava, não por ser forçado ou induzido a isso, mas porque eu assim desejava. Escolhi agarrar aquela oportunidade, sem saber se sofreria ou me beneficiaria com ela.

***

Fui recebido com uma golfada de inverno na Flórida quando aterrissei.

Todas as preocupações que fiquei remoendo durante o voo haviam sumido, e eu só conseguia pensar em ver a Allison. Ela estava dirigindo até Orlando para me buscar. Quando ela parou no meio-fio à minha frente, a primeira coisa que notei foi o seu enorme sorriso. O mesmo de quando ela tinha me recebido ao entrar pela porta da Hanger, apenas alguns meses antes.

Allison e eu fomos procurar apartamentos juntos, e rapidamente encontramos dois no mesmo prédio. Como não tive tempo de preparar a papelada antes de me mudar, precisei ficar em um hotel por alguns dias. Já estava acostumado a ficar em hotéis, mas, naquelas circunstâncias, mudando de país, era mais difícil. Tentei me preparar mentalmente para voltar para as aulas depois de tanto tempo, por mais que parecesse que eu ainda estava de férias. Fazia dois anos desde a última vez que tinha estado em uma sala de aula.

Estava completamente fora da minha zona de conforto, longe do meu bairro, do meu país, e a ideia de estar em sala de aula com um grupo de estudantes da minha idade era assustador. Lembrei-me do quanto sofri na mão dos meus colegas de condomínio na pré-adolescência e de como o cara estranho da classe que eu era costumava ser intimidado. Veio-me a imagem que temos de filmes sobre a high school e as faculdades norte-americanas, e isso me assustava. De todo o universo acadêmico, era pouco provável que houvesse alguém mais diferente que eu.

Além disso, havia uma razão prática para eu me preocupar: não sabia como atuar na aula sem poder fazer anotações decentemente. Eu escreveria um texto ou faria uma prova em aula? Sem falar nas aulas ministradas em inglês.

Poucos dias antes do começo do semestre, procurei maneiras de não ir à escola. Conversei com a Allison sobre as minhas dúvidas e disse que talvez a graduação em protética não fosse a melhor opção para mim. Era difícil entender o quanto aquilo era minha escolha e o quanto era influência dela, a vontade de estar por perto.

Ela me disse para avaliar como seria a primeira semana, e que focasse em terminar um semestre, para então rever minha escolha. Era um pouco

reconfortante saber que também seria o primeiro dia de aula dela no St.

Petersburg College, uma vez que ela tinha acabado de se transferir de outra universidade. Nos Estados Unidos, a grade curricular das universidades é diferente do Brasil, havendo requisitos de educação geral em comum para quaisquer carreiras dentro da mesma universidade. Decidimos nos inscrever em algumas aulas juntos.

Por sorte, minha primeira aula já seria com Allison. Pudemos ir juntos de carro até a faculdade. Ela foi uma espécie de escudo do qual eu precisava.

Andamos pela calçada até o prédio e passamos por um grupo de estudantes alternativos, que fumavam cigarros. A maior parte do grupo tinha cabelo espetado ou colorido, os olhos escuros com uma densa camada de delineador. Percebi que eu tinha me preocupado à toa. Todo o mundo era diferente de um jeito ou de outro. E o mais importante: todos respeitavam as diferenças.

Fiquei aliviado de ver que as pessoas não me encaravam mais do que já estava habituado, e aos poucos me senti mais à vontade. O dia transcorreu sem incidentes. Já ansiava por um semestre de acaloradas discussões sobre estudos de casos de ética. A bem da verdade, nenhuma das minhas aulas foi particularmente cansativa naquela semana.

***

Alguns dias depois, finalmente pude entrar em meu apartamento. Ainda não possuía nenhum móvel, mas era o meu lugar. Dediquei mais tempo para decidir em que curso me formar. Por horas conversei com o meu pai sobre o meu futuro. Estava em dúvida entre Administração de Empresas e Economia. Acabei escolhendo Economia, um campo que sempre achei interessante.

Inicialmente, pensei em qual seria mais benéfica para mim como palestrante, mas descobri que isso não me ajudava a tomar uma decisão.

Antes de começar a faculdade, minha justificativa era que não precisaria de um diploma para contar a minha história. Esperava que compartilhar minhas experiências fosse o suficiente para me trazer uma vida confortável. Essa filosofia parecia estar funcionando para mim; as respostas das quais eu precisava sempre pareciam se apresentar no momento certo. Mas isso era apenas um jeito de mascarar minhas inseguranças.

Hoje minha mentalidade mudou e entendo que será benéfico completar os estudos. Eu me tornei mais responsável com a sempre crescente carga de trabalho, e meu inglês melhorou substancialmente. Concluir a faculdade me agregou mais conhecimento que de outra forma não conseguiria obter.

Foi um desafio, e fico até envergonhado em quase ter aberto mão dessa

possibilidade de aprender por presumir que minhas experiências bastavam em si. Sou um cara muito focado no progresso e percebo que não há limites para o conhecimento. Não há aprendizado inútil.

21. Independência nos EUA O mês combinado com Sylvio chegou ao fim e era hora de ele retornar para a família dele no Brasil. Nos dias anteriores à sua partida, Allison e eu conversamos extensamente sobre o que fazer quando ele fosse embora.

Achei que teria facilidade em encontrar um substituto que pudesse chegar às oito da manhã e ficar até as quatro da tarde. Mas Allison tinha uma visão diferente de mim: eu deveria usar a mudança do Sylvio como uma oportunidade. Ela sabia que eu estava longe do meu objetivo de me tornar independente. A partida dele me daria a chance de conquistar coisas importantes.

Sylvio era as mãos que eu não tinha mais. Ele me vestia e colocava minhas próteses toda manhã, e as retirava toda noite. Ele me ajudava a ir ao banheiro, me barbear e tomar banho. Se eu estivesse descendo uma rampa íngreme, ele estaria na minha frente para me segurar em caso de uma queda. Ele afivelava meu cinto de segurança no carro, abria garrafas de água, fazia uma longa lista de tarefas para mim.

Não conseguia imaginar a vida sem a ajuda dele. Allison refutava cada argumento que eu encontrava para contratar alguém. Ela poderia colocar meus braços e pernas, e eu poderia tirá-los. Uma vez com eles, ela me ajudaria com o que pudesse. Não queria desapontá-la e concordei, relutante, em tentar por algumas semanas.

Havia coisas que eu me recusava em pedir ajuda à Allison, e essas foram as primeiras que comecei a realizar por conta própria. Depois de ir ao banheiro sozinho pela primeira vez, descobri que não era nada difícil.

Quando acertei a posição dos ganchos, fazer a barba também passou a ser moleza. Muitas dessas pequenas tarefas que eu nunca tinha pensado em tentar fazer sozinho provaram-se mais simples do que eu temia. Sentia-me ótimo com o salto de independência alcançado em tão pouco tempo, sobretudo porque imaginava que só conseguiria essa autonomia depois de anos.

Surpreendentemente, colocar o cinto de segurança era uma das coisas mais difíceis. Mas tratei isso da mesma forma que outras coisas que eu estava tentando pela primeira vez. Dividi meu objetivo de ser independente em várias pequenas etapas que poderiam ser realizadas mais facilmente.

Assim, cada pequeno estágio de aprendizado era uma pequena vitória no

longo caminho em direção à independência. Além disso, se eu não conseguisse fazer algo direito logo de cara, essa pequena decepção não se tornava algo que me desencorajasse a ponto de me fazer desistir. Esse pensamento analítico, destrinchando um grande problema em pequenos, possibilitava-me enxergar exatamente em que parte do processo eu estava errando, e dali buscar alternativas.

Credito meu sucesso como amputado a esse modo de pensar. Não acho que chegaria onde estou se tivesse tentado ficar independente de uma só vez — assim como reaprender a andar foi um processo composto de diversas pequenas etapas de evolução. Em vez de atacar o problema de uma só vez, dominei pequenas partes dele por vez.

***

Certo dia, me debati durante dez minutos para colocar o cinto em um carro quente. Acredito que muitas pessoas se frustrariam e desistiriam depois de um ou dois minutos, mas eu continuei tentando. Com o suor pingando no rosto, deixei de me sentir apenas frustrado e fiquei furioso. Meus movimentos controlados se tornavam desesperados enquanto eu pensava como essa tarefa seria tão mais fácil se eu tivesse ao menos um cotovelo.

Minha luta culminou com um sonoro grito de derrota. Olhei para Allison e lhe pedi que o colocasse para mim; não era a hora certa de tentar aprender aquilo.

Ela me ajudou, e seguimos nosso caminho. Assim que o ar-condicionado esfriou o carro, fiquei mais calmo. Sabia que o cinto de segurança era algo banal, mas ele estava imbuído de toda uma simbologia. Eu era o passageiro, mas queria ser o motorista. Queria poder decidir ir a algum lugar e simplesmente seguir em frente. Não teria de pedir a Allison para ir à loja de eletrônicos comigo; poderia simplesmente entrar no carro e ir. Para que um dia pudesse chegar a ser um motorista, antes teria de aprender a colocar o cinto.

“Dividi meu objetivo de ser independente em várias pequenas etapas que poderiam ser realizadas mais facilmente.

Assim,
cada
pequeno
estágio
de
aprendizado era uma pequena vitória no longo caminho em direção à

independência. Além disso, se eu não conseguisse fazer algo direito logo de cara, uma pequena decepção não se tornava algo que me desencorajasse a ponto de me fazer desistir. Esse pensamento analítico, destrinchando um grande problema em pequenos, possibilitava-me enxergar exatamente em que parte do processo eu estava errando, e dali buscar alternativas."

Alguns dias depois, sentei-me no carro. Com um bom ânimo, tentei mais uma vez afivelar o cinto. Comecei usando a mesma técnica de antes, até que eu percebi que o modo de colocar o cinto como se tivesse mãos não estava dando mais certo. Com isso em mente, peguei-o com o gancho opositor em vez da articulação travada da prótese. Depois de alguns puxões, encontrei o ângulo perfeito e, um minuto depois, ouvi um muito bem-vindo e familiar clique do cinto travado.

Depois disso, a tarefa se tornou mais fácil. Memorizadas todas as posições do braço, era capaz de colocar o cinto tão rápido quanto eu fazia antes da amputação. Tudo transcorria sem problemas e a ideia de contratar uma nova pessoa para me ajudar desapareceu por completo.

***

Era o fim de março de 2012, meu terceiro mês na Flórida. Allison e eu estávamos mais felizes que nunca, e eu estava revigorado por tudo o que tinha conquistado, tanto pessoalmente quanto na universidade. Era hora de dar um passo ainda maior: tentar tirar a carteira de motorista. No dia 22, passei tanto no exame escrito quanto no prático — na primeira tentativa.

A parte incrível é que eu passei usando o Jeep da Allison. Na Hanger, muitos dos amputados bilaterais acima do joelho dirigiam veículos não adaptados às suas próteses, mas nenhum amputado quadrilateral com amputações acima das articulações tinha conseguido aquilo. Muitas pessoas eram contra a ideia de eu dirigir um carro normal, especialmente as pessoas do departamento de trânsito, que me criticaram falando das possíveis consequências dessa "ideia estúpida". Mas eu estava obstinado a fazer dar certo a todo custo.

Era crucial para mim passar no exame em um carro não adaptado. Eu vivia sem adaptações em todas as outras áreas da minha vida e não queria abrir exceção para dirigir. Não queria a limitação de dirigir apenas veículos adaptados. Tudo o que preciso de diferente é anexar um pequeno anel portátil ao volante, no qual seguro um dos ganchos. Uso as coxas para controlar a pressão dos pés protéticos sobre os pedais. Aprendi a sentir a resposta do carro.

Voltar a sentir no corpo o carro mudando de velocidade enquanto dirigia

tinha o sabor da liberdade. De repente já estava encarando o mesmo trânsito que as pessoas normais.

22. Viver é superar Passar na avaliação de direção me mostrou, uma vez mais, que eu tinha todas as ferramentas para viver uma vida normal; a única coisa que me detinha eram as limitações que minha cabeça havia criado. Ao aceitá-las e decidir encará-las, tudo estaria ao meu alcance.

Eu estava especialmente ansioso para contar a notícia aos meus amigos da Hanger. Uma reunião com o pessoal aconteceria em algumas semanas. Ia rever muitos amputados que já haviam treinado lá e conhecer alguns novatos. A camaradagem nesse evento era insuperável. Vinham pessoas de muitos lugares dos Estados Unidos e de fora, como Itália, Polônia, Reino Unido e México.

Desde que fui pela primeira vez, todos os anos conto os dias para o evento. Lá reencontro alguns dos meus melhores amigos, e também tenho a oportunidade de conhecer pessoas novas. Eu me lembro de todas as dúvidas que tive no início e me alegro muito em poder hoje contribuir levando algumas respostas. Uma das coisas mais recompensadoras que faço hoje em dia é atuar como mentor de amputados — em 2014, como "veterano" da Hanger, pude atuar pela primeira vez como mentor dentro do evento. Amo ver as expressões nos rostos deles ao perceberem que não precisam abrir mão de seus sonhos. Foi o que aconteceu comigo, e é belo esse ciclo de trocas, o novato de um dia se torna o instrutor amanhã.

"Passar na avaliação de direção me mostrou, uma vez mais, que eu tinha todas as ferramentas para viver uma vida normal; a única coisa que me detinha eram as limitações que minha cabeça havia criado. Ao aceitá-las e decidir encará-las, tudo estaria ao meu alcance."

As conquistas de Brad me inspiraram, principalmente porque com elas pude ter a prova concreta de que meus conselhos tiveram papel fundamental no seu sucesso. É impossível contar o número de amputados que conheci depois de Brad. Uma jovem amputada bilateral da Irlanda, um adolescente amputado quadrilateral de Londres, amputados do Brasil, todos pacientes bilaterais acima do joelho que encontrei em eventos na Hanger: são incontáveis as pessoas e seus tipos de amputações.

De todas as pessoas para as quais servi de modelo, uma em especial me deu consciência da importância de usar minha história para ajudar os outros: Robson.

Ele me foi apresentado pelo Ian em 2011. Eu usava stubbies e aguardava o momento de voltar à Hanger para conseguir minhas C-Legs. Robson morava no mesmo município da Grande São Paulo que eu, Santana do Parnaíba. Ele, sua esposa e três filhos dividiam um espaço apertado em um típico barraco de favela brasileiro. Lençóis separavam a cozinha do quarto e não havia sala ou área para as crianças brincarem. Ele contraiu leptospirose enquanto consertava um tubo de esgoto danificado na frente do barraco e, depois de ter sido mandado para casa com o diagnóstico de que estava apenas com "uma gripe", acabou com uma meningococcemia, assim como eu. Robson perdeu os membros abaixo dos joelhos e cotovelos.

Uma semana depois de Ian me contar isso, decidi ir com meu pai até a casa dele para visitá-lo. Sua casa ficava em um morro íngreme, e as ruas de acesso eram estreitas e estavam em péssimas condições. Chegamos lá na hora do almoço. Robson nos recebeu com um enorme sorriso e logo que entrei no barraco, a sua família veio nos cumprimentar. "Robinho", como ele é conhecido na área, usava um par de sandálias cortadas amarradas em volta dos joelhos. Ele me disse que ele e a família estavam passando por momentos difíceis, e não havia nenhum sinal de que as coisas pudessem melhorar. "Eu não sou um homem instruído, e minha força corporal era tudo o que eu tinha para colocar comida na mesa da minha família." Depois de uma hora de conversa e encorajamento, meu pai e eu saímos com o coração partido, mas deixamos a família animada ao ver em mim o que era possível para um amputado quadrilateral.

Dias depois, a preocupação com Robson permanecia em nossas cabeças: o que poderíamos fazer para ajudar esse homem e sua família? Meu pai teve uma ideia: "Por que não abrimos uma conta em nome dele e pedimos doações para que ele possa comprar suas próteses?" Liguei para o Ian no dia seguinte e perguntei se ele estava interessado em se envolver nesse projeto. Ele imediatamente ofereceu os serviços do Centro Marian Weiss e disse que não cobraria nada além dos custos com o pessoal. Meu pai enviou e-mails em busca de apoiadores. Em alguns meses, coletamos o suficiente para um par de braços mecânicos e um par de próteses de pernas.

Nunca esquecerei o dia em que contamos ao Robson e à sua família que havíamos coletado esse dinheiro. Poucos meses depois, Robson estava andando e havia se tornado independente com os membros artificiais.

Como suas amputações eram abaixo dos joelhos e abaixo dos cotovelos, ele pôde ir além: com a ajuda do meu amigo Paulo de Almeida, um corredor

amputado abaixo do joelho, Robson começou a treinar corrida com um antigo par de próteses *cheetah*! Em novembro do mesmo ano, viajamos juntos para Nova York para presenciar uma façanha: Robson correu a maratona de Nova York em menos de sete horas! Ele mostrou ao mundo seu espírito de superação.

Minha vida como amputado quadrilateral é difícil, mas recompensadora.

O destino me tornou um exemplo para outros — amputados ou não. Cada um sabe a cruz que carrega, e fico emocionado com a inspiração que sou capaz de transmitir. Robson e os outros me ensinaram que é meu dever ajudar a quantos amputados for possível, melhorar a qualidade de vida deles.

***

Há um garoto de Oklahoma que é tanto uma inspiração para mim quanto eu sou um mentor para ele. Apesar de seus oito anos, ele já provou ter um coração de ouro e uma determinação inabalável. Ele perdeu os quatro membros acima dos cotovelos e joelhos devido à meningite. Como eu, chegou espantosamente perto da morte, mas conseguiu sair dessa. Dois de seus colegas de classe não tiveram a mesma sorte e infelizmente sucumbiram devido à doença. Esse garoto é a pessoa mais determinada que conheço. Ele foi a principal razão pela qual eu fui a Oklahoma em abril de 2012. Seu progresso me impressiona.

Giuseppe, o ítalo-canadense, também esteve presente e emprestou-me suas pernas de corrida. Eu não corria desde o dia em que abandonei a corrida de cem metros, mas estava animado para tentar de novo.

Dessa vez, voei para cima e para baixo no corredor com meus colegas me apoiando. Isso me deu muita motivação para tentar correr em um evento oficial novamente. O momento não poderia ter sido mais propício: em algumas semanas, viajaria para a Califórnia para participar do meu primeiro triatlo.

Fábio, um amigo que contribui com uma fundação chamada PossAbilities, me perguntou se eu queria fazer parte de um triatlo beneficente para pessoas com deficiências. Ele me disse que eu poderia participar na parte da corrida, e concordei sem pensar muito, porque sabia que, quanto mais perdesse tempo considerando a questão, menos provável seria eu aceitar. Depois de dizer sim, fiquei ressabiado com a ideia de correr cinco quilômetros.

O que me convenceu, foi lembrar como eu havia me sentido mal depois de recusar a oportunidade de correr em Oklahoma, um ano antes. Aquele dia estava entalado na minha garganta e eu precisava de uma oportunidade de me redimir. O PossAbilities Triatlhon de 2012 parecia ser a ocasião perfeita.

Senti que eu tinha crescido significativamente naquele ano, tanto física quanto mentalmente, mas temia que ainda não fosse suficiente. Convenci

Giuseppe, que sempre foi um grande incentivador, a competir comigo, para que eu tivesse um colega amputado ao meu lado. Tive o prazer de correr também ao lado de outros grandes amigos meus: além disso, o Fábio, o Paulo e o Robson estavam lá. Convidei também o Rodrigo, um dos meus melhores amigos brasileiros que estava vivendo na Califórnia e de quem havia sido padrinho de casamento. E, claro, tinha a Allison ao meu lado.

Giuseppe novamente me deixou usar suas pernas de corrida e fez o percurso inteiro em suas C-Legs.

Tentei localizar mentalmente em que ponto da recuperação eu me encontrava, um ano antes. Àquela altura, eu tinha acabado de conhecer a Allison em Sarasota e estava nervoso com a expectativa de ter de atravessar a igreja no casamento do Lucas. Também me lembrei das inúmeras vezes que as pessoas haviam dito à minha família e a mim memso que eu dificilmente conseguiria caminhar sem me exaurir em poucos metros e depender de uma cadeira de rodas. E ali estava eu, fazendo algo que mesmo as previsões mais otimistas julgavam inviável. Era 30 de abril, aniversário de vinte anos da Allison, e ela disse que tudo o que queria como presente de aniversário era cruzar a linha de chegada comigo.

Por ela, me pus de pé na linha de partida, em meio à multidão de atletas.

Assim que o sol iluminou a estrada à nossa frente, ouvi o disparo de revólver que indicava a largada.

Depois de alguns minutos, ainda era possível ver o ponto de largada.

Diminui o ritmo para recuperar o fôlego e meu grupo de sete permaneceu comigo, incentivando-me. Meu coração batia forte, minhas pernas latejavam e eu mal tinha começado a corrida. Olhei para a estrada íngreme e sinuosa à minha frente, e então olhei de volta para o meu ponto de partida.

“Tentei localizar mentalmente em que ponto da recuperação eu me encontrava, um ano antes. Àquela altura, eu tinha acabado de conhecer a Allison em Sarasota e estava nervoso com a expectativa de ter de atravessar a igreja no casamento do Lucas. Também me lembrei das inúmeras vezes que as pessoas haviam dito à minha família e a mim memso que eu dificilmente conseguiria caminhar sem me exaurir em poucos metros e depender de uma cadeira de rodas. E ali estava eu, fazendo algo que mesmo as previsões mais otimistas julgavam inviável.”

Percebi como a corrida seria dura e olhei para as pessoas que me cercavam.

Elas estavam todas sorrindo e conversando. Giuseppe falava alto, como de costume, fazendo todos rirem. Eu já sabia como era desistir de uma corrida, mas queria muito saber como era cruzar a linha de chegada.

Não queria decepcioná-los. Não queria me decepcionar. E, embora já tivesse comprado um presente de aniversário para a Allison, sabia da seriedade de suas palavras ao dizer que seu maior presente seria eu terminar a corrida. Ela sempre soube como me tirar da minha zona de conforto para que eu alcançasse algo novo.

Continuamos seguindo na infinita estrada sinuosa. Escalei a contragosto as íngremes subidas e precisei usar a mesma quantidade de força muscular para me controlar colinas abaixo. Toda vez que vislumbrava o fim de um trecho da estrada, ficava animado, até virarmos a esquina e darmos de cara com um novo trecho a ser percorrido.

Nosso grupo recebeu um inesperado apoio das pessoas que passavam por nós. A maioria dos corredores que passavam batia palmas, incentivando-nos. Eu podia ver que eles estavam suando e lutando também, mas perdiam tempo para nos dar ao menos uma pequena motivação, que sempre fazia uma grande diferença.

Enquanto seguíamos, os caminhos ficavam mais curtos e lisos, mas eu estava tão exausto que mal sentia a diferença. Fui obrigado a parar para tirar as minhas pernas e colocá-las de novo porque havia tanto suor acumulado nos meus soquetes que eles estavam deslizando. Usei o tempo para me reidratar enquanto meu grupo tentava me manter animado.

Quando finalmente chegamos à curva no ponto que marcava a metade do caminho, comemorei! Sabia que eu teria de dar meia volta para retornar pelo mesmo caminho, mas agora só faltava a metade. O caminho de volta foi tão difícil quanto o de ida, e estava se tornando ainda mais doloroso.

Estava feliz por saber que ia em direção da linha de chegada, mas não podia imaginar a possibilidade de fazer de fato o caminho inteiro de volta.

Agora que eu sabia como o percurso era longo e traiçoeiro, estava preparado para um fim de corrida terrível.

Finalmente, chegamos à parte acidentada, o que significava que estávamos quase lá. Era também a parte mais complicada de todo o percurso. Eu me esforcei tanto que não sentia mais as pernas. Tinha a sensação de que ia desmaiar a qualquer momento, e meus músculos estavam dormentes. A reta final era uma ladeira tênue e constante, seguida por uma queda acentuada. Usei cada gota de energia que me restava para chegar ao topo da colina e, quando olhei para baixo,

do outro lado, eu me senti derrotado.

Fiquei no cume por um tempo, a Allison ao meu lado e os outros por perto. Descansei os cotovelos nas mãos dela e deixei todo o meu peso cair sobre ela, conseguindo assim algum alívio momentâneo. Inesperadamente, senti meus olhos lacrimejarem e uma lágrima rolou pelo meu rosto. Eu não estava triste ou chateado, mas exausto a ponto de me sentir desesperado.

Eu simplesmente não tinha mais força.

Eu já estava sentindo a derrota que tanto queria evitar quando Allison me disse para pensar em como eu tinha ido longe e encontrado as pessoas certas para me fazer andar de novo, e no número de vezes que me haviam dito que não era possível. No máximo, diziam que eu poderia dar dez passos, mas nunca mais que isso. Então, ela me disse para olhar para tudo o que eu tinha conquistado naquele dia. Quase havia completado os cinco quilômetros quando muitos nem mesmo acreditavam que poderia dar mais que alguns poucos passos. Tudo o que precisava fazer agora era descer a colina e virar a esquina para chegar à reta final. Decidi que iria até o fim porque essa seria uma marca que ninguém poderia tirar de mim.

“Eu já estava sentindo a derrota que tanto queria evitar quando Allison fez uma observação. Ela me disse para pensar em como eu tinha ido longe e encontrado as pessoas certas para me fazer andar de novo, e no número de vezes que me haviam dito que não era possível. No máximo, diziam que eu poderia dar dez passos, mas nunca mais que isso. Então, ela me disse para olhar para tudo o que eu tinha conquistado naquele dia. Quase havia completado os cinco quilômetros quando muitos nem mesmo acreditavam que poderia dar mais que alguns poucos passos.”

Com Allison segurando um braço e meu amigo Fábio segurando o outro, descemos a colina. Contornamos a esquina, minhas pernas implorando por descanso. Quando comecei a duvidar novamente que eu conseguiria terminar, ouvi um canto desafinado e estridente, num sotaque italiano, cantando Moves Like Jagger, do Maroon 5. Era um cara usando fones de ouvido, dando alguns passos de dança bizarros. Todos começamos a rir da performance, o que nos distraiu. Quando voltei a prestar atenção na corrida, vi a linha de chegada na minha frente!

O grupo inteiro cruzou a linha de chegada comigo, e com grande animação. Eu me sentia incrível por ter conseguido essa enorme façanha, mas realmente

não a teria conseguido sem aquele grupo. Eles esperaram pacientemente por mim, mesmo podendo correr mais rápido — em vez de me deixarem para trás, ficaram do meu lado e me encorajaram a continuar.

E o melhor de tudo — eu podia ver a felicidade genuína no rosto de Allison, e nada me fazia mais feliz do que vê-la sorrir. Eu me deitei no asfalto quente, que parecia como uma cama macia para mim. A exaustão era meu prêmio, e eu não podia ter ficado mais feliz.

23. De volta ao Brasil

Começo de maio, e o aniversário de sessenta anos da minha mãe estava chegando. Ela estava planejando uma festa com muitos amigos da família.

Nunca tinha estado fora de casa por tanto tempo e eu mal podia esperar para ver todo o mundo de novo. Além dos meus pais, Allison ainda não conhecia minha família, então imaginei que essa festa seria a oportunidade perfeita para apresentá-la. Foi muito bom estar de volta à minha terra natal com Allison.

Ela já sabia das nossas tradições e cultura, mas agora podia ver a casa da minha infância pessoalmente. Alguns dias depois, ela experimentou seu primeiro churrasco e se apaixonou pelo jeito brasileiro de preparar a comida. Eu sorri quando ela disse que nós, brasileiros, temos um Dia de Ação de Graças todo fim de semana. Fiquei muito feliz de vê-la aproveitando tanto o meu país e sentindo-se tão à vontade com a minha família. Na festa de aniversário, minha namorada americana parecia ser uma das atrações principais. Depois de tudo o que passei, todos tinham um interesse grande em saber da minha vida e das novidades, então naturalmente eles mal podiam esperar para conhecer a garota que eu estava namorando. Foi uma noite maravilhosa, cheia de dança, cantoria e comida.

***

Quando relembro essa noite, não penso em momentos específicos, mas num sentimento, numa atmosfera. Havia um certo estado de felicidade contagiante naquela noite. Estava cercado por um mar de sorrisos, o sorriso de uma pessoa se transformando no sorriso da outra. Estava cercado pelas pessoas que eu mais amava no mundo. Não faltava nada naquela noite, e, encerrando-a com o “Parabéns pra você” para a minha mãe, sentime plenamente alegre e grato por estar vivo.

Passeamos por São Paulo e desfrutamos a companhia da minha família.

Fui ao shopping em Alphaville com Allison e minha mãe pela primeira vez desde minhas amputações. Já não me intimidava mais pela ideia de sair pela cidade ou encontrar pessoas conhecidas.

Allison e eu emendamos São Paulo com uma curta viagem a Buenos Aires. Era a primeira vez que fazíamos algum tipo de viagem por prazer.

Tínhamos estado juntos em muitas viagens, mas sempre para visitar familiares ou para algum evento. Agora, tínhamos alguns dias para planejar nossa própria agenda e relaxar, sem compromissos.

Fomos durante o inverno, então uma das nossas coisas favoritas era sentar na calçada e tomar café com leite. Foi uma viagem ótima, cheia de momentos perfeitos que ficarão guardados para sempre dentro de mim.

Quando voltamos para a Flórida, o calor do verão do hemisfério norte nos fez sentir em um planeta diferente, oposto ao clima frio da Argentina.

St. Petersburg, para todos os efeitos, estava se tornando o meu novo lar.

O verão chegou ao fim, as aulas recomeçaram. Allison e eu não fizemos nenhuma viagem durante aquele semestre, mas já estávamos planejando as festas de fim de ano.

***

Como o Daniel tinha se mudado para Barcelona para fazer seu MBA alguns meses antes, minha família decidiu que iríamos passar pelo menos uma parte dos feriados com ele e sua esposa na Europa. Depois de muitas idas e vindas, foi decidido que eu iria para Ohio com Allison no Natal e meus pais ficariam no Brasil com Lucas. Alguns dias depois, todos nos encontraríamos em Barcelona para o ano-novo. Até Marcelo e sua futura noiva decidiram se juntar a nós.

Em Ohio, o irmão dela estava nos esperando quando saímos do aeroporto, o cortante vento de inverno batendo no meu rosto. Corremos para dentro do carro aquecido e dirigimos até sua exótica e histórica cidade natal. Eu já havia ido lá algumas vezes antes com Allison e Brad, mas era uma sensação completamente diferente nessa época do ano. Todos os pinheiros estavam iluminados e seus galhos cobertos de um pouquinho de neve.

Havia visto neve algumas vezes, na adolescência, quando fui esquiar.

Sempre me encantei com a paisagem branca e reluzente. Gostava do calor aconchegante das lareiras e admirava as decorações de Natal que pareciam enfeitar todas as casas na cidade. Durante as semanas que estivemos em Ohio, todo dia era calmo e cheio de paz. Passávamos as manhãs em frente à lareira e as tardes conversando. Houve muitas risadas dessa vez, mas havia novos obstáculos para mim.

Ao longo de todo o tempo que havia passado em regiões com neve antes de ir para Ohio, nunca havia dirigido durante uma nevasca. Era assustador olhar para a janela e ver folhas ofuscantes de pontos brancos caindo em todas as direções. As estradas estavam cobertas por um branco sujo, e eu podia sentir os pneus perdendo tração quando fazíamos curvas.

As coisas eram difíceis também depois que estacionávamos o carro, porque isso significava que eu precisava caminhar por aqueles montes de neve com minhas C-Legs. Brad era esperto o suficiente para saber que ele tinha de usar

stubbies sempre que planejasse atravessar um estacionamento recém-revestido de neve, e eu aprendi essa lição por experiência própria.

Uma vez, o sol estava se pondo e estávamos no meio de uma nevasca.

Allison e eu estacionamos e tivemos de andar pelo estacionamento e ao longo de um meio-fio. Entretanto, a neve estava tão funda que eu não conseguia ver onde o estacionamento terminava e a calçada começava.

Tentei medir onde o meio-fio estaria e errei, pisando em alguns metros de neve e caindo sobre minhas próteses de joelho. Tentei me apoiar nos meus ganchos para me levantar, mas eles escorregaram para baixo de mim.

Allison estava assistindo ao show e rindo, e logo eu também estava gargalhando com ela. Ela se abaixou para tentar me ajudar. Nós dois lutamos para nos estabilizarmos sobre o monte de neve, escorregando e rindo, até que finalmente ficamos de pé. Estávamos completamente molhados quando conseguimos entrar, mas pelo menos não estávamos mais debaixo da tempestade.

Eu me sentia bem na casa da família da Allison. Claro, não era a primeira vez que a encontrava, mas estar lá nessa época do ano era bem diferente.

Natal é uma época tão íntima, reservada, apenas para os familiares e amigos mais próximos. Eles me incluíram como se eu já fosse da família, o que gerava uma sensação ótima. Mas isso me fez sentir ainda mais falta da minha família, já que aquele era o primeiro Natal que eu passava longe deles. Eu estava muito animado para vê-los poucos dias mais tarde e ter a chance de conhecer um novo lugar na Europa.

Alguns dias depois do Natal, Allison e eu nos despedimos da família dela e embarcamos para Barcelona. Da sacada do apartamento que minha família alugou, víamos o mar Mediterrâneo à nossa esquerda, além do que parecia ser Barcelona inteira à nossa frente e as montanhas à nossa direita.

Era uma vista incrível, que ficava ainda melhor de manhã, com o sol cobrindo a paisagem com os seus raios.

A energia na cidade era indescritível! As calçadas eram enormes e movimentadas, repletas de moradores amistosos e turistas. Sentamos em volta de uma mesa, na calçada, com a exuberante visão da Sagrada Família, e pedimos alguns pratos leves, olhando os transeuntes e curtindo a companhia uns dos outros. Como sempre, era ótimo ver a minha família, mas era ainda mais incrível estar em um lugar tão encantador. Ajudava o fato de que Daniel e Camila conheciam todos os bons lugares para comer que não eram apinhados de turistas. Tivemos a sorte de ter uma visão única da cidade através dos olhos de moradores

locais.

Decidimos celebrar o ano-novo em um jantar com meus pais, meus irmãos e meu primo Marcelo e a namorada Lu, que chegaram alguns dias depois. Daniel convidou alguns colegas de classe também. Foi uma noite agradabilíssima — tão encantadora que quase perdemos a virada!

Reunidos na varanda, tremendo sob o frio da noite do inverno europeu, celebramos a chegada de 2013. Eu tinha tanto para agradecer depois de um 2012 cheio de mudanças! Lembrei que tinha chegado tão longe e olhei em volta, para as pessoas que tinham tornado aquilo possível para mim. Ao olhar para o que tinha acontecido no ano anterior, não fazia ideia de como 2013 seria igualmente frutífero para o meu progresso.

***

Antes de ir para Barcelona, eu estava preocupado com a acessibilidade.

Sabia que essa era uma cidade com um centro histórico medieval, que poderia ter calçadas de paralelepípedos e escadas desgastadas em todos os lugares para onde fosse. Não queria atrasar um grupo de dez pessoas ou impedi-los de visitar os pontos turísticos, mas, ao mesmo tempo, não estava certo quanto à viabilidade de fazer tudo isso com minhas C-Legs.

Eu tinha praticado com Allison em Buenos Aires, mas aquilo não era nada, se comparado com os terrenos acidentados que eu enfrentaria em Barcelona e nas cidades vizinhas. No entanto, fiquei surpreso ao ver que, embora raramente estivéssemos em lugares que tinham acessibilidade, eu nunca ficava para trás. Para todo lugar que eu quisesse ir, simplesmente ia.

Mesmo que não pudesse encarar as escadas de uma forma normal, sempre achava um jeito de subi-las sem ajuda. Cada obstáculo superado sem auxílio dos outros me deixava mais contente.

Tudo mudou para melhor quando coloquei na minha mente que eu não precisava andar e me mover da mesma forma que as pessoas com braços ou pernas. Por mais óbvia que essa noção possa me parecer agora, foi uma grande descoberta reconhecer que eu era diferente de todo o mundo, e simplesmente fazia sentido que fizesse as coisas de um jeito distinto.

Dessa forma, parecia não haver nenhum obstáculo que pudesse me reter.

Nenhuma rampa encurvada, nenhuma escada deteriorada e nenhuma calçada com algumas centenas de anos poderiam me impedir. Minha família e eu andávamos por todos os lugares de Barcelona o dia inteiro, e nenhum de nós pensava em mim como um cara deficiente que estava atrasando a viagem. Curtimos Barcelona ao máximo, o que foi uma façanha incrível para mim.

Parecia uma coisa tão simples, mas poder aproveitar minha família e a viagem sem ser o centro das atenções e das preocupações era libertador.

Esse foi um novo jeito de pensar que só ganhou forma depois de eu ter experimentado enormes abismos e montanhas de emoções durante o período em que estive hospitalizado e em toda a subsequente recuperação, o que me permitiu expandir muito minha apreciação pela vida. Antes, eu ficava alegre com coisas triviais; agora percebo como a família e o tempo são importantes. O fato de não ter os membros de repente se tornou apenas um mero detalhe, que não me impedia de aproveitar a vida.

Senti o mais completo contentamento sentado do lado de fora, em uma mesa cheia de tapas, o que apenas contribui para a mística de se sentar a uma mesa e se revezar pequenas porções de diferentes pratos. De alguma maneira, as comidas comunais tornam o momento da refeição mais emotivo, já que estamos ligados por nossa alimentação. Do que mais você precisa?

"Tudo mudou para melhor quando coloquei na minha mente que eu não precisava andar e me mover da mesma forma que as pessoas com braços ou pernas.

Por mais óbvia que essa noção possa me parecer agora, foi uma grande descoberta reconhecer que eu era diferente de todo o mundo, e simplesmente fazia sentido que fizesse as coisas de um jeito distinto."

***

Nada supera a sensação que experimento ao me sentar ao ar livre em um lugar bonito. Naquele momento, pessoas que são e permanecerão estranhas, permitindo uma sensação confortável de anonimato, me cercam.

Eu estou livre para olhar em volta a beleza tridimensional que me cerca como uma cúpula. Passei a reconhecer e apreciar esse momento, uma vez que ele não pode ser reproduzido pela memória ou fotografia. É um momento de passagem, que só pode ser experimentado na carne, e permanecerá como uma réplica inadequada em minha mente, acompanhado pelo tom familiar da nostalgia. Isso o torna ainda mais especial.

São momentos como esses, passados com aqueles que amamos, que me fazem tão agradecido por estar vivo. Não posso imaginar perder essas experiências indescritivelmente perfeitas.

Perder os membros significa que há muitas coisas que nunca mais poderei fazer, como tocar violão, que costumava ser o meu hobby preferido. Entretanto, em vez de focar naquilo que perdi, tento mergulhar em atividades que ainda

posso aproveitar. Descobri que gastronomia é um substituto delicioso.

Passei a reconhecer e apreciar esse momento, uma vez que ele não pode ser reproduzido pela memória ou fotografia. É um momento de passagem, que só pode ser experimentado na carne, e permanecerá como uma réplica inadequada em minha mente, acompanhado pelo tom familiar da nostalgia. Isso o torna ainda mais especial.

São momentos como esses, passados com aqueles que amamos, que me fazem tão agradecido por estar vivo."

Uma vez mais, Allison e eu embarcamos no avião e voltamos para a Flórida. Apesar de estarmos os dois tristes de partir e deixar minha família para trás, nossas mentes estavam focadas no que viria pela frente. Eu estava dando mais palestras recentemente e estava aguardando ansiosamente uma em particular, que seria realizada no Brasil, no início de março.

Há algum tempo eu vinha estudando vídeos do TED, conjunto global de conferências organizadas pela Sapling Foundation, cujo foco é Tecnologia, Entretenimento e Design (TED). Estava fascinado com a qualidade das palestras. O slogan deles é "Ideas worth spreading" (Ideias que merecem ser espalhadas) — simples e amplo, permitindo infinitas possibilidades para palestras.

"Perder os membros significa que há muitas coisas que nunca mais poderei fazer, como tocar violão, que costumava ser o meu hobby preferido. Entretanto, em vez de focar naquilo que perdi, tento mergulhar em atividades que ainda posso aproveitar."

Acho que é o sonho de qualquer palestrante ser convidado para o palco de algum evento do TED. Quando recebi o convite para participar do TEDxUFPR — evento do TED organizado pela Universidade Federal do Paraná —, fiquei muitíssimo empolgado. O convite fora feito por Marina Macuco, estudante da UFPR e organizadora do evento, que chegou a mim por meio de uma amiga em comum. Seria a primeira vez que pisaria no palco de um evento daquele calibre, onde teria minha palestra transmitida mundialmente.

24. A prova final

A parte mais desafiadora de uma palestra em um evento do TED é o limite rígido de 18 minutos. Costumo dar palestras de cerca de quarenta minutos, e cortá-las em mais da metade seria difícil. Minha jornada é marcada por diversos episódios, então, refletir sobre todo o processo em vez de espremer as histórias naquele curto espaço de tempo me pareceu a melhor opção. Enquanto pensava no que dizer, o tempo voava. Antes que pudesse perceber, Allison e eu estávamos embarcando para o Brasil.

Aterrissamos em São Paulo e partimos para Curitiba de carro. Lucas dirigia, levando Juliana, Allison e eu — optamos por seguir ao longo da costa, uma agradável viagem de cinco horas.

Na manhã seguinte, fiz questão de acordar cedo para ter tempo de ensaiar no auditório. O evento aconteceria algumas horas mais tarde, e a equipe ainda trabalhava nos últimos detalhes do palco. Lucas parecia mais nervoso que eu.

Em um piscar de olhos já era hora de ir para os bastidores e aguardar a minha vez. Era minha primeira palestra transmitida ao vivo, e eu não estava mais nervoso. Assim que chegou a minha vez, disseram-me que o controle remoto para mudar os slides estava quebrado. Não me abalei diante do nervosismo dos organizadores e fui recebido no palco com aplausos cordiais. Naquele instante, simplesmente esqueci do controle remoto e comecei a falar. Quando dei por mim, já era hora de sair do palco — sob uma salva de palmas.

Aliviado, voltei aos bastidores, onde conversei com os outros participantes, e logo Allison, Lucas e Juliana se juntaram a nós. Enquanto trocávamos impressões relaxadamente, notei que mais e mais pessoas vinham até mim, contando como meu discurso tinha sido impactante.

Isso me surpreendeu. Percebi que, não importava onde fosse, as pessoas sempre teriam curiosidade sobre mim. Algumas saem inspiradas, outras intrigadas com as tecnologias que uso, outras ainda com a minha trajetória.

Só umas poucas sentem pena. Acho que jamais me acostumarei com isso.

Sei que sou diferente e que minha história é tocante, mas ainda fico impressionado com a intensidade do impacto que provoco nas pessoas.

Depois de tanto tempo, estou tão acostumado com minhas amputações que já não enxergo mais o que os outros veem.

Foi muito encorajador o feedback que recebi depois do meu primeiro

discurso em um evento do TED, não apenas do público mas também dos organizadores e outros palestrantes. Naquele momento, me senti especialmente abençoado. Estava no meu país natal, com minha família e a Allison, enquanto realizava aquilo que pretendia seguir como carreira.

A imagem do Pedro que eu poderia ter sido se nunca tivesse contraído meningite passou pela minha mente. Essa versão alternativa de mim mesmo atravessava a faculdade, pouco entusiasmada, e conseguia um emprego burocrático em um escritório tão logo se formasse. Estava feliz pelo estranho caminho que a vida havia tomado, viajando pelo mundo para partilhar minhas experiências com diferentes públicos. E tendo a oportunidade de frequentar uma faculdade nos Estados Unidos graças aos esforços da minha família. Eu também estava namorando uma pessoa maravilhosa, que jamais teria a oportunidade de conhecer se não fosse por cauda das minhas amputações. Tive de passar por verdadeiras provações para chegar aqui, mas sem dúvida havia me tornado uma pessoa melhor.

***

Todos os anos, em abril, amputados da Hanger se reúnem em Oklahoma para um treinamento coletivo e para compartilhar vivências. Aguardo ansiosamente por essas ocasiões, quando passo tempo com outros amputados, pessoas que acabam tendo uma percepção da vida semelhante à minha. Apreciamos a vida e possuímos uma ligação estreita por causa das nossas experiências únicas. Trocamos conhecimentos sobre habilidades e dicas, nos exercitamos juntos e, sobretudo, desfrutamos da companhia uns dos outros.

Normalmente, a maior parte do grupo é composta por amputados bilaterais das pernas, sem nenhuma outra amputação, e de uns poucos amputados triplos — como Cameron e o pai de Allison. Nos meus dois primeiros anos, éramos dois amputados quadrilaterais — eu e um adolescente que também tinha sobrevivido à meningite. Em 2013, havia seis amputados quadrilaterais, dos quais dois soldados que perderam os membros em combate. Os dois tinham a minha idade, então suas lutas e prognósticos eram semelhantes. Um casado, e o outro tinha uma namorada como eu.

Allison e eu voamos novamente para Oklahoma bastante animados. Pela primeira vez, teríamos companheiros da nossa idade. Nunca tive uma boa base de comparação para o meu progresso até conhecer esses dois. Até vê-

los, eu não tinha ideia do que era possível e qual seria o cronograma ideal para a realização dos meus objetivos. Conhecer esses dois soldados mudou completamente a minha perspectiva.

Quando Allison e eu chegamos ao hotel onde o evento aconteceria, fomos informados de que esses dois soldados estavam no restaurante do hotel.

Antes de mais nada, fomos conhecer Taylor e sua namorada Danielle, e Travis e a esposa Kelsey. Daquele momento em diante, passamos a trocar informações constantemente. Era incrível ter um parâmetro de comparação com alguém da mesma idade, com as mesmas limitações (ou quase, já que ambos ainda possuíam os cotovelos).

Um dia, durante o evento, troquei ideias com o Taylor sobre o que ele fazia de forma independente e em que precisava da ajuda de Danielle. Ele contou que conseguia colocar seus braços e pernas protéticas sozinho. Era uma das minhas metas de longo prazo, mas não sabia quanto tempo levaria para conseguir. Havia tentado colocá-las sozinho algumas vezes, mas sempre acabava frustrado e com os pés tortos.

Sentados no chão, ele me mostrou o que funcionava para ele — um método completamente diferente do que eu havia tentado. Finalmente, pude acreditar que era possível ser totalmente independente. Eu mal podia esperar para voltar para a Flórida e transformar o fato de colocar as próteses de todos os dias em um hábito corriqueiro.

Nos dias seguintes tentei colocar as próteses sozinho, sem sucesso.

Reclamei com a Allison que não era prático fazer aquilo sozinho. Pus a culpa no fato de não ter cotovelos e coloquei em dúvida a meta de me tornar independente. Allison não me deixava desistir facilmente. Ela me lembrou que, em vez de me preocupar com o tempo que levaria até aprender a colocar as próteses sozinho, deveria aplicar minha filosofia de dividir a tarefa em pequenas etapas.

E assim fiz. Durante a primeira semana, colocava sozinho apenas as meias nos braços. Allison continuava enrolando os liners nas minhas pernas e colocando os braços e as pernas protéticas. Uma vez que eu já estava habituado a colocar as meias corretamente e sem ajuda, ela parou de colocar os liners nas minhas pernas. Na semana seguinte, ela passou a colocar somente as pernas. Não demorou muito e em poucas semanas já conseguia fazer tudo sozinho. Chegou um ponto em que, quando íamos sair, eu entrava no banho e saía, colocava s próteses e ainda precisava esperar que ela terminasse de se arrumar. Mulheres...!!

Isso me deu um ânimo renovado para ser mais ousado em atividades que nunca me havia atrevido a realizar. Aprendi a cozinhar. Não apenas isso.

Comecei a gostar de cozinhar. Seja apenas para mim, seja para um grupo de

amigos, adoro o trabalho de selecionar ingredientes e prepará-los para compor uma refeição. É muito gratificante saber que, mesmo sem mãos, ainda sou capaz de criar coisas que outros desfrutam.

***

Em setembro de 2013, passei pelo que considero meu teste final de independência. Fui convidado para dar uma curta palestra na abertura de uma conferência internacional de ortopedia e próteses, uma versão reduzida da que foi na Alemanha. Allison tinha aulas que não podia perder, então não tive escolha, a não ser dirigir sozinho os quase duzentos quilômetros até Orlando, na Flórida. Não apenas essa seria a maior distância que eu já havia dirigido como seria a primeira vez que eu ficaria fora de casa sem ninguém para me ajudar a desfazer as malas, carregar as pernas, telefonar ou lavar as minhas próteses. Embora já estivesse acostumado a executar essas tarefas, ter a presença de alguém por perto transmitia uma sensação de segurança.

Decidi me concentrar no que diria em vez de me preocupar com a logística da minha viagem. Antes que percebesse, chegou o dia de enfrentar esse desafio. Certifiquei-me de que minhas pernas estavam bem afixadas para fazer a viagem e entrei no carro. Uma vez na estrada, a distância pareceu se dissolver. Exceto leves dores no ombro, não tive nenhum contratempo. Pela primeira vez fiz o check-in no hotel sozinho e levei minha bagagem para o quarto. Deixei tudo pronto para o dia seguinte, e ainda tive tempo de assistir à vitória do meu Cruzeiro em mais um jogo da Copa do Brasil.

Após minha palestra, passei quase todo o tempo do evento conversando com profissionais da área de próteses, trocando ideias que me inspiravam ainda mais a continuar meu progresso. Dirigindo de volta a St. Petersburg, dei-me conta do que tinha conseguido: eu era um amputado quadrilateral independente.

Hoje moro sozinho e percebo que os temores de precisar de alguém por perto para me ajudar se baseavam mais em um medo de estar sozinho do que na real necessidade de alguém por perto para me ajudar.

Como todos, tenho vários medos. O ser humano é muito vulnerável.

Talvez o maior dos meus medos seja a solidão. Perder pessoas que eu amo e acabar sem ninguém. Apesar de não depender das pessoas que me são caras para as tarefas cotidianas, é importante saber que elas estão por perto — ou a um telefonema de distância. Se na parte física tenho autonomia, sempre continuarei precisando conversar com outras pessoas, compartilhar ideias, falar sobre minhas inseguranças e também servir de apoio e ombro amigo e dar conselhos aos outros.

Apesar de Allison e eu não estarmos mais juntos, sei que não há amor perdido. Hoje sou o resultado de tudo o que vivi. Temia não ser suficientemente independente para ela, tinha pavor de depender dela para tudo. Isso me fez buscar um nível de independência que a maioria julgava impossível. Ela também enxergou em mim um potencial que eu desconhecia. Ela esteve ao meu lado, estendendo a mão e dizendo: “Vamos conseguir, juntos”.

Não tenho medo do fracasso. Primeiro porque ele é subjetivo e, segundo, porque, entendendo o que é o fracasso, você sabe que ele é apenas um passo na direção do sucesso. Meu medo é não conseguir me desenvolver nessa área que acho tão importante: o relacionamento com outras pessoas.

Desde o dia em que perdi os membros até o dia em que completei essa viagem, passaram-se quatro anos. Certamente terei de enfrentar incontáveis desafios pelo resto da minha vida, mas posso enfrentá-los sabendo que me preparei para eles, podendo contar com o apoio das pessoas maravilhosas que me incentivaram e inspiraram a chegar até aqui.

Conclusão

Uma grande lição que sempre passo, nem sempre intencionalmente, é de colocar os problemas em perspectiva. Enquanto estou realizando tarefas simples de rotina, como ir à faculdade ou fazer compras no supermercado, pessoas vêm falar comigo. Dizem que ao ver como eu lido com as minhas limitações, elas passam a enxergar seus problemas de outra forma. Ouço isso diversas vezes por semana.

De modo algum quero passar uma ideia de que “seus problemas são menores, difícil é a minha vida”. Acredito que cada um sabe o tamanho dos seus problemas e as dificuldades pessoais que tem para enfrentá-los. A mensagem que gosto de passar é a de é possível fazer mais com mais. Se eu posso fazer tanto com tão pouco, você também pode fazer mais com o que tem.

É uma questão de reconhecer seus limites, o que é diferente de aceitá-los com resignação, ou desistir de tentar por achar que não vai dar conta.

Quando você não tenta, o impossível continua sendo inatingível. Como disse no começo, o fracasso é parte do processo de aprendizado; com ele você sabe o que não deve repetir no caminho em direção ao sucesso.

Hoje, posso afirmar que minha maior limitação é a minha mente. Foi um longo e árduo processo de aprendizado. Ou melhor: ainda é. Antes de começar o dia, preciso colocar minhas próteses sozinho para poder sair da cama e começar a realizar meus afazeres, além de constantemente ter de me adaptar a uma série

de incômodos que se apresentam — como encaixes de próteses que ficam frouxos conforme o meu peso varia; ferimentos causados pelo atrito das próteses contra a minha pele, e outros.

O importante é não desanimar, saber que todo esforço é necessário para atingir minhas metas de curto, médio e longo prazos. Sei que estou tendo uma segunda chance na vida, e não tenho tempo para remoer mágoas ou rancores quanto à minha condição. Olhar para a frente é necessário.

No curto prazo, quero concluir a faculdade. No médio e longo prazo, trabalho para criar um estilo de vida por meio do qual eu possa transmitir minhas experiências para outras pessoas e causar um impacto positivo em suas vidas. Também pretendo conhecer o maior número de lugares e culturas diferentes. E, se possível, unir o útil ao agradável: ajudar as pessoas e ter uma renda com isso, seja por meio de uma fundação para ajudar amputados de forma mais profissional, seja pelas palestras que já dou, ou com o treinamento de pessoas que perderam seus membros — e, por que não, combinando essas três funções?

Eu acredito que o nosso objetivo maior na vida é ser feliz. E hoje sei que minhas limitações físicas não representam uma barreira para isso. Minha busca pela felicidade não é uma briga com minhas amputações, mas, sim, uma batalha eterna com a minha cabeça e como ela interpreta essas limitações.

No começo, achei que eu não teria condições de colocar minhas próteses diariamente e dependeria de outras pessoas pelo resto da vida. Chegaram a me dizer que a minha autonomia seria decorrente da minha capacidade de dar ordens a outras pessoas, para que fizessem o que eu precisava. E

confesso que por um tempo resignei-me a essa ideia.

Mas decidi comprar uma briga e provar que, sim, eu era capaz de levar uma vida totalmente independente. Sem confundir independência com individualismo. Somos seres sociais, e tenho um enorme apreço pela proximidade das pessoas que me são queridas.

Gosto de saber que posso realizar tarefas cotidianas por conta própria, e sinto orgulho da pessoa que me tornei, das limitações que superei.

Perceber que minhas maiores limitações estavam na minha mente — o medo do fracasso, a vontade de desistir sem ao menos tentar — e que elas me impediam de alcançar a tão sonhada autonomia foi a chave para me tornar independente.

Eu achava que nunca conseguiria arrumar uma namorada, mas à medida que fui aceitando minha condição, esse temor foi esvaecendo… Até que conheci Allison, que gostou de mim pelo que eu era. Pude enfim compreender que se

aceitar e gostar de si próprio é determinante para o modo como as outras pessoas nos enxergam.

Se você pensa que suas limitações e deficiências não são nada demais, elas não serão nada de mais para os outros. O importante é ser autêntico. O

que importa é ser você. O importante é saber que você está dando o melhor de si. Afinal, para viver bem é preciso sempre se superar.

EXTRATEXTO



Eu e Artur, amigo de infância,
na praia de Maresias em 2003.



Viagem a brotas, no interior
de São Paulo em 2006.



Reunião familiar em 2007.
Eu, meu pai e meus irmãos.



Viagem de intercâmbio para a Califórnia em 2007 - eu e Ricardo, amigo de infância.



Viagem para Chapelco, Argentina com meus pais, Lucas em 2007.



Show do ACDC com minha mãe e família durante minha internação no hospital.



Meu aniversário de 19 anos no hospital ao lado dos meus amigos, Derek, Ricardo, Artur, Cabral, Stefano, Marco, Giovanna, Matheus, Garcia e Caio.



Reveillon no topo do prédio do Einstein em 2009 - eu e minha familia.



Primeira vez de pé desde as amputações, no centro Marian Weiss com Sylvio e Rodrigo, 2010.



Treinamento na Hanger em 2010.



Primeira vez com os *c-legs* 2010.



C-legs 2010.



Primeiros passos
com os *c-legs* 2010.



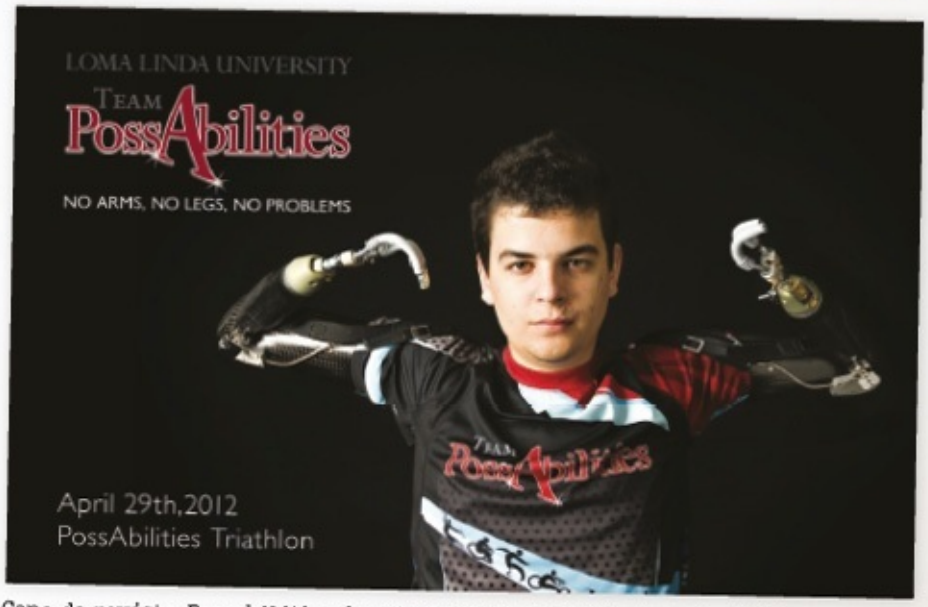
Campanha para o evento
de amputados bilaterais
acima dos joelhos da
Hanger, o *bootcamp*
2013.



Campanha motivacional para a Hanger - 2011.



Minha carteira de motorista sem restrições à minha condição física (2012).



Capa da revista *Possabilities* do mês de abril de 2012 sobre o triathlon.



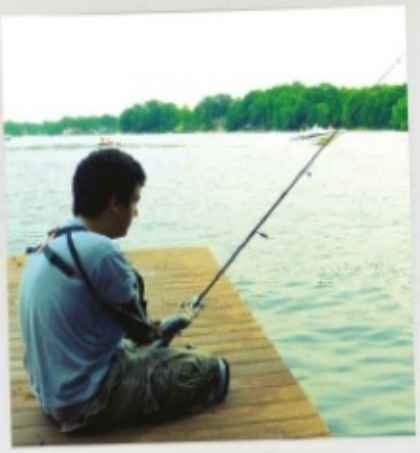
Cruzando a linha de chegada do triatlon da Possabilities, em 2012, na Califórnia, ao lado da Allison e Fábio.



Nadando com Giuseppe.



Jogando sinuca com a Allison num bar em Cleveland, 2013.



Pescando em um lago perto de Clevelland, Ohio, em 2012.



Quintal da casa do pai da Allison em Cleveland 2012.



Primeira vez fazendo a barba sozinho desde as amputações.

Casamento do meu amigo Rodrigo e sua esposa Joanna - Califórnia 2012.





Visita a Sagrada Família em Barcelona em 2012 - pai, Daniel, Allison, eu , mãe e Lucas.



Jantar em Barcelona durante visita ao Daniel e a Camila em 2012 - Celine, Lucas, Ju, Lu, Marcelo, eu, Allison, Camila e Daniel.



Allison e eu na praia de St. Pete onde moro na Flórida, em 2012.



Caminhada com a Allison pelas ruas de São Petersburgo.



Curtindo o pôr-do-sol na praia de St Pete Beach, 2014.



Praticando snowboard pela primeira vez
desde as amputações. Colorado, 2014.



Eu e o Cameron, visitando o golfinho amputado Winter na Flórida, 2013.



Fazendo churrasco para os amigos americanos, 2013.



Eu e um grupo de tetraamputados no Bootcamp de 2013.



Tomando um cafézinho numa tarde
de primavera na Flórida, 2013.



"Apoiando" a torre de Pisa em minha passagem pela Itália, 2014

PEDRO PIMENTA

Document Outline

- Ficha Técnica
- Introdução
- 1. A vida por um triz
- 2. Horizonte distante
- 3. Futebol, bullying e amizades
- 4. Uma nova realidade
- 5. Como o AC/DC salvou minha vida
- 6. Ano-novo, vida nova
- 7. Tentativa e erro
- 8. Fora da zona de conforto
- 9. Nada vem fácil
- 10. Um balde de água fria
- 11. Braços mecânicos
- 12. Alguém com os mesmos desafios
- 13. Mudança de mentalidade
- 14. A grande provação
- 15. Cadeira de rodas nunca mais
- 16. Um passo após o outro
- 17. Depois da tormenta, a festa
- 18. Conhecendo Allison
- 19. Quando amarelei
- 20. Agarrando a oportunidade
- 21. Independência nos EUA
- 22. Viver é superar
- 23. De volta ao Brasil
- 24. A prova final
- Conclusão
- EXTRATEXTO